

CADERNOS DE MEDIAÇÃO CULTURAL

# *Para todas as idades*

ARQUIVO VIVO • 2018–2020

PROGRAMA CCBB EDUCATIVO – ARTE & EDUCAÇÃO

*Para todas  
as idades*

ARQUIVO VIVO • 2018–2020

# Cadernos de mediação cultural

por Francisca Caporali e Samantha Moreira

O JA.CA – Centro de Arte e Tecnologia é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, que realiza e fomenta pesquisas, projetos e experimentações no campo das artes, em diálogo estreito com a educação, a arquitetura e o design. Desenvolve atividades em sua sede, situada no bairro Jardim Canadá, em Nova Lima, na Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG), assim como em outras localidades e instituições parceiras. Atualmente, além de se dedicar a dinâmicas locais do bairro, o JA.CA realiza o Programa CCB Educativo – Arte & Educação nas quatro unidades do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB).

Fomentado por incentivo federal, a partir de edital do Banco do Brasil, o programa conta desde 2018 com gestão e atuação concomitante em quatro importantes cidades brasileiras: Belo Horizonte, Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. Desenvolvido junto ao CCBB, o projeto nos permitiu explorar um novo contexto de trabalho no campo da mediação cultural, dialogando diretamente com todos os segmentos da programação do CCBB (Artes Visuais, Teatro, Cinema, Música e Ideias), incluindo ações de fomento a pesquisa, laboratório e formação de uma equipe com mais de 100 pessoas.

Permanentemente dedicado à ampliação do pensamento e das estratégias sobre mediação em instituições culturais, assim como ao desenvolvimento de múltiplos formatos de ações educativas e de comunicação, o Programa CCB Educativo – Arte & Educação traz como importante característica a abrangência de diferentes públicos, oferecendo à própria equipe um processo de formação continuada e a longo prazo.

Ao longo de sua existência, o programa tem experimentado variados arranjos que permitem um amplo campo de experiências às equipes locais, baseando-se na partilha de conhecimentos e em vivências associadas às exposições itinerantes. Com um projeto de comunicação unificado e atuante, inclui ainda atividades públicas desenvolvidas em articulação ao cotidiano das ações realizadas, privilegiando um contato aproximado entre diferentes agentes culturais e educativos no CCBB.

O JA.CA tem sede em Belo Horizonte, reunindo a coordenação nacional, composta por coordenação geral, pedagógica e de gestão, articulada a equipes de produção, administração e comunicação. Além disso, cada cidade que recebe as atividades do programa conta com coordenação local, coordenação pedagógica, coordenação de produção, atendimento, educadores e estagiários, com atuação alinhada a um conceito unificado.

Trazendo relatos escritos por educadores, estagiários, colaboradores e integrantes da equipe de comunicação do programa, a coleção **Cadernos de Mediação Cultural** tem como objetivo compartilhar diferentes aspectos dessa densa experiência. Organizados em quatro volumes, oferecemos ao público registros e reflexões a partir das atividades realizadas pelo programa ao longo de seus dois primeiros anos de atuação.



Dentre as múltiplas propostas formativas e espaços de reflexão e diálogo do Programa CCB Educativo – Arte & Educação, foram desenvolvidas estratégias e tecnologias educativas para lidar com os diversos aspectos do acesso e da diversidade a partir das potências da arte e da educação como manifestações culturais, por meio da criação de grupos de pesquisa-ação com ciclos anuais, chamados Grupos de Trabalho. **Infâncias, Práticas Artísticas e Pedagógicas, Outros Saberes e Acessibilidade** são os temas que guiam essas pesquisas, assim como orientam a organização da coleção Cadernos de Mediação Cultural.

No Grupo de Trabalho **Infâncias**, são estudadas as crianças e seus contextos culturais, a criança como produtora de cultura, culturas de infância em diferentes tempos e contextos locais, brincadeiras e outras manifestações culturais para a criança, práticas intergeracionais, elementos do ensino das Artes na Educação Infantil e Ensino Fundamental I da educação formal, além de questões urgentes que envolvem a infância a ser preservada e cuidada culturalmente – como, por exemplo, formas de minimizar o impacto do consumo voltado a este público e de tomar consciência sobre a exploração e o abuso de crianças, entre outros.

Boa leitura!

[www.jaca.center](http://www.jaca.center)

# Vivências compartilhadas

por Daniel Toledo



São certamente muitos os caminhos possíveis para a construção de memórias e reflexões a partir das múltiplas experiências a que temos acesso ao longo da vida – e isso inclui as experiências culturais. Enquanto grande parte dessas memórias silenciosamente reverbera em nossos pensamentos, sentimentos e práticas cotidianas, algumas têm a sorte de se converter em palavras escritas, oferecendo ao mundo e aos demais certo prolongamento de si, assim como a afirmação de perspectivas até então desconhecidas por nosso corpo coletivo. É a partir dessa multiplicidade de pontos de vista, a qual vigorosamente se apresenta, agora, como possibilidade histórica, que podemos ampliar nossas noções de arte, cultura e patrimônio, renovando o que se poderia entender como “arquivo cultural”.

No decorrer dos últimos doze anos, tenho me dedicado profissionalmente a atividades de pesquisa, reportagem e crítica em artes visuais e artes cênicas. E tenho experimentado, desde então, diferentes maneiras de gerar memória e reflexão sobre variadas experiências culturais. Seja na universidade, no caderno cultural de um jornal diário, em programas de residência em performance e artes visuais ou ainda em festivais de teatro, sempre me pareceu muito rica a possibilidade de entrar em contato com outras vozes e perspectivas.

Ao construirmos tais memórias escritas, podemos certamente nos dedicar a obras e acontecimentos que não necessariamente presenciamos, mas acessamos por meio de registros, entrevistas e leituras. Podemos também criar memórias ainda antes que uma obra se apresente ao público, a partir de interlocuções com as

intenções e as narrativas de cada artista. Ou ainda gerar memórias após vivermos concretamente cada experiência cultural, abrindo-nos à possibilidade, então, de acrescentar a essas memórias possíveis reflexões sobre seus processos e contextos de existência. Mas o que costumamos entender como uma experiência cultural?

Em atividade desde março de 2018, o Programa CCBB Educativo – Arte & Educação envolve um amplo e diversificado leque de ações essencialmente fundadas na presença e no convívio, reunindo atividades culturais e de formação voltadas a crianças e famílias, a estudantes e professores, e a artistas e pesquisadores, assim como aos demais frequentadores das quatro unidades do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), localizadas em Belo Horizonte, Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo.

No decorrer do seu primeiro ano de existência, alguns textos já haviam sido produzidos e publicados pela equipe de comunicação, geralmente elaborados a partir de registros em vídeo (no caso das atividades filmadas), ou ainda resultantes da eventual presença de integrantes dessa mesma equipe em alguma ação. A missão, de ali em diante, era criar uma dinâmica permanente de registros críticos e descritivos sobre uma parte mais significativa da programação realizada em quatro cidades diferentes.

## Arquivo Vivo

Elaborada nos primeiros meses de 2019, nossa proposta inicial envolveu diferentes frentes de trabalho. A primeira delas intencionava recuperar memórias de atividades previamente realizadas, promovendo entrevistas com convidadas e convidados que houvessem participado do primeiro ano do programa. Mais adiante decidimos, junto às coordenações artística e pedagógica, apostar na participação ativa de educadoras e educadores na produção das memórias “oficiais” do programa.

Partimos, então, à elaboração de uma dinâmica de registros que trouxesse ao protagonismo as múltiplas vozes presentes na estrutura do programa. A partir de um roteiro de formação inspirado em oficinas de dramaturgia, pedimos que cada educador se voltasse à própria trajetória, à própria relação com a escrita e também às principais memórias relacionadas à própria atuação, até aquele momento. Entendidos, a partir de então, como educadores-pesquisadores, todas e todos foram convidados a participar da construção das memórias do programa.

Em linhas gerais, a proposta editorial previa a escrita de dois relatos de atividades a cada mês, multiplicados pelas quatro cidades. Com periodicidade mensal, os encontros do curso **Múltiplo Ancestral** deveriam ser privilegiados, enquanto o segundo texto poderia abranger qualquer outra atividade: desde ações como o **Laboratório de Crítica** e o **Processos Compartilhados**, que pressupunham a presença de algum convidado externo, até o **Lugar de Criação** e as **Visitas Agendadas**, nas quais a própria equipe de mediação era responsável pela elaboração e condução dos encontros. Por terem registros em vídeo, as atividades **Transversalidades** e **Com a Palavra** continuariam sendo relatadas pela equipe de comunicação.

Desde o início entendemos que cada educadora e cada educador teria um estilo diferente de abordagem e escrita, e buscamos valorizar essa característica durante a edição dos relatos. Enquanto alguns produziam textos mais jornalísticos, outros se permitiam contaminar a escrita com elementos artísticos ou ainda ensaísticos. O importante, no fim das contas, era que os escritos relatassem as propostas geradoras de cada atividade selecionada e também o que efetivamente acontecesse, tendo em mente o público que não podia estar presente.

Além disso, incentivamos que autoras e autores oferecessem reflexões pessoais sobre os conteúdos e as metodologias de cada atividade e identificassem possíveis contribuições das atividades para futuras práticas de arte e educação. Após serem elaborados pelas educadoras e educadores, os textos eram editados e publicados em nosso site. A esse novo tratamento das memórias do programa, chamamos **Arquivo Vivo**.

## Memórias de arte e educação

Estamos em meados de 2020 e testemunhamos com surpresa um mundo bastante diferente do que conhecíamos antes. Temporariamente, já não há visitas escolares às galerias nem cursos ou palestras presenciais nos centros culturais. Boa parte das experiências culturais ganham novas faces e dimensões, e a memória se torna o único caminho para acessar vivências coletivas que antes nos pareciam tão corriqueiras.

Felizmente, no caso do Programa CCBB Educativo – Arte & Educação, a construção dessa memória se deu a tempo. Após um ano de intenso trabalho editorial, alcançamos a marca de 150 textos publicados por mais de duas dezenas de autoras e autores, entre integrantes das equipes de comunicação e mediação. De maneira processual e bastante orgânica, nosso vívido arquivo amplificou vozes e borrou distâncias, trazendo a um mesmo território – virtual – experiências narradas por múltiplas vozes, e vividas em diferentes pontos do tempo e do espaço.

Também se aproximaram, com a ativação do arquivo, as relações entre as equipes e os temas abordados nos Grupos de Trabalho que organizam suas atividades dentro do programa: **Infâncias**, **Práticas Artísticas e Pedagógicas**, **Outros Saberes** e **Acessibilidade**. A partir do acúmulo de diferentes perspectivas e experiências relacionadas a cada um dos temas, vislumbramos, agora, a organização temática do amplo material produzido.

Geralmente relegado a um lugar secundário dentro das programações institucionais e também na cobertura midiática, o campo ampliado da arte-educação mostrou-se capaz de articular, ao longo de dois anos, práticas e discussões de grande relevância para debates sobre infância, escola, família, arte, sociedade e identidade brasileira. Fincando suas bases no estímulo à pesquisa, à escrita e à leitura, o **Arquivo Vivo** converteu-se, dentro da estrutura do Programa CCBB Educativo – Arte & Educação, em um frutífero espaço de produção de pensamento e partilha de experiências, afirmando em múltiplas palavras e pontos de vista as dimensões políticas e poéticas dos atos de conviver, ensinar e aprender.

[www.ccbbeducativo.com](http://www.ccbbeducativo.com)

# Sumário

Esta é uma publicação interativa.

Para acessar os textos, basta clicar sobre os títulos relacionados na lista abaixo.

## ENTRE A ESCOLA & O MUSEU

- 14** **Tem um bebê correndo na galeria!**  
*Atividade Especial c/ Ai Weiwei para bebês*
- 16** **Primeiros olhares**  
*Atividade Especial c/ Visita mediada para bebês*
- 18** **A cidade à altura das crianças** ◉  
*Transversalidades c/ Fernanda Regaldo*
- 20** **Para gostar de ler** ◉  
*Transversalidades c/ Nazareth Salutto*
- 22** **Criança sabe muito**  
*Processos Compartilhados c/ Cirila Targuetta*
- 24** **A masculinidade no contexto escolar** ◉  
*Transversalidades c/ Caio César*
- 26** **Tudo é educação** ◉  
*Transversalidades c/ Juliana Gama Izar*
- 28** **Educação com as crianças** ◉  
*Transversalidades c/ Renato Nogueira*
- 30** **Para reinventar a arte e a educação**  
*Processos Compartilhados c/ Mônica Hoff*
- 32** **A consciência anti-racista** ◉  
*Transversalidades c/ Mara Pereira dos Santos*

## DESENHAR, TECER, RECORTAR, ESCULPIR

- 36** **O Cerrado em fios d'água**  
*Múltiplo Ancestral c/ Matizes Dumont*
- 38** **Conexão, encontro e destino**  
*Lugar de Criação c/ Coletivo Meio Fio*
- 40** **Quem são seus ancestrais?**  
*Lugar de Criação c/ Linhografia*
- 42** **Desenrolando Klee**  
*Múltiplo Ancestral c/ Camila Moreira*
- 44** **Sentire Botânica**  
*Lugar de Criação c/ Björk Digital*
- 46** **Entre livros e corpos**  
*Atividade Especial c/ Ateliê Libélula*
- 48** **Um gesto em direção à palavra**  
*Atividade Especial c/ Sylvia Amélia*
- 50** **O tempo da serigrafia**  
*Múltiplo Ancestral c/ Eudaldo Sobrinho*
- 52** **Peça a peça**  
*Múltiplo Ancestral c/ Benedikt Wierzk*
- 54** **Faça você mesmo**  
*Lugar de Criação c/ Julia Gonzalez*

## CIRCO, TEATRO E CONTAÇÕES DE HISTÓRIAS

- 58** **Na atmosfera da brincadeira**  
*Múltiplo Ancestral c/ Leo Ladeira*
- 60** **As palhaças curam com suas palhaçadas**  
*Atividade Especial c/ Enfermaria do Riso*
- 62** **Quem tem medo do ridículo?**  
*Múltiplo Ancestral c/ Palhaça Matusquella*
- 64** **Corrida mitológica**  
*Atividade Especial c/ Educadores do CCBB SP*
- 66** **Histórias sinistras**  
*Lugar de Criação c/ Trocação de Histórias*
- 68** **A revolução dos bichos**  
*Atividade Especial c/ Teatro de Sombras*
- 70** **Comida musical**  
*Múltiplo Ancestral c/ Amarilis*
- 72** **O mundo e suas origens**  
*Múltiplo Ancestral c/ Lia de Manaká*
- 74** **Estrelas cadentes no céu pendente**  
*Atividade Especial c/ Cia Trilhos*

## FESTAS, TRADIÇÕES E SABERES DO BRASIL

- 78** **Um domingo de Carnaval**  
*Múltiplo Ancestral c/ Cordão do vai quem fica*
- 80** **Arraial da rua da Quitanda**  
*Múltiplo Ancestral c/ Festa Junina*
- 82** **Os vaivéns de redes e histórias**  
*Múltiplo Ancestral c/ Ju Cata-Histórias*
- 84** **Musicalização para crianças**  
*Múltiplo Ancestral c/ Sinfônica Ambulante*
- 86** **Bê-a-bá indígena**  
*Múltiplo Ancestral c/ Christian Wari'u*
- 88** **As crianças na tradição jongueira**  
*Múltiplo Ancestral c/ Casa de Jongô*
- 90** **ABCerrado**  
*Múltiplo Ancestral c/ Mestre Pau Pereira*
- 94** **Linhas que são feitas e refeitas**  
*por Tatiana Duarte, em colaboração com Valquíria Prates*
- 96** **Tramas de uma invasão pequenina**  
*por Geovana Freitas, em colaboração com Valquíria Prates*
- 100** **Autoras e autores**
- 104** **Ficha técnica e agradecimentos**
- 107** **Créditos das imagens**



Ao longo da leitura, clique neste ícone para retornar ao sumário

# Palavras-chave

Esta é uma publicação interativa.

Para acessar os textos, basta clicar sobre os números de página relacionados na lista abaixo.

## A

#Ai Weiwei **14**  
#alegria **78**  
#alfabetização **90**  
#alimentação consciente **70**  
#ancestralidade **36, 40, 72, 86**  
#argila **52, 54**  
#arquitetura **64**  
#arte contemporânea **30**  
#arte relacional **30**  
#artes gráficas **46, 50**

## B

#Björk **44**  
#bordado **36, 38**  
#brincadeira **58, 60, 62, 64, 66, 80**

## C

#Carnaval **78, 84**  
#cerrado **78, 90**  
#Chiharu Shiota **38**  
#colagem **48**  
#consciência ambiental **70**  
#coordenação pedagógica **94**  
#cultura oriental **38**  
#cultura popular **36, 66**  
#culturas africanas **28, 88**  
#culturas afro-diaspóricas **88**  
#culturas indígenas **82, 86**

## D

#desenho **42, 44, 52**  
#diáspora africana **32**  
#direito à cidade **18**

## E

#educação informal **26**  
#educação no campo **90**  
#educação para crianças **24, 28, 32, 68**  
#educação social **26**  
#escola **24, 68, 86**  
#escrita **22, 48**  
#escultura **52, 54**  
#expressão corporal **58**

## F

#fábulas **28, 40, 72, 74, 82**  
#faça-você-mesmo **50**  
#festa junina **80**  
#festas populares **78, 80**  
#figura humana **54**  
#formação **94**  
#fotografia **46**

## H

#história da educação **26**

## I

#igualdade racial **32**  
#ilusionismo **62**  
#imaginação **66**  
#instituições culturais **16, 96**  
#instrumentos musicais **84**

## J

#jongo **88**

## L

#leitura **20**  
#literatura para crianças **20**

## M

#masculinidade **24**  
#maternidade **14**  
#mediação cultural **16, 30, 64, 94, 96**  
#memória **58**  
#música **74, 84**

## O

#objetos relacionais **16**

## P

#palhaçaria **60, 62**  
#Paul Klee **42**  
#performance **42**  
#plantas **44**  
#primeira infância **14, 16, 20, 22, 96**  
#publicações **18, 46**

## R

#recortar **40, 48**  
#rua **80**

## S

#saúde **60**  
#serigrafia **50**

## T

#teatro de sombras **68**  
#teatro para crianças **22, 70, 72, 74, 82**  
#tecnologia **86**

## U

#urbanismo **18**

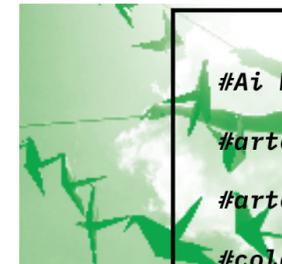
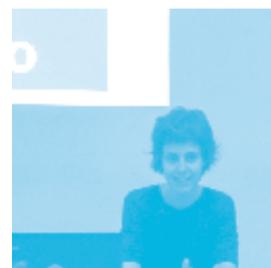
## V

#Vaivém **82**

*#Ai Weiwei*  
*#arte contemporânea*  
*#arte relacional*  
*#colaboração*  
  
*#culturas africanas*  
*#diáspora africana*  
*#direito à cidade*  
*#educação informal*  
*#educação para crianças*  
*#educação social*  
*#escola*  
*#escrita*  
*#fábulas*  
*#história da educação*  
*#igualdade racial*  
*#instituições culturais*  
*#leitura*  
*#literatura para crianças*  
*#masculinidade*  
*#maternidade*  
*#mediação cultural*  
*#objetos relacionais*  
*#primeira infância*  
*#publicações*  
*#racismo*  
*#teatro para crianças*  
*#urbanismo*



# Entre a escola e o museu



# Tem um bebê correndo na galeria!

por Arthur Queiroz, Cintia Maria Ricardo, Mariana Morais & Mi Santiago

ATIVIDADE ESPECIAL C/ AI WEIWEI PARA BEBÊS • 25 DE OUTUBRO DE 2019

As expressões das pessoas adultas quando vêem um bebê dentro de uma exposição de arte são certamente muito diversas. Costumam transitar do encantamento à surpresa, incluindo alguns responsáveis desesperados com seus pequenos, correndo de um lado para o outro, e mães apreciando as obras enquanto amamentam. Essas são somente algumas das visões que tivemos no CCBB RJ durante os dias em que realizamos atividades para bebês. Trata-se de momentos de socialização e fruição com a arte que, para a maioria dos responsáveis por crianças pequenas, são instantes raros que há muito não acontecem.

O desejo de intensificar o diálogo com as crianças pequenas – e seus responsáveis – é algo que nos move dentro do Grupo de Trabalho Infâncias (GT Infâncias), um dos eixos integrantes do Programa CCBB Educativo – Arte & Educação. Para dar continuidade à pesquisa e ao trabalho iniciados em 2018 com “Basquiati para bebês”, em parceria com a pesquisadora Maria Emília Tagliari, propusemos no mês de outubro de 2019 a terceira edição da Atividade para Bebês. Dessa vez, entramos em contato com a exposição “Ai Weiwei – Raiz”.

Olhares atentos, corpos que se movem de modo a esquecer, por um longo e prazeroso tempo, as normas sociais que tanto restringem nossos movimentos. Dentro da sala do setor educativo, também chamada de “laboratório”, construímos um espaço dedicado a acolher bebês e acompanhantes, de modo que somente o momento presente pudesse existir a todo instante, deixando fora da sala outras preocupações. De um lado, o olhar cuidadoso e alerta das mediadoras; de outro, os gestos dos responsáveis pelas crianças, integrados às brincadeiras, constantemente direcionados ao prazer de satisfazer e provocar risos e risadas nos pequenos. Pouco a pouco, criou-se uma atmosfera de carinho e cooperação mútua em que os responsáveis se relacionaram entre si e com os bebês, de modo a tornar as brincadeiras e investigações em momentos lúdicos e, por que não dizer, mágicos.

Nesse processo de pesquisa e prática continuada, percebemos que o corpo de cada bebê transita de acordo com o do seu responsável, a partir de vínculos que permitem intensas trocas de experiências e afetos. O processo de emancipação é mútuo: bebê e responsável, gradativamente, entendem os próprios limites ao mesmo tempo em que expandem suas fronteiras. Nossa atividade, portanto, busca reafirmar a instituição cultural e também o espaço expositivo como territórios comuns a todos. Espaços que convocam o bebê como um sujeito filosófico que interage e interfere no espaço, assim como nas imagens e nas relações que ali se estabelecem.



## Como receber um bebê filosófico e autônomo?

Devido à grande quantidade de público interessado em participar nas edições anteriores, a atividade “Ai Weiwei para Bebês” teve inscrições prévias que contemplavam crianças e seus responsáveis. A organicidade do espaço onde ocorreu o encontro começou a ser pensada desde o momento de chegada e recepção, entendendo ser fundamental que crianças e responsáveis estivessem tranquilos para o início da atividade com os educadores. Isso também perpassa aspectos fundamentais de um olhar pedagógico e mediador diante das ações, incluindo áreas para a troca de fraldas, a organização dos carrinhos e ainda a higienização prévia do espaço, possibilitando conforto e liberdade para todos.



A atividade foi realizada às 10 da manhã de quinta-feira, e propusemos que a vivência tivesse uma hora de duração. Após o acolhimento das famílias, momento no qual apresentamos a proposta do encontro e a pesquisa do GT Infâncias, realizamos a separação de dois grupos: bebês que andam e bebês que ainda não andam. Essa divisão se relaciona aos diferentes momentos do desenvolvimento cognitivo apresentados por cada criança, considerando que o processo de exploração de ambientes varia de acordo com a autonomia motora que os pequenos e pequenas exercem sobre seus próprios corpos.

Enquanto o grupo dos bebês que andam estava indo para a galeria se aproximar das obras de Ai Weiwei, o grupo dos bebês que não andam foi direcionado para o laboratório, uma sala onde estavam dispostos, junto ao cenário que criamos, alguns objetos relacionais pensados a partir de obras, cores e narrativas presentes na exposição. Depois de meia hora, os grupos trocaram de espaço.

O espaço do laboratório foi adaptado para a atividade, na intenção de tornar o ambiente acolhedor e seguro, assim como estimular vivências sensoriais e facilitar a interação entre as crianças e seus responsáveis. Em cada uma de nossas atividades para bebês – e nessa não foi diferente – percebemos nitidamente que o espaço pode estimular diferentes tipos de relações entre os participantes.

## Explorar o desconhecido

Em “Ai Weiwei para bebês”, a ampliação do espaço expositivo promoveu ainda momentos de experimentação sonora. Usando apenas um tubo amarelo sanfonado, comumente encontrado em canteiros de construção civil, a imaginação de muitos pequenos foi ativada. O pequeno Arthur, por exemplo, criou variados sons na companhia de sua mãe: com um simples conduíte nas mãos, ele balbuciava e soltava pequenos gritos toda vez que um novo som saía do objeto. A educadora Mariana Morais mostrou-lhe, então, como fazer som de passarinho com o conduíte. Pelo sorriso, Arthur deve ter achado um barato. E a mãe de Arthur pareceu gostar da ideia de um brinquedo tão simples e tão prazeroso de brincar.

Apesar de partir de objetos bastante simples, a complexidade da atividade se revelou com os múltiplos caminhos de investigação possíveis para tornar os mesmos objetos instigantes aos participantes, ao ponto de todos se sentirem tocados e impulsionados a encontrar e explorar tais elementos. Foi emocionante acompanhar a realização desse processo, assim como perceber o quanto as trocas e relações se intercruzaram no decorrer da atividade: cada qual com seu par, aumentando por vezes para trio, quarteto e assim por diante. Houve, inclusive, um momento em que todos se envolveram juntos na brincadeira com os objetos, assim como outros instantes em que cada criança foi para um canto do espaço brincar com seu acompanhante. Dentre as diversas situações vividas, um grande feito foi a intensidade palpável da atividade, percebida por todos que intensificaram as próprias presenças ao experimentar aquele encontro.

Música, choro, barulho, gritinhos, risadinhas, rostos zangados e também tristeza pelo fim da atividade: tudo aconteceu conforme os corpos das crianças correspondem e devem fazer. O contínuo desenvolvimento das relações de cada criança com os espaços visitados – o laboratório e a galeria de exposições – tornou-se mais visível a cada instante de admiração pelos objetos, pelas salas com suas portas gigantes, pelo barulho do ar condicionado e até mesmo pelas demais pessoas desconhecidas que estavam também a circular pelos mesmos espaços. Sucessivamente, diferentes percepções e sensações eram traduzidas pela espontaneidade dos pequenos corpos-sujeitos que, naquela tarde, exploravam o centro cultural, cheios de surpreendentes inteirezas e curiosidades despertas. O impacto desses pequenos corpos é ainda impressionante pela inquietude que tendem a despertar nos adultos, ao mesmo tempo estimulados e desafiados pela curiosidade dos pequenos.

Seja para corpos já maduros ou ainda em desenvolvimento primário, a experiência do sensível tem na investigação do espaço uma das mais importantes fontes, de modo que estar no espaço da galeria deve ser um direito também garantido às crianças pequenas e seus acompanhantes.

#primeira infância #maternidade #Ai Weiwei

# Primeiros olhares

por Geovana Freitas

ATIVIDADE ESPECIAL C/ VISITA MEDIADA PARA BEBÊS • 01 DE MARÇO DE 2020



*“Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: ‘Me ajuda a olhar!’”*

— Eduardo Galeano, em “O Livro dos Abraços”

Como fruto de pesquisas do Grupo de Trabalho Infâncias, realizamos em janeiro de 2020 nosso primeiro encontro com – e para – bebês no Museu no Acervo Brasil do CCBB DF. Composto pelo estudante de Licenciatura Letras-Libras Douglas Ferreira, o estudante de Artes Visuais Junior Fernandes e a pedagoga Geovana Freitas, o grupo tem pesquisado as relações entre bebês, espaços museais e mediação. O que bebês podem fazer dentro de espaços expositivos? O que podemos, como mediadores, fazer a esse respeito? O que pensam as instituições museais e culturais sobre a presença de bebês? A partir dessas e de outras indagações, nos debruçamos na tentativa de encurtar laços entre bebês e espaço museais e culturais, de maneira a reverberar em ações voltadas para bebês dentro de galerias de arte.

Entendemos, aqui, os espaços culturais como espaços de direito, sendo esse resguardado pelo artigo 58 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), ao estabelecer que “no processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais [...] garantindo-se a estes a liberdade da criação e o acesso às fontes de cultura”. Sentimos, portanto, profunda responsabilidade no trato dessa ocupação dos espaços que integram o CCBB DF pela primeira infância, buscando superar tradições historicamente distintivas. Ao mesmo tempo, consideramos que a oportunidade da presença desses sujeitos nesse espaço demanda preparação, escuta e tentativa. Partiremos, então, da primeira pergunta: se é direito previsto em constituição, porque vemos pouca presença de bebês em galerias?

## *O que bebês podem fazer dentro de espaços expositivos? O que podemos, como mediadores, fazer a esse respeito?*

Algumas leituras nos deram pistas que, mesmo parcialmente, respondem às nossas inquietações. Em “Bebês no Museu de Arte: Processos, Relações e Descobertas”, a educadora Maria Emília Tagliari investiga a frequência de bebês de 0 a 3 anos em museus e centros culturais de diversas regiões brasileiras. Entre 85 instituições pesquisadas, 31 afirmam ser inexistente a presença de bebês, 20 indicam ser muito baixa e 14, baixa presença. Podemos relacionar esse resultado à falsa compreensão de que, para experimentar arte, seria necessário esse ou aquele arcabouço teórico, de modo que crianças e bebês supostamente não poderiam acessar o que está dentro desses espaços.

Ainda na pesquisa de Maria Emília, há outro importante apontamento relacionado à acessibilidade, segundo o qual proposições voltadas a essa faixa etária demandariam atenção especial com horários, frequência e possibilidade de alimentação. Também devem ser consideradas, segundo ela, especificidades de comunicação e formas de leitura de mundo, que a essa altura da vida se dão sobretudo a partir de contatos táteis. Trata-se, no entanto, de cuidados que muitas vezes vão na contramão do que as instituições podem oferecer. Como resposta a esse contexto, para alcançar as devidas possibilidades de relação entre bebês e museus, deve haver sempre um desdobramento de forças coletivas. É desse modo que, filosoficamente, começamos a ajudar Diego a ver.

### **Curiosidade, aproximação e devaneio**

A mediação para bebês nasce como um convite ao olhar, ao desfrute do espaço e a se aconchegar. A aproximação começa com o reconhecimento, e o reconhecimento, com a desconstrução de elementos que socialmente associamos ao universo dos bebês e das crianças. Nada de tapetes de E.V.A., nem músicas de grande circulação voltadas a públicos infantis. Entre obras de artistas como Tomie Ohtake e Rubem Valentim, criamos um círculo de almofadas perfumadas com capim-limão e instrumentos que nomeamos como “objetos de ver”: lupas, filtros de cor e lanternas.

Embalados por acordes de lira e múltiplos balbucios, exploramos os outros, o espaço e os sons ao redor. Inspirados por palavras da educadora britânica Mary Warnock, nos dedicamos à criação de um espaço em que as crianças pudessem “olhar e ouvir de maneira que a emoção imaginativa seja consequência” – e que também nós, enquanto educadores e aprendizes da infância, pudessem reaprender a ver um espaço que cotidianamente visitamos em companhia da fala – muitas vezes erudita.

Ao longo da atividade, entretanto, pudemos fruir juntos, em uma só energia. Sob a condução dos pequenos, compartilhamos seus olhares através dos filtros de cores, dirigidos para seus pares, aos adultos e ao espaço. Sentados e deitados na galeria, desfrutando do cheiro de capim e de uma temperatura cada vez mais agradável, aos poucos fomos nos acostumando com a presença um do outro, vez ou outra desfrutando de momentos de silêncio, observação profunda e devaneio. Ao fim, já íntimos de nossas vozes e risos, nos despedimos.

A partir dessa experiência, pudemos perceber nossas limitações, assim como novas perspectivas de ação e projetos com bebês dentro de galeria. Viva os bebês! Vida longa às infâncias! Acreditamos, afinal, que a aproximação com a arte e suas diversas linguagens pode mobilizar a imaginação, a sensibilidade e a capacidade de olhar não só o mar, mas também o outro e o mundo.

#primeira infância #mediação cultural  
#objetos relacionais #instituições culturais

# A cidade à altura das crianças

por Guilherme Augusto

TRANSVERSALIDADES C/ FERNANDA REGALDO • 16 DE OUTUBRO DE 2019



Em outubro de 2019, durante mais uma edição do curso **Transversalidades**, a pesquisadora Fernanda Regaldo propôs, dentro do Programa CCBB Educativo – Arte & Educação, uma reflexão crítica sobre como as cidades são construídas e como as crianças circulam e se relacionam com esses espaços urbanos. O encontro aconteceu no CCBB BH e reuniu professores e educadores, além de outros públicos interessados.

Editora da revista Piseagrama e mestre em política comparada, Fernanda iniciou a fala com uma breve apresentação da publicação, que atualmente tem edições semestrais e com o tempo se ampliou para uma plataforma editorial que realiza também ações como debates, micro-experimentos urbanísticos, oficinas, campanhas e publicação de livros. “A revista começou em 2010 com o objetivo de ser uma plataforma para debater o espaço público. Hoje, defendemos que os temas abordados são diversos, podem ser definidos como questões urgentes”, resume ela.

Publicada em janeiro de 2015, a sétima edição da revista gira em torno do tema “Passeio” e aborda a condição de “pedestres e ciclistas, as calçadas e a falta delas, o caminhar e o errar, o tempo não produtivo nas cidades, o turismo e a relação com o outro nas ruas”. Entre os 16 textos presentes na publicação, “Devagar: Crianças”, escrito pela própria Fernanda, dedica especial atenção à presença infantil no espaço urbano e reflete de que maneira as crianças podem se apropriar da cidade e, principalmente, como as cidades podem ser menos opressivas para elas.

“Para pensar a cidade à altura das crianças, eu faço um convite bem literal mesmo, que é o de tentar nos imaginar com uma altura entre 95 e 120 cm. Esse é um exercício feito por planejadores urbanos justamente para atingir a perspectiva da criança, completamente esquecida durante muito tempo. Quando a gente se ajoelha e começa a olhar a cidade que nos rodeia, apesar de vermos as mesmas coisas, fica evidente a hostilidade do espaço urbano”, comenta.

## Crianças nas calçadas

Segundo a convidada, o fato de muitas crianças não viverem os espaços públicos de forma natural e espontânea acabam refletindo na maneira como vivenciam os processos proporcionados pela cidade. Ao se locomoverem principalmente usando veículos motorizados, como carros e ônibus, muitas crianças embarcam em um cotidiano no qual a cidade se torna estrangeira. “Algumas pesquisas mostram que a produtividade escolar de crianças que vão a pé ou de bicicleta para a escola é maior. Além disso, é possível perceber que o carro é o grande inimigo das crianças dentro das cidades”, diz Fernanda, citando o atropelamento como uma das principais causas de morte infantil em contextos urbanos.

A velocidade média dos carros no perímetro urbano é apontada, então, como um fator decisivo para garantir a fluidez do trânsito e a segurança dos pedestres. Essa questão, segundo a pesquisadora, é crucial para garantir a presença das crianças em ruas e calçadas. “As experiências de velocidade máxima a 30 km/h que temos em Belo Horizonte ainda são insipientes e precárias. Uma política não se faz somente com placas de sinalização, é necessária também uma campanha de conscientização que leve em conta o entendimento da população”, explica.

Pensando nisso, a Piseagrama lançou em 2012, durante o evento Noite Branca, realizado no Parque Municipal de Belo Horizonte, uma campanha baseada em cinco frases: “Ônibus sem catraca”, “Carros fora do centro”, “Parques abertos 24h”, “Uma praça por bairro” e “Nadar e pescar no Arrudas”. Segundo Fernanda Regaldo, apesar de os cartazes, bolsas, adesivos e lambe-lambes terem nascido como uma resposta a peças de propaganda política que periodicamente poluem a cidade em anos de eleição, as demandas levantadas certamente também atendem as crianças.

“Essas frases trazem uma proposta sem rosto, sem número e que pode ser adotada por qualquer pessoa. Trata-se de uma utopia possível e realizável. Além disso, para o universo infantil, todas elas fazem muito sentido, porque possibilitam a vida das crianças nas cidades. Apesar de serem demandas simples, a gente observa que depois de quase 10 anos, a campanha está aí e muitas coisas ainda não mudaram”.

Fernanda Regaldo é mestre em política comparada pela London School of Economics e editora da revista Piseagrama. Pesquisa dinâmicas urbanas e práticas espaciais, é coautora do livro “A Natureza Mora ao Lado” (2011) e coorganizadora de “Guia Morador de Belo Horizonte” (2013), “Escavar o Futuro” (2014) e “Urbe Urge” (2018).

***“Quando a gente se ajoelha e começa a olhar a cidade que nos rodeia, apesar de vermos as mesmas coisas, fica evidente a hostilidade do espaço urbano”***

TRANSVERSALIDADES C/ FERNANDA REGALDO  
[youtu.be/5r6hkT4mSSk](https://youtu.be/5r6hkT4mSSk)

#urbanismo #direito à cidade #publicações

# Para gostar de ler

por Guilherme Augusto

TRANSVERSALIDADES C/ NAZARETH SALUTTO • 16 DE MARÇO DE 2019

Seja em livros impressos ou digitais, ou ainda em jornais ou revistas, ler é uma maneira de se manter informado e exercitar o cérebro. Apesar dos benefícios do hábito de leitura, promovê-la ainda é um dos grandes desafios enfrentados pela educação brasileira, mesmo que o ensino de obras literárias seja uma das exigências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil. Pensar a leitura nesse contexto, geralmente, nos remete aos clássicos canônicos que fundaram a ideia de literatura nacional. Subverter esse pensamento e transportá-lo para os livros infantis, entretanto, requer um olhar pedagógico para o aparentemente simples ato de folhear as páginas do objeto sem dar tanta atenção, necessariamente, à história que ali está exposta.

Para a pesquisadora Nazareth Salutto, refletir sobre a formação de novos leitores deveria antes ser um movimento de olhar, principal e cuidadosamente, para bebês e crianças pequenas. “Em geral, nas escolas, quando estamos trabalhando determinada obra, as professoras fazem aquela roda clássica, com o adulto na frente, segurando o livro, e as crianças como a sua plateia. Com os bebês, isso não acontece. Tenho trabalhado muito com a subversão desse modelo, operando com uma nova lógica que coloca os sujeitos – nesse caso, os bebês – como condutores do processo de aprendizado”, conta.

Ancorado na área de educação e na formação inicial e continuada de professores, seu trabalho como pesquisadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), toma como base o tripé educação, psicanálise e antropologia. A observação do comportamento nos primeiros meses e anos da vida de uma criança a levou a constatar uma série de hipóteses a respeito das etapas do aprendizado, questionando a maneira como os bebês têm sido tratados pela educação formal.

“O que temos oferecido do mundo aos bebês? Quando vemos os catálogos que se dedicam a eles, por exemplo, sempre há uma linha ascendente para as suas vidas. E isto, se observarmos, está impregnado em práticas cotidianas que insistem em tomá-los como seres vazios que estão à espera do fornecimento de algo”, aponta. “Eles são expostos a um volume de consumo exorbitante em nome do que se diz bom para o desenvolvimento e, portanto, estimulados a todo momento, pois são considerados inaptos para encarar qualquer coisa sem, antes, uma mediação.”

Em contraponto à quantidade de estímulos oferecidos aos pequenos, a solução encontrada pela pesquisadora é deixar que os próprios bebês sejam os atores de seus momentos de leitura, permitindo que entrem em contato direto com os livros, manuseando-os e criando distintas relações com o objeto. “É óbvio que ele vai babar ou eventualmente rasgar as páginas. Os bebês agem com tenacidade. Mas não adianta ter uma biblioteca incrível, com os melhores livros recomendados pela pedagogia mundial, se esses livros não são usados pelos leitores”, comenta.

***“É óbvio que ele vai babar ou eventualmente rasgar as páginas. Os bebês agem com tenacidade. Mas não adianta ter uma biblioteca incrível, com os melhores livros recomendados pela pedagogia mundial, se esses livros não são usados pelos leitores.”***



## A atitude relacional

Considerando bebês com até três anos de idade, Nazareth Salutto destaca a importância de torná-los participantes do processo de aprendizagem, ou seja, de incluí-los nas atividades de forma que eles também tomem partido das decisões. “Muitas vezes, nossa atitude diante dos bebês é de interdição, com o objetivo de educá-los. Um movimento contrário a isso exige que professores e educadores tenham um conhecimento profundo sobre o que é o bebê, quais são as suas necessidades, seu comportamento, gostos etc. – o que nos revela muitas categorias”, defende.

Segundo a pesquisadora, bebês e crianças precisam de espaço para se tornarem cidadãos plenamente inseridos na sociedade e dotados de autonomia cultural. Em sua visão, interromper esse processo de conquista da independência pode atrapalhar a compreensão do mundo, na maior parte dos casos associada a uma mediação anterior. Dar liberdade de escolha às crianças pequenas seria, portanto, também um ato pedagógico de aprendizado.

“Defendo essa faixa etária (de até três anos de idade) justamente para que seja dado o devido espaço para as experiências subjetivas dos bebês. Além disso, eles devem ser entendidos enquanto pessoas comprometidas com as suas presenças no mundo. É muito importante ler para o bebê, por exemplo, para ativar os neurônios. Mas também é essencial que ele estabeleça relação com os objetos de aprendizagem, tanto para o desenvolvimento cognitivo quanto para o motor”, explica.

## O mundo e a criança

Nazareth Salutto ainda defende que o mundo da criança é também o mundo do adulto, e, portanto, não há porque tentar separá-lo ou compreendê-lo à distância. Para ela, o “mundo real” deve ser apresentado aos pequenos de forma sutil, já que as próprias ações dos bebês correspondem a “gigantescas” sutilezas.

“É nosso compromisso oferecer acesso ao mundo e se esforçar para não invadir – ou censurar – o universo imaginativo que as crianças têm. Os livros devem ser apresentados segundo essa premissa e atuando no tempo-espaço de ser bebê. Ler também é brincadeira, e um dos segredos para uma formação bem sucedida do leitor é torná-la lúdica. Caso contrário, ela não se institui”.

Nazareth Salutto é doutora em Educação pela PUC-Rio, mestre em Educação pela UFRJ, especialista em Educação Infantil (PUC-Rio) e Pedagogia (ISERJ). Professora Adjunta do Departamento Sociedade, Educação e Conhecimento da UFF, atua na formação de professores com ênfase em discussões sobre infância, linguagem, bebês e crianças pequenas, e formação do leitor e leitura literária com bebês e crianças pequenas.

TRANSVERSALIDADES C/ NAZARETH SALUTTO  
[youtu.be/NVCwJ38NsMI](https://youtu.be/NVCwJ38NsMI)

#primeira infância #leitura  
#literatura para crianças

# Criança sabe muito

por Daniel Toledo

PROCESSOS COMPARTILHADOS C/ CIRILA TARGHETTA • 30 DE MAIO DE 2019



Sediado em Brasília, o Coletivo Antônia se dedica já há uma década a estudos e investigações teatrais para a chamada primeira infância, tendo como pressuposto a criação de dinâmicas horizontais entre crianças e adultos, baseadas em uma visão que considera as habilidades e sensibilidades emocionais, poéticas e estéticas de seus pequenos colaboradores. Convidada a conduzir um encontro do curso **Processos Compartilhados** em maio de 2019, a artista e pesquisadora Cirila Targhetta dividiu com o público do CCBB DF alguns capítulos importantes da trajetória do grupo, assim como um amplo conjunto de aprendizados reunidos ao longo dos últimos dez anos.

Entre esses aprendizados figura uma declarada recusa ao termo teatro infantil, justificada pela própria origem da expressão. “A palavra infância vem do latim e significa ‘aquele que não fala’. Se a gente já entende a criança como alguém que não tem algo, isso nos coloca num lugar de verticalidade, de olhar de cima para baixo. É como se as crianças não fossem nada, não entendessem nada do mundo, e fossem salvas à medida que crescessem, adquirissem conhecimento e se tornassem, enfim, seres completos”, reflete Cirila, chamando atenção à sensação de incompletude que segue nos acompanhando também na idade adulta.

Com intenção de superar essa perspectiva, a artista conta que os trabalhos do grupo tiveram início com uma série de visitas a uma creche da cidade, onde os criadores envolvidos no primeiro trabalho do grupo se dedicaram essencialmente à observação. “Depois de dois ou três meses, nós já estávamos na sala de ensaio criando cenas e continuamente testando essas cenas com as crianças. Pela característica do que a gente faz, não tem como criar se não testando, porque esse confronto nos coloca diante de muitas desconstruções”, aposta.

Entre as desconstruções necessárias à caminhada, Cirila destaca a ideia de que trabalhos voltados a crianças precisam necessariamente ensinar alguma coisa. “É importante entender cada criança

como um ser pleno, inteiro, poroso, capaz de produzir subjetividades tanto no sensível quanto no estético. Em vez de pensar em limites, crostas e cascas, o que me parece interessante é reconhecer a capacidade dessas crianças se maravilharem exatamente com a vida como ela é. A questão talvez seja, então, como não estragar essa potência? Como voltar a esse lugar do jogo e do brincar?”.

## Três passos para começar

Desviando-se de metodologias universais e re-definindo a atividade como um “processo compartilhado de incertezas”, a artista apresentou ao público três aspectos que, a partir de sua experiência junto ao Coletivo Antônia, podem servir como orientação à criação de arte para bebês e crianças. “A primeira coisa é que a gente entende o bebê como um ser completo, absolutamente capaz de entender o mundo e de se relacionar com ele, capaz de perceber e de produzir mundo, a partir de uma inteireza”, sintetiza.

O segundo aspecto, por sua vez, refere-se à questão do tempo – preocupação que por vezes ronda a criação de trabalhos para crianças. “Hoje em dia, a gente não tem medo do tempo. A gente entende que eles lidam com a vida de uma maneira muito mais fácil do que a gente. Eles sofrem, claro, mas têm outra relação com os medos e as inseguranças. Há uma série de questões que não necessariamente são delas, mas estimuladas pelos próprios adultos, a partir de determinados contextos econômicos e sociais, por exemplo”.

Por fim, fortalecendo a ideia de que carregamos desde muito cedo saberes que ultrapassam nossa existência visível, a artista sugere uma potente associação entre as crianças e aqueles que vieram antes de nós. “As crianças são a memória de toda a ancestralidade. Quando você vai observar uma criança muito pequena, que ainda não foi socializada, acaba percebendo que ela vai criar brincadeiras que têm a ver com o contexto sócio-cultural dela. Cada criança tem sua semântica, e a gente precisa cuidar disso”, defende.

**“É importante entender cada criança como um ser pleno, inteiro, poroso, capaz de produzir subjetividades tanto no sensível quanto no estético”**



## Livre, leve, sem compromisso

Como forma de estimular a imaginação dos participantes do curso e desafiá-los ao ato criativo, Cirila Targhetta propôs um breve exercício voltado à concepção de uma possível obra para crianças. Divididos em três grupos, os participantes foram convocados a escolher alguns elementos disponibilizados pela artista, dentre os quais livros, textos e objetos. “O seu mote é o que você tem. Não precisa ser tudo, e pode haver outros elementos. O que estamos trazendo são provocações para subsidiar um processo criativo entre pessoas que não se conhecem”, orientou a artista.

Após a escolha dos elementos, algumas perguntas foram lançadas aos participantes, novamente abrindo espaço para a imaginação. “O que eu quero criar? Pode ser uma intervenção, uma performance, um espetáculo, um solo de dança, um concerto ou mesmo um recital de poesias. Quando isso acontece? Pode ser de manhã, de tarde, de noite, na madrugada, no Natal, na hora do recreio etc. E onde acontece? Em uma área aberta, numa sala, no teatro, no ônibus, no parque, no Lago Paranoá?”.

Tendo como horizonte a criação de um jogo definido pela própria artista como “livre, leve e descompromissado” e considerando as reflexões anteriormente compartilhadas, os participantes aceitaram o desafio, sendo os resultados de seus esforços mais adiante compartilhando e recebendo os comentários do grupo. “Vamos pensar em um trabalho que não sabemos se vamos realizar. Pode ser o que vocês quiserem. O mais importante é lembrar para quem estamos criando”.

Cirila Targhetta graduou-se em 2008, como bacharel em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília. Possui especialização em Mimeses Corpórea e Teatro Físico pela escola Moveo – Centro de teatro físico e mimo corporal dramático (Espanha). Integra o Coletivo Antônia e participa do projeto de pesquisa “Poéticas do Corpo”, investiga caminhos para a construção dramaturgica para bebês e crianças de até cinco anos.

#teatro para crianças #primeira infância  
#escrita

# A masculinidade no contexto escolar

por Guilherme Augusto

TRANSVERSALIDADES C/ CAIO CÉSAR • 14 DE SETEMBRO DE 2019

Durante os anos de formação, o ambiente escolar se torna uma extensão da vida. É o lugar onde se estabelecem as primeiras relações de amizade, a convivência com uma hierarquia não centrada nas figuras familiares e ainda o contato com diferentes áreas do conhecimento, até então inéditas para crianças e adolescentes. Essa fase, compreendida dos 4 aos 17 anos, inevitavelmente culmina em uma série de descobertas determinantes para a vida adulta e pode, em alguns casos, ter um significado perverso para o estudante que sofre algum tipo de trauma. No caso dos meninos, especificamente, esses traumas costumam estar relacionados à construção da masculinidade, não raro estimulada com muita intensidade e frequência no contexto escolar.

“Do ponto de vista social, o sistema escolar pode ser um tanto quanto impiedoso. A grande maioria de nós, e principalmente aqueles que fazem parte de alguma minoria social passa por grandes traumas na escola. Isso acontece porque se trata, ainda, de um ambiente que reproduz muito do passado e peca ao não refletir sobre isso junto aos alunos e educadores”, analisa o professor Caio César.

Integrante do Projeto Memoh (anagrama da palavra homem), criado com o propósito de promover a equidade de gênero e provocar os homens a refletirem sobre seus modos de agir consigo, com os outros e com a sociedade, Caio explica que o atual padrão de masculinidade corresponde a uma construção baseada na ideia hegemônica do que é “ser homem”. “O ‘homem de verdade’ é branco, heterossexual, forte, másculo, rico, pegador, não chora e não demonstra sentimentos. Quanto mais próximo das características dominantes ele estiver, mais homem será considerado.

Entretanto, a gente esquece que os homens não são todos iguais. Podemos destacar, por exemplo, recortes de classe, raça e orientação sexual”, explica.

O professor destaca que o ambiente escolar reproduz as regras sociais da masculinidade ainda nos primeiros anos de formação, quando priva as crianças da convivência com figuras masculinas. “A pouquíssima presença de homens nas fases iniciais da escola significa que o sistema escolar e também a sociedade legitimam a ideia de que o cuidado com crianças de até nove anos deve ser feito somente por mulheres, uma vez que elas possuem, ‘naturalmente’, o instinto maternal. O trabalho realizado pelas professoras, nessa fase, não é só o de lecionar, mas envolve todo um cuidado afetivo. Isso se torna uma grande questão para os meninos, que crescem sem a presença masculina aliada a esse afeto”.

No Memoh, Caio César participa de grupos reflexivos, produz conteúdo para mídias digitais e presta serviços de consultoria, sempre com foco na discussão sobre masculinidade. Nas salas de aula, como a grade curricular não possui brechas para atividades extras de longa duração, ele busca aproveitar as oportunidades que tem para levantar essas discussões entre os alunos. “Esse tipo de assunto precisa estar sempre inserido no ambiente escolar, principalmente com os meninos. Eles estão nessa fase de zoação e muitas vezes adotam uma conduta machista e intolerante, seja entre eles ou até com as meninas. Existem inúmeras motivações que justificam isso, mas o fato de eles não terem exemplos de uma masculinidade que não seja tóxica ou baseada na violência é o principal”, garante.

**“Conversar sobre os padrões de gênero nos leva a perceber como a construção da masculinidade, tal como a conhecemos, é coletiva e aparece nas relações entre os homens.”**



## Discussão necessária

Quando, mais tarde, os adolescentes passam à universidade, é comum que entrem em contato com discussões sobre os padrões de gênero. Caio César defende, entretanto, que esse assunto deveria estar diluído ao longo de todo o período de formação. “Conversar sobre isso nos leva a perceber como a construção da masculinidade, tal como a conhecemos, é coletiva e aparece nas relações entre os homens. Se eu não chegar na aula e trazer esse debate, os estudantes raramente terão oportunidade de discutir isso de forma saudável e aberta.”

Ainda a esse respeito, ele entende que também os professores precisam rever a própria conduta. Quando está em sala de aula, Caio César diz ser bastante objetivo em relação às regras que devem ser seguidas: não são admitidas, ali, brincadeiras ofensivas entre os alunos. O professor conta, por outro lado, que alguns de seus colegas de profissão ainda endossam as “brincadeiras” entre os alunos, o que acaba por legitimar o comportamento dos típicos “valentões”. “Às vezes eu percebo que alguns professores esquecem o peso da influência que carregam em relação ao aluno. Se ele debocha do aluno, está validando a violência que isso exerce sobre as crianças e os adolescentes”, analisa.

Em sua visão, detectar atitudes associadas ao bullying também é uma forma de combater a discriminação dentro da sala de aula, tendo em mente que professores e professoras estão lidando com pessoas em formação. “Quando comecei a dar aulas, ainda bastante jovem, enfrentei algumas situações bastante complicadas para mim, como presenciar um aluno usando palavras racistas para ofender outro. No começo, quando eu ainda não sabia lidar diretamente com isso, minha atitude foi ficar com muita raiva.

Com o tempo, fui entendendo que esse não era o melhor caminho e passei para o diálogo. É interessante notar que, das vezes em que interpelei a atitude de um aluno e expliquei as implicações que ela trazia, ele entendeu muito rápido”, conta.

Apesar dos esforços em trazer para dentro da sala de aula discussões que podem ajudar na resignificação dos padrões de comportamento dos alunos, Caio César reconhece que são raros os professores homens que assumem a mesma postura. Por conta disso, um de seus planos futuros é levar o Projeto Memoh para dentro das escolas. Atualmente, o trabalho do grupo acolhe homens entre 18 e 70 anos para rodas de conversa em grupos fechados de até 20 pessoas. “Meu objetivo é fazer um Projeto Memoh Educação, com ciclos de conversa em escolas, só com os meninos. É uma ideia que ainda está engatinhando, mas prezo muito por ela. O ideal é que a escola tenha um projeto continuado”, defende.

Caio César é graduando em Geografia, professor, escritor, criador de conteúdo e integrante do Projeto Memoh, que visa debater questões da masculinidades entre homens.

TRANSVERSALIDADES C/ CAIO CÉSAR  
[youtu.be/GaX-7ao3zf4](https://youtu.be/GaX-7ao3zf4)

#masculinidade #escola  
#educação para crianças

# Tudo é educação

por Guilherme Augusto

TRANSVERSALIDADES C/ JULIANA GAMA IZAR • 13 DE MARÇO DE 2019



Em geral, quando lidamos com a ideia de educação, tradicionalmente somos levados a pensá-la em associação com escolas e universidades, sejam de natureza pública ou privada. Muito embora esses espaços institucionalizados tenham grande importância para a nossa formação, eles não são os únicos que devem ser entendidos como formativos e agregadores de conhecimento. É essa visão que defende a professora Juliana Gama Izar no curso **Transversalidades**, realizado em março de 2019 no CCBB SP.

Mestre em Pedagogia pela Universidade de São Paulo, ela conduziu o encontro com professores e educadores para pensar, de forma ampliada, sobre os diversos espaços que a educação abrange. Partindo de uma abordagem histórica, a pedagoga se volta aos primórdios da civilização humana para localizar o que, àquela altura, se poderia entender como educação. “No princípio, o que acontecia era uma prática baseada nas experiências e na oralidade, passadas de geração em geração. Além disso, o conhecimento era muito pautado pela sobrevivência, ou seja, se eu sei de algo que garante a minha existência, vou transmitir isso para os meus pares e, principalmente, aos herdeiros”, analisa.

Posteriormente, essa maneira de ensinar passou a ser responsabilidade da família nuclear, que estabelecia a maneira como os mais jovens seriam formados. Naquele momento, a educação ainda não era tida como um direito universal, sendo acessada somente pelas camadas mais privilegiadas da sociedade, principalmente nobres e burgueses. “Com o processo de industrialização, percebeu-se a necessidade de educar operários para aperfeiçoar a produção. Isto é: todos devem receber uma formação mínima para desenvolver, produzir e, por fim, gerar lucro”, analisa Juliana Gama Izar, em referência a um processo histórico que teve início ainda no século XVIII, na Europa Ocidental.

Se considerarmos o Brasil, no entanto, o reconhecimento da educação como um direito básico acontece somente no século XX. A partir desse momento histórico, o Estado passa a gerir uma série de instituições de ensino que ganham o caráter público. “É nesse contexto que ela se torna uma ciência digna de estudos e análises, e passa a ser delimitada em três grandes categorias: informal, formal e social.”

**“Não existe ‘Educação’, mas sim ‘Educações’, associadas a diferentes aspectos do cotidiano dos seres humanos, em diferentes épocas, sociedades e contextos sociais”**

## Educações

A amplitude dos processos educacionais serve como lastro para uma série de pensadores determinarem que não existe “Educação”, mas sim “Educações”, associadas a diferentes aspectos do cotidiano dos seres humanos, em diferentes épocas, sociedades e contextos sociais. “Trata-se de uma característica inerente, e é o que nos difere diante de outros seres vivos”, pontua.

A primeira categoria apresentada pela professora Juliana Gama Izar é a Educação Informal. “Ela é espontânea, baseada no exemplo e no empirismo. É livre e se forma a partir das relações entre humanos, não correspondendo a metodologias de ensino”, explica. Juliana ressalta ainda que essa educação é desenvolvida fora do âmbito institucionalizado de ensino, especialmente em espaços de atividades culturais, com a família, amigos ou grupos de interesse comum.

Conforme destaca a pesquisadora, autores como Carlos Rodrigues Brandão associam a Educação Informal ao processo “livre” de transmissão dos saberes, tais como a fala comum a um dado grupo e as tradições culturais características às diversas comunidades presentes em uma sociedade. O pedagogo suíço Pierre Furter, por sua vez, considera a Educação Informal como todo e qualquer processo educativo ocorrido em instituições que não pertençam às redes escolares de ensino – dentre as quais escolas federais, municipais e estaduais, além de escolas privadas credenciadas pelos órgãos educacionais competentes.

## Sistemas de ensino

A Educação Formal, por sua vez, é a que ocorre a partir de um sistema de ensino tradicional. “Ela responde a um conjunto de regras, leis e normas – ou seja, ao Estado, que cobra sua prática. Além disso, diz respeito a uma hierarquia organizacional e obedece a todo um regimento para se tornar um ato educativo”, pontua.

Segundo Juliana, por estarem inseridos em uma instância mais ampla da sociedade, os espaços voltados para a educação geralmente agregam à experiência de cada indivíduo o contato com diversidade cultural, étnico racial, etária, socioeconômica, de gênero e religião. Portanto, seu papel social não é simplesmente ensinar, mas transformar, possibilitando que indivíduos “saiam de seus núcleos familiares para conhecer o mundo”.

Por definição, a Educação Formal é desenvolvida nas escolas, a partir de conteúdos previstos e demarcados. Além disso, tem como objetivo o ensino e aprendizagem de temas historicamente sistematizados, que “preparam o indivíduo para atuar em sociedade como um cidadão ativo”.

Ao final, Juliana cita ainda a Educação Social, que nasce especialmente nos contextos em que a Formal não consegue chegar, e cujo objetivo é alcançar populações que estão à margem das instituições tradicionais. “Buscamos esse público justamente para que eles se reconheçam como cidadãos. Essa educação se estende a crianças em situação de rua ou que estão em abrigos; a pessoas presas ou privadas de liberdade por outros motivos, e assim por diante. É uma atividade planejada, que muitas vezes dá mais trabalho do que a Educação Formal, porque não tem como você fazer um trabalho sem um reconhecimento do local, do contexto. Por outro lado, se ela não dá certificados, certamente transforma vidas”.

Juliana Gama Izar é doutora pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e professora em nível médio do Instituto Madre Mazzarello. É integrante dos Projetos de Pesquisa em Pedagogia Social e Grupo de Estudos e Pesquisas da Universidade Lueji A’Nkonde e do Projeto de Formação de Educadores Sociais pelo Núcleo de Trabalhos Comunitários da PUC-SP.

TRANSVERSALIDADES C/ JULIANA GAMA IZAR  
[youtu.be/yRiDS-nIR8c](https://youtu.be/yRiDS-nIR8c)

#história da educação #educação informal  
#educação social

# Educação com as crianças

por Guilherme Augusto

TRANSVERSALIDADES C/ RENATO NOGUEIRA • 30 DE NOVEMBRO DE 2019

*“As crianças deveriam ser as protagonistas do processo educativo, e a escola, abandonar a ideia de superação da infância, abordando vários sentidos de mundo, por meio da exploração da experiência estética, da arte e da cultura”*

Publicada em 1883, a obra “As aventuras de Pinóquio” conta a história de um carpinteiro solitário que resolve fabricar um boneco de madeira para lhe fazer companhia. Após ser encantada pela Fada Azul, a criação ganha vida, passa a se chamar Pinóquio e aspira ser transformado em um menino de verdade, se sujeitando a uma série de confusões ao ignorar os conselhos do Grilo Falante. A narrativa escrita pelo italiano Carlo Collodi segue a lógica dos contos de fadas, apresentando um final moralizante que, embora tenha sido escrito no final do século XIX, pode ser interpretado como uma maneira de afirmar princípios basilares que regem, ainda hoje, a educação formal no Brasil.

Quem defende essa tese é o professor e escritor Renato Nogueira, convidado da edição de outubro de 2019 do curso **Transversalidades**, no CCBB RJ. Autor de literatura infantil e roteirista de desenhos animados, ele explica que a clássica história de Pinóquio pode ser entendida como uma alegoria sobre a educação como um antídoto para a desumanização. “A transformação do garoto de madeira em ser humano só se torna possível se ele seguir a voz maternal incorporada pelo Grilo, se submeter às regras da sociedade e passar pela experiência escolar, negando o país dos brinquedos – antítese da escola –, onde pode usufruir do lazer e do ócio”, comenta.

Ele acredita que a escola “moderna, iluminista e positivista” é responsável por colonizar o tempo e “suspender a autonomia” de quem aprende, sendo entendida como um espaço para que as crianças superem a infância e se tornem, enfim, “meninos e meninas de verdade”. “A minha crítica, a partir de um embasamento teórico-filosófico, é em relação à falta de escuta e envolvimento das crianças no processo educativo. A partir dessa perspectiva, perguntas como ‘O que você vai ser quando crescer?’ caem por terra, pois devemos considerar que as crianças – e também os jovens – já são alguma coisa, independente da ocupação profissional que pretendem ocupar”.

Essa perspectiva, em sua visão, nos permite pensar as crianças enquanto prisioneiras políticas. “Em todas as instâncias da sociedade, há uma gritante ausência de fala infantil. É necessário que ela seja inserida, e que seja anulada a ideia de que, na escola, devemos todos falar a mesma língua. Efetivamente, as crianças deveriam ser as protagonistas do processo educativo, e a escola, abandonar a ideia de superação da infância, abordando vários sentidos de mundo por meio da exploração da experiência estética, da arte e da cultura”, defende.

## Afroperspectividades

Como exemplo de uma narrativa que aborda de forma alegórica o protagonismo da infância, Renato Nogueira nos apresenta a “Kiriku e a Feiticeira”. Trata-se de uma animação do francês Michael Ocelot que, sob uma afroperspectiva, destaca um protagonista investido de infâncias e capaz de se ocupar com questões que muitos de nós desconhecemos.

Por exemplo: ainda no ventre da mãe, o menino Kirikú ordena seu próprio nascimento. Em resposta, a mãe diz que, se ele pode pedir para nascer, é porque tem capacidade de realizar isso sozinho. Ele nasce, corta o próprio cordão umbilical e anuncia: “Meu nome é Kiriku”. Àquela altura, ele nem sequer alcança os joelhos de um adulto, mas sua coragem e curiosidade são incomuns.

“O filme tem como base uma lenda da África Ocidental sobre um menino que nasce andando e falando, e descobre que sua aldeia está sendo colonizada pela feiticeira Karabá, responsável por matar os homens quando eles atingem a idade adulta. O herói, que é uma criança superdotada, consegue derrotar a algoz por meio da sabedoria de seu povo”, conta.



## A infância como experiência

Para Renato Nogueira, o que fica da história é o entendimento da infância como experiência. “O que Kiriku nos ensina é a compreensão de que a criança está vivendo sob um estado, um sentido de mundo. E estar investido por esse sentimento é compreender que elas podem ser capazes de tudo o que está a seu alcance, inclusive de participar do processo educativo de forma ativa, sem a necessidade de serem guiadas por um adulto, mas colaborando com ele”, defende.

Segundo o pesquisador, isso abre espaço para brincadeiras, contações de histórias e uma série de outras formas de educar que não necessariamente fazem parte do currículo escolar universal. “O estado de infância é uma abertura para os mundos, animando o professor e mudando a relação que se estabelece dentro da escola. Esse tipo de educação requer uma escuta ativa e empática de todas as partes envolvidas, tornando, assim, a infância em um modo de habitar a vida e compreender os outros.”

Percebendo uma lacuna de produções que apresentam a cultura afrobrasileira para crianças, Renato Nogueira idealizou o projeto “Nana & Nilo”, em parceria com o ilustrador Sandro Lopes e a designer Cris Pereira. Nele, dois irmãos gêmeos negros – uma menina e um menino – vivem aventuras na companhia de um passarinho e de uma árvore milenar. Em uma série de livros, os personagens protagonizam histórias que exaltam a importância da identidade negra, bem como do brincar livre, da consciência socioambiental e da empatia. O objetivo, segundo Nogueira, é principalmente oferecer referências positivas da identidade e do protagonismo negro para as crianças. Não por acaso, essa preocupação começa já nos próprios nomes da dupla, que evidenciam nossa ancestralidade africana e indígena.

Renato Nogueira é doutor em filosofia, professor da UFRJ, onde coordena o Grupo de Pesquisa Afroperspectivas, Saberes e Infâncias. É autor de literatura infantil, roteirista de desenho animado e se dedica à produção do Projeto Nana & Nilo.

TRANSVERSALIDADES C/ RENATO NOGUEIRA  
[youtu.be/94zzraLEBlc](https://youtu.be/94zzraLEBlc)

#fábulas #culturas africanas  
#educação para crianças

# Para reinventar a arte e a educação

por Daniel Toledo

PROCESSOS COMPARTILHADOS C/ MÔNICA HOFF • 10 DE JUNHO DE 2019



Em que situações aprendemos o que sabemos? Em que espaços? Aprendemos somente com quem inicialmente sabe mais, ou por vez nos surpreendemos? Aprendemos mais com a semelhança ou com a diferença? Poderia a arte ensinar, assim como faz a educação? Poderia a educação emocionar, fazer refletir e também criticar, assim como frequentemente acontece na arte? Muito afeita a essas e outras perguntas, a artista, curadora e pesquisadora Mônica Hoff visitou, em junho de 2019, o CCBB BH para ministrar uma edição do curso **Processos Compartilhados**. Mônica trouxe aos participantes da atividade um amplo vocabulário de conceitos e experiências por meio dos quais têm experimentado a reinvenção de práticas artísticas e educativas, assim como propôs um exercício em que os próprios participantes foram convidados a habitar e reconfigurar alguns dos conceitos apresentados na primeira parte do encontro.

Interessada em aproximar os campos da arte e da educação sem, contudo, fundi-los, Mônica nos apresentou, por exemplo, o conceito de professor-artista, como aquele que pensa arte e educação como campos-autônomos que podem se friccionar. Ela compartilhou ainda o documento “21 Notas Para uma Pedagogia Descarada”, em que sugere, a partir de propostas ao mesmo tempo críticas e bem-humoradas, a substituição de modelos e práticas pré-estabelecidas por outras que consideram especificidades e particularidades dos seus públicos e contextos de atuação. Sobre o convívio entre essas práticas e as múltiplas instituições que organizam a cultura, a convidada ressaltou a importância de atuar “taticamente dentro” e “estrategicamente fora”, nos alertando ainda ao risco de “capturas programáticas”, “agendas institucionalizadas” e dos perigosos “gases institucionais paralisantes”.

Buscando ampliar a visão que geralmente temos sobre práticas e processos educativos, a pesquisadora nos lembrou de que não somente as boas, mas também as más práticas têm caráter educativo. “Tudo o que não se chama de educativo também é educativo”,

desenhou com palavras, nos conduzindo a conceitos como “contrapedagogias” e “pedagogias do poder”. Mônica ressaltou também a importância da educação como um fazer político e artístico – um fazer que não pode ser automático. Entre as vozes que trouxe à conversa, citou o educador Paulo Freire e o artista Hélio Oiticica como professores-provocadores, ambos interessados, em suas distintas práticas e campos de atuação, na criação de processos fundamentalmente colaborativos e coletivos.

Aos professores-artistas ou professores-provocadores interessaria, em sua visão, provocar sobretudo situações de encontro e espaços heterogêneos. “Trabalhar de forma transversal, irregular, ambulante e intergeracional, explorando possibilidades de jogar com o tempo e os diferentes tipos de envolvimento”, sintetiza. Também a esse respeito, interessaria ainda, experimentar diferentes escalas de relações, a partir de uma atitude que recusa o gigantismo como imperativo e afirma a importância de trabalhar em pequenos grupos.

Ao propor atitudes como essas, Mônica vislumbra processos de aprendizado que podem se dar com prazer, alegria e crítica, assim como incluir, em suas metodologias, atividades como rituais e festas. Guiada pelo conceito de imaginação política, que associa à possibilidade de capturar algo do mundo e devolvê-lo como se fosse a primeira vez, ela dedica seu trabalho à criação de processos que ainda não existem e nem têm nome. Não por acaso, suas práticas costumam ser atravessadas por “lugares molhados” e “pedagogias a pé”, por vez nos levando a situações de “horizontalidade refrescante” nas quais, finalmente, algum tipo de “viver bem” passa a ser possível.

## Espaços de encontro e colaboração

Como, no entanto, trazer à prática esse amplo conjunto de conceitos? Como forma de responder a essa pergunta, assim como ativar outras indagações, Mônica Hoff reservou à segunda parte do encontro algumas reflexões sobre atividades realizadas ao longo de sua trajetória profissional. O primeiro exemplo trazido pela pesquisadora se refere à própria experiência na Bienal do Mercosul, dentro da qual respondeu pela coordenação pedagógica entre 2006 e 2014.

Convidada a atuar como curadora adjunta do evento em 2013, quando Porto Alegre recebeu a 9ª Bienal do Mercosul, Mônica se deparou com os desafios de quebrar a compartimentação das atividades dentro da programação e criar diversidade dentro dos grupos de trabalho. Ampliando-se em direção à cidade, a programação ofereceu ao público uma série de micro-residências em espaços tão diversos quanto escolas e oficinas de trabalho. A partir dessa estratégia foi possível reunir pessoas relacionadas a vários campos de conhecimento e ao mesmo tempo fortalecer um entendimento coletivo de que a arte contemporânea distintas abordagens para cada um desses campos. Outra ação desenvolvida no mesmo evento trazia um convite para que o público visitasse aldeias indígenas da região. Partindo de um entendimento que trazia educação, encontro e troca em pé de igualdade, chegando às aldeias o público tinha acesso a um processo de formação que destacava conhecimentos sobre agricultura, astronomia e clima, tal como outros saberes não necessariamente acadêmicos.

Conduzida exclusivamente por mediadores, também integrou a programação da 9ª Bienal do Mercosul uma ação intitulada “Escola Caseira de Invenções”. Com agenda aberta à proposição pública de oficinas, o espaço que recebeu a ação se consolidou ainda como um ponto de permanência dos visitantes dentro da instituição, onde os mesmos podiam se sentar, conversar ou até mesmo comer e beber alguma coisa.

Alguns anos mais tarde, já vivendo em Florianópolis, Mônica foi uma das responsáveis por realizar a ação “Oficina Pública de Perguntas” (2016). A convidada conta que a primeira edição da oficina teve lugar à beira de uma lagoa bastante frequentada por moradores da cidade, rapidamente chamando a atenção de crianças e famílias e constituindo um amplo e curioso “arquivo público de perguntas”. Mais adiante foram realizadas novas edições em outros contextos da cidade e também em outras cidades, atingindo públicos de diferentes origens, faixas etárias e experiências sociais, incluindo, por vezes, populações em situação de rua e também pessoas em tratamento de saúde mental. Organizado a partir de uma dinâmica bastante simples, em que papéis e canetas eram livremente disponibilizados ao público, o projeto é apresentado pela pesquisadora como uma ação que poderia ser entendida, ao mesmo tempo, dentro dos campos da curadoria, da arte e da educação.

Em 2018, por outro lado, Mônica esteve envolvida na Escola Extraordinária da Embarcação, também realizada na capital catarinense. Conforme relata a curadora, a atividade compreendeu conversas públicas, oficinas e um seminário na rua, além de refeições coletivas e ações articuladas com a comunidade local. A definição dos artistas convidados levou em consideração a diversidade de metodologias, práticas e debates propostos em cada escola – e também a soma de todas. Concebida como um contexto de investigação e partilha de questões, a Escola Extraordinária é sintetizada pela pesquisadora como um espaço propício a “ensinar e compartilhar o que na verdade queremos aprender”.

## Como habitar instituições culturais?

Como proposta para o terceiro e último momento do encontro, Mônica Hoff trouxe uma atividade prática que rompia qualquer tipo de hierarquia estabelecida até então. Em suma, a convidada provocou os participantes a “compor ideias do chão”, usando, para isso, termos, conceitos e teorias discutidas nos momentos anteriores. “Nosso desafio é construir um pensamento coletivo e visual, um pensamento que se desloca a partir da inserção de novos termos e conceitos”, anunciou a convidada, provocando os demais a espacializarem as ideias anteriormente trabalhadas e também os próprios pensamentos a partir desses conceitos.

Rapidamente algumas palavras e expressões começaram a surgir no chão: “arte”, “educação”, “pedagogia”, “pedagogias do poder”, “pedagogias da libertação”, “contrapedagogias”, “taticamente dentro”, “estrategicamente fora”, etc. Também houve espaço para a introdução de outros conceitos, a exemplo da ideia de “mediocridade laboriosa”, trazida por uma participante como citação ao arquiteto, urbanista e gestor público Jaime Lerner, como uma crítica aos entraves burocráticos e institucionais que por vezes atravancam processos e práticas artísticas e educativas. A partir de uma intencional bagunça epistemológica, o mapa coletivo atravessou tentativas de ordem e caos, assim como momentos de saturação de ideias e conceitos. “Pode mover a proposta do outro?”, alguém perguntou. “Há vários modos de fazer isso”, garantiu a convidada.

Durante a conversa coletiva que encerrou a atividade, Mônica Hoff pôde desvendar algumas dúvidas dos participantes ao estabelecer relações entre os conceitos que guiaram a dinâmica. Em sua perspectiva, por exemplo, as “contrapedagogias” podem ser entendidas como atitudes que questionam o poder na prática – “colocando as pedagogias da libertação para andar”. Aos educadores e educadoras, por outro lado, caberia educar as instituições – e já não propriamente o público visitante. “Antes de gostar de arte, o público precisa se sentir bem dentro de uma instituição. Se não se sente, o problema é da arte. Primeiro vai se sentir bem dentro do prédio, para depois entrar na exposição”, finalizou a convidada, propondo aos participantes uma reflexão sobre como, efetivamente, nossos corpos habitam eventos, instituições e centros culturais.

Mônica Hoff é artista, curadora e pesquisadora. Mestre em História, Teoria e Crítica de Arte pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutora em Processos Artísticos Contemporâneos / UDESC. De 2006 a 2014, coordenou o projeto educativo da Bienal do Mercosul, atuando também como curadora adjunta na nona edição do evento, em 2013.

#mediação cultural #colaboração  
#arte contemporânea #arte relacional

# A consciência anti-racista

por Guilherme Augusto

TRANSVERSALIDADES C/ MARA PEREIRA DOS SANTOS • 25 DE OUTUBRO DE 2019



Em outubro de 2019, durante mais uma edição do curso **Transversalidades**, a pesquisadora Mara Pereira dos Santos propôs uma discussão sobre a relação entre artes visuais, infâncias e questões étnico-raciais. O encontro reuniu professores e educadores, além de outros públicos interessados, e ocorreu em meio às comemorações de aniversário de 30 anos da inauguração do primeiro CCB, no Rio de Janeiro, em 1989.

“Comecei a frequentar o centro cultural em 1992 e a trabalhar em 1999”, conta Mara. “Trabalhei aqui em diferentes momentos, primeiro em uma exposição temporária, depois em uma equipe permanente e, por último, como coordenadora pedagógica da ação educativa. Portanto, o CCB é um lugar muito importante para a minha formação pessoal e profissional”, acrescenta.

Doutoranda na área de educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), ela atualmente pesquisa a cultura visual e a produção de imaginários, relacionando essas duas categorias às artes visuais. Considerando essa perspectiva, um de seus maiores incômodos se dá em relação às instituições de arte no Brasil e também em outras regiões do mundo, as quais ela classifica como essencialmente “brancas”, refletindo a própria estruturação da sociedade como um todo, desde a experiência da colonização.

“É necessário falar disso. No livro ‘O movimento negro educador: Saberes construídos na luta por emancipação’, Nilma Lino Gomes nos ensina que, a partir do momento que vivenciamos determinadas situações e passamos a nomeá-las como racismo, passamos a ter uma outra perspectiva da realidade que nos cerca. Isso acontece porque o racismo não é uma possibilidade; não é algo que está aqui e não está ali. Ele é a estrutura da nossa sociedade e nós, enquanto educadores, temos que assumir uma postura de pleno combate contra essa estrutura”, pondera.

## Racismo e infância

Evidentes situações de discriminação racial, segundo ela, acontecem dentro da sala de aula, a partir do momento em que, por exemplo, um professor ou uma professora trata alunos negros de forma diferenciada. “A gente tem uma série de estudos nesse sentido. No livro ‘Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil’, por exemplo, Eliane dos Santos reúne uma série de relatos de crianças e professores sendo racistas. São falas que devem nos fazer questionar todo o sistema educacional e a maneira como enxergamos as crianças. Nós, enquanto educadores, deveríamos adotar uma postura antirracista desde o momento que estamos preparando um plano de aula, até o momento em que saímos da sala.”

Para tanto, Mara defende que devemos nos desfazer a ideia de infância cunhada no século XIX, sob a égide do Cristianismo, que considera as crianças como indivíduos vazios que serão preenchidos ao longo do crescimento. Outra categoria refutada por ela é a ideia de estágios de desenvolvimento que, em geral, é associada à criança. Se não cumpre determinado requisito, ela passa a ser considerada como problemática e atrasada.

“Na linha de pensamento em que eu me insiro, as crianças são sujeitos que interferem na sociedade, aprendem em casa, mas também aprendem entre si, dentro da relação social intensa que acontece nas escolas”, pontua. “Dessa forma, elas aprendem a ser racistas entre si, e também a partir das relações sociais que observam. Uma criança sabe ler as hierarquias que a sociedade nos impõe”, observa.

*“Na linha de pensamento em que eu me insiro, as crianças são sujeitos que interferem na sociedade, aprendem em casa, mas também aprendem entre si, dentro da relação social intensa que acontece nas escolas”*

## Grada Kilomba e Yhuri Cruz

Durante o encontro, Mara Pereira dos Santos cita a escritora Grada Kilomba e o artista Yhuri Cruz como importantes vetores por uma abordagem antirracista nas artes visuais. “No texto ‘A Máscara’, Grada, que transita entre o trabalho teórico e artístico, aborda a história enquanto um projeto de extermínio dos corpos, mas que também engendra um epistemicídio, ou seja, a morte de modos de pensar e fazer de toda uma sociedade da diáspora. Os corpos de crianças negras carregam essa ancestralidade, essa desterritorialização, que é intensamente reiterada pelas instituições de ensino e também pela sociedade no geral. Essas marcas estão na legislação e estão na maneira como lidamos com a educação no Brasil.”

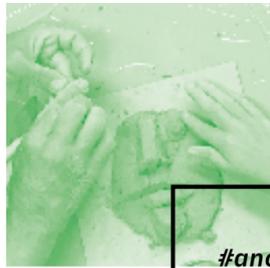
Com o objetivo de desestabilizar narrativas hegemônicas, o trabalho do artista brasileiro Yhuri Cruz aparece na fala de Mara para exemplificar a maneira como imagens utilizadas nas salas de aula reproduzem valores racistas, como é caso da escrava Anastácia, cuja imagem se popularizou por conta da obra “Castigo de Escravos”, do pintor francês Jacques Etienne Arago (1790-1854). Na obra, “Monumento à voz de Anastácia”, ele atualiza a figura de Anastácia, a colocando como santa.

“O que esse artista faz é empreender um processo de cura. O resultado é muito poderoso e mostra essa mulher que fala, é liberta, faz o que quer. Yhuri borra com o imaginário, esfacela com ele. Rasga todos os nossos livros didáticos, toda a produção, a iconografia, com esse trabalho. O santinho da Anastácia, que foi distribuído em duas exposições, traz também uma oração a ela, agora uma mulher livre”, conclui.

Mara Pereira dos Santos é doutoranda em Educação pela UFES. Mestre em Artes pela UERJ. Coordenou o Programa de Educação da Biblioteca Parque Estadual, no Rio de Janeiro. Coordenadora de ações e conteúdo do Núcleo Experimental de Educação e Arte, do MAM-RJ (2010-2012), de Ações Educativas do CCB RJ (2010), entre outros. Integra o grupo de pesquisa Infância, Educação, Cultura e Sociedade (IESC) na Universidade Federal do Espírito Santo.

TRANSVERSALIDADES C/  
MARA PEREIRA DOS SANTOS  
[youtu.be/4nVcTdg1nrw](https://youtu.be/4nVcTdg1nrw)

#igualdade racial #educação para crianças  
#diáspora africana



*#ancestralidade*

*#argila*

*#artes gráficas*

*#Björk*

*#bordado*

*#cerrado*

*#Chiharu Shiota*

*#colagem*

*#cultura oriental*

*#cultura popular*

*#desenho*

*#escrita*

*#escultura*

*#fábulas*

*#faça-você-mesmo*

*#figura humana*

*#fotografia*

*#Paul Klee*

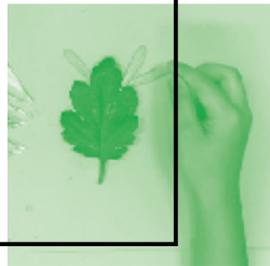
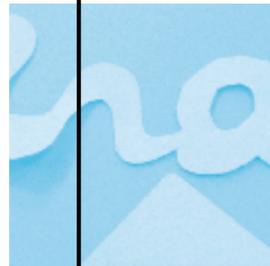
*#performance*

*#plantas*

*#publicações*

*#recortar*

*#serigrafia*



*Desenhar,  
tecer,  
recortar,  
esculpir*



# O Cerrado em fios d'água

por Tiago Cruz

MÚLTIPLO ANCESTRAL C/ MATIZES DUMONT • 19 DE MAIO DE 2019



“Que a linha da imaginação nos solte e nos guie”: foi com essa frase que Marilu Dumont arrematou o início da tarde ao nos apresentar o grupo Matizes Dumont, formado por integrantes de uma família de Pirapora, em Minas Gerais, que se dedica há mais de trinta anos às artes visuais e gráficas e ao desenvolvimento humano. Convidadas a conduzir o **Múltiplo Ancestral** de maio de 2019 no CCBB DF, as integrantes do grupo se expressam artisticamente por meio do bordado espontâneo, feito a mão, atribuindo ao mesmo um caráter de instrumento de transformação social e cultural.

A origem do trabalho resgata características do bordado mineiro clássico, porém a família encontrou nos fios novas possibilidades capazes de ressignificar sentidos a esse ofício milenar. O bordado livre e espontâneo que praticam e defendem busca romper com os padrões da técnica original, recorrendo a misturas de matizes, tecidos e tessituras, de traçados que se combinam a partir de características próprias, sem formas nem padrões pré-concebidos. Seguindo esse caminho, elas se inspiram na natureza e na diversidade da cultura brasileira, traçando nas telas uma arte de profunda delicadeza.

Foi a partir do resgate da própria ancestralidade que as convidadas iniciaram a atividade, apresentando ao público uma história que perpassa três gerações de bordadeiras. Conosco estavam presentes Antônia Zulma Diniz Dumont, suas filhas Sávvia e Marilu e a contadora de histórias Andrea Boni, além de algumas pessoas que acompanham o grupo em seu ofício de formação em bordado e nos auxiliaram no decorrer da atividade.

Após o momento de apresentação, Andrea nos contou uma história sobre os fios de água que se encontram e viajam por todo o território brasileiro, abrindo caminhos que ficam mais profundos a cada encontro entre rios que findam na pororoca – palavra de origem indígena que corresponde ao fenômeno natural em que rios com grande volume de água se encontram com o mar. Nessa narrativa, a contadora não se limitou apenas às palavras, mas recorreu também a sons de instrumentos musicais e grandes tecidos com desenhos de gotas, vilas ribeirinhas e peixes, além de diversas outras figuras que remetiam à história e estavam dispostas sobre as mesas durante a atividade.



## Registro e viagem

Mais adiante, as convidadas dividiram com os participantes a primeira exibição de um documentário que se propõe a arrematar o grande novelo da história da família, mostrando a maneira como as artistas entendem a herança cultural que reverbera nos trabalhos que vêm costurando de norte a sul do país. Além de dimensões poéticas e estéticas, os trabalhos carregam um conexão direta com a matriarca da família, Antônia, apontada pelas integrantes do grupo como aquela que lhes instigou o olhar, a escuta e a sensibilidade, estimulando a convivência entre elas, os rios e a natureza.

O vídeo também nos provoca a refletir sobre a maneira como o grupo entende o ato de bordar: para elas, já não se trata de uma técnica que busca a perfeição de atar fios e nós, mas sim uma possibilidade de abrir caminhos entre as fibras dos tecidos e costurar histórias com suas memórias, usando do possível e do impossível que se materializam entre linha, agulha e tecido.

Retomando a reflexão sobre os fios d'água que atravessam o cerrado, do Sudeste / Centro-Oeste brasileiro, teve início uma nova etapa da atividade, quando as convidadas propuseram ao público uma prática de bordado. Após chamarem nossa atenção para seis grandes tecidos com desenhos que remetiam a água e seus caminhos, fomos convidados a escolher os materiais e cores com os quais gostaríamos de trabalhar e, em seguida, instruídos sobre as diversas possibilidades técnicas do bordado.

Iniciado conosco, no CCBB DF, o trabalho atravessará o Brasil e resultará numa grande obra materializada a partir das mãos de muitos e muitas outras que tiverem a oportunidade de trocar com o grupo experiências acerca da ancestralidade incorporada ao exercício de bordar.

O Grupo Matizes Dumont é formado por Antônia Zulma, Ângela, Demóstenes, Martha, Marilu e Sávvia, todos nascidos à beira do rio São Francisco, tendo a observação da natureza, a poesia e a liberdade como inspiração. Transmitida de uma geração à outra no decorrer das três últimas décadas, a obra do grupo revela a conexão entre os temas da natureza, de nossa paisagem e da memória coletiva.



#bordado #ancestralidade  
#cultura popular #cerrado

# Conexão, encontro e destino

por Andrea Lalli

LUGAR DE CRIAÇÃO C/ COLETIVO MEIO FIO • 20 DE JANEIRO DE 2020

Conexão, encontro e destino são três noções-chaves que aparecem no mito de origem asiática “Akai Ito”, ainda presente no imaginário popular da cultura japonesa e de outros países daquele continente. A ideia principal do mito é que cada pessoa possui uma linha vermelha invisível em seu dedo mindinho esquerdo, que a conectaria ao mindinho esquerdo de outra pessoa. A partir dessa conexão, poderíamos, então, identificar alguém muito importante em nossas vidas ou ainda a pessoa destinada a estar ao nosso lado nesse curso de existência. Segundo o mesmo mito, o mindinho esquerdo representaria uma ligação direta ao coração, de modo que os corações dessas pessoas estariam, de alguma forma, atados a partir desse encontro. Ao levarmos essa conexão espiritual em consideração, seria curioso imaginarmos a quantidade imensurável de linhas vermelhas que perpassam nosso cotidiano e os espaços que frequentamos.

As relações que estabelecemos com as linhas que cruzam nossos caminhos, assim como as conexões entre essas relações e as transformações geradas por encontros e deslocamentos, são alguns dos temas que perpassam a exposição “Chiharu Shiota – Linhas da Vida”, que esteve em cartaz no CCBB SP entre novembro de 2019 e janeiro de 2020.

Chiharu Shiota é uma artista visual nascida em Osaka, no Japão, e atualmente residente em Berlim, na Alemanha. Quando visita seu país de origem, Chiharu relata já não se sentir confortável e pertencente àquele espaço inicial. Tampouco na Alemanha, entretanto, ela encontra essa identificação, tamanhas as distâncias culturais e geográficas entre os dois países. Dessa forma, questões como deslocamento, encontro, solidão, identidade e memória são temas que atravessam seus trabalhos, além do feminino, aspecto incontornável em sua obra. No amplo universo imagético criado por Chiharu, memórias e traumas são traduzidas em experimentações visuais e imersivas, a partir da expansão de linguagens como pintura, performance, instalação, escultura e litogravura.

Buscando estabelecer diálogos com a exposição “Chiharu Shiota: Linhas da Vida”, o Programa CCBB Educativo – Arte & Educação convidou o Coletivo Meio Fio para conduzir o **Lugar de Criação** de janeiro de 2020. O coletivo é composto por sete mulheres que buscam, a partir de fazeres manuais, construir e fortalecer laços, assim como criar novas narrativas poéticas. Como educadoras e educadores do programa pudemos multiplicar a proposta de

coletivo com os grupos de crianças que recebemos em nossa rotina, prolongando, por meio do fazer artístico-reflexivo, alguns aspectos da exposição.



## Agulhas e linhas em punho

Guiada por uma atividade conceitualmente simples, a proposta demonstrou grande potência de participação e interlocução com o público. Ao longo do encontro, frequentadores e visitantes do centro cultural foram convidados a bordar, tendo como suporte pequenos objetos de madeira prensada em um formato que fazia referência a um coração anatômico. Já havia pequenos furos em todo o objeto, e a ideia era que os participantes pudessem utilizar esses caminhos para facilitar suas experiências e assimilações com a linguagem do bordado.

Diante da grande presença de crianças pequenas, a proposta se mostrou bastante acessível, trazendo um lugar respeitoso de entendimento sobre as crianças e as possibilidades de experimentação com o material. Longe de afirmar uma proposta de dificuldade, os furos já presentes no objeto serviram como estímulo para o público se apropriar e se aproximar da prática do bordado, frequentemente de forma bastante espontânea.

Estabelecemos uma dinâmica de experimentação conforme as integrantes do coletivo haviam nos orientado e cada educadorx seguia autônoma e espontaneamente com o público que aparecia



– no caso, crianças de grupos escolares e outras, que estavam com suas famílias e se interessavam em participar. Nesse contexto, pude acompanhar o processo de duas irmãs: uma delas, com cerca de quatro anos, teve um pouco de dificuldade em bordar, e sua irmã mais velha gostou tanto que quis fazer mais. Sugeri a ela que auxiliasse a mais nova, para que ambas pudessem viver a experiência com os corações entrelaçados. De forma geral, as crianças se entusiasmaram com o resultado final e queriam levar para casa o que haviam conseguido produzir ali.

## As camadas do bordado

Como potência educativa, o bordado ativa um lugar de memória ancestral, lembrando que fazeres manuais são disparadores para pensarmos as redes que nos conectam também às gerações anteriores, assim como ao inconsciente coletivo e às temporalidades relacionadas a esse tipo de fazer.

“Encontramos nas técnicas manuais o instrumento dessa transformação: conectando passado e futuro por meio dos laços de memória afetiva que somos remetidos nesses trabalhos lentos e que, se por um lado nos voltamos ao nosso interior, por outro desejamos compartilhar o saber e a construção coletiva”, defende o Meio Fio, ao apresentar sua proposta.

É curioso, nesse sentido, pensar sobre as relações estabelecidas entre a lenda japonesa de “Akai Ito”, em torno dos encontros e laços entre as pessoas, e o bordado utilizado na obra de Chiharu, entendendo-o como uma tentativa da artista sobre a expressão de si mesma, ao tratar de noções como nascimento e identidade.

Em atividade desde 2015, o Coletivo Meio Fio é um grupo de sete mulheres com histórias, profissões e desejos diversos. A partir de fazeres manuais, elas buscam construir narrativas poéticas e renovar espaços, como forma de unir pessoas e criar laços de coletividade. Atualmente desenvolvem ações para instituições e empresas, assim como se envolvem em projetos autorais, de arte-educação, cenografia e instalações.



#bordado #cultura oriental #Chiharu Shiota

# Quem são seus ancestrais?

por Mari Lotti & Tiago Cruz

LUGAR DE CRIAÇÃO C/ LINHOGRAFIA • 20 DE OUTUBRO DE 2019



Como de praxe no Lugar de Criação, convidamos os visitantes do CCBB DF a pensar sobre processos que visam a ocupação, a convivência, a criação e o diálogo com a arte, considerando as famílias e suas diversas gerações. Nos dias 19 e 20 de outubro de 2019 não foi diferente: numa investigação sobre laços e histórias familiares, sugerimos aos participantes uma imersão em suas próprias ancestralidades buscando ampliar a percepção de adultos e crianças sobre a constituição desse núcleo, por vezes um tanto limitada àqueles que estão vivos ou que vivem na mesma casa. Alicerçados a uma técnica que decidimos chamar de Linhografia, desenvolvida pelo educador Tiago Cruz, o processo consiste em provocar os participantes a refletirem sobre os próprios antepassados e, a partir dessas reflexões, produzir objetos gráficos que se materializam por meio de dobraduras e recortes em papel.

Concebida dentro do eixo “Trocação de histórias”, a atividade teve como ponto de partida a história “A Tal da Abelha”, desenvolvida pelos educadores do grupo de trabalho Práticas Artísticas e Educativas. A narrativa nos apresenta o desconforto de uma abelha operária que, ao se deparar com três curumins falando sobre as origens dos diferentes grafismos em suas peles, percebe não conhecer o significado do que eles chamam de ancestral e quer, então, saber: “O que é ancestral para você?”.

Ao reivindicar a oralidade como principal caminho de transmissão dos saberes em diversas comunidades e sociedades humanas, muitos povos originários têm como prática a conservação e a propagação do saber cultural por meio da fala, revogando, nesse sentido, a perspectiva moderna e ocidental que valida somente o saber científico materializado na literatura. Para muitos povos, suas histórias, crenças e compreensões de mundo resistem – justamente – nas narrativas vividas por seus ancestrais: são essas memórias que os possibilitam colocar em prática a própria cultura, assim como combiná-la a outras formas de comunicação.

Entretanto, por mais que este seja o principal meio de transmissão da herança histórico-cultural de alguns povos indígenas, existem grupos que materializam sua ancestralidade também a partir de padrões estéticos e grafismos perpetuados em artefatos materiais e orgânicos, como é o caso da pintura corporal. Alguns desses grafismos, por exemplo, têm origem em texturas e padrões que remetem às peles de animais como o jabuti e a onça pintada. Foram justamente esses padrões que deram origem às organizações gráficas da etnia Asurini, que vive no alto do Xingu.



## Uma cartografia genealógica

### O que diz a história da sua linhografia?

Para criar esse objeto, basta ter em mãos uma tesoura e um pedaço de papel grande – de preferência um papel de seda.

Deixe a tesoura de lado por enquanto, e dobre o papel ao meio oito vezes, até obter um pequeno retângulo.

Desenhe a partir de cada aresta símbolos que remetam a relação com um de seus ancestrais. Vá tão longe quanto for possível e, para isso, peça a ajuda dos seus familiares.

Usando a tesoura, recorte os símbolos criados a partir das quatro arestas do pequeno retângulo de papel dobrado.

Para terminar, desfaça as dobraduras e observe como os símbolos se multiplicam, criando outros padrões e imagens.

## Práticas de linhografia

Propondo um diálogo com a exposição “Vaivém”, então em cartaz no CCBB DF, convidamos os participantes a refletir sobre suas linhagens familiares, criando símbolos advindos de um resgate genealógico e materializados a partir de compreensões e desdobramentos acerca do que é ancestral. Pensando nesses símbolos, eles foram estimulados a conversar sobre seus antepassados e, a partir dessas conversas, criar estruturas gráficas originais. Em linhas gerais, essas estruturas se materializaram a partir de letras e símbolos que evocam as memórias daqueles que os antecederam. Tais elementos foram recortados em papéis dobrados que, ao serem desdobrados, multiplicavam os recortes e reconfiguravam as imagens iniciais.

Em resumo, esse é o processo que nomeamos por Linhografia. Enquanto “linho” advém da palavra linhagem, que se refere às linhas de parentesco entre as pessoas, “grafia” evoca o ato de escrever e representar graficamente tais laços, assim como os parentes aos quais eles se referem. Pensando nisso, o objeto produzido após a dinâmica serve também como metáfora para perceber que todos somos o resultado de heranças chamadas ancestralidade – e que o que se é, hoje, advém daqueles que nos antecederam.

#ancestralidade #recortar #fábulas

# Desenrolando Klee

por Jéssica Cruz

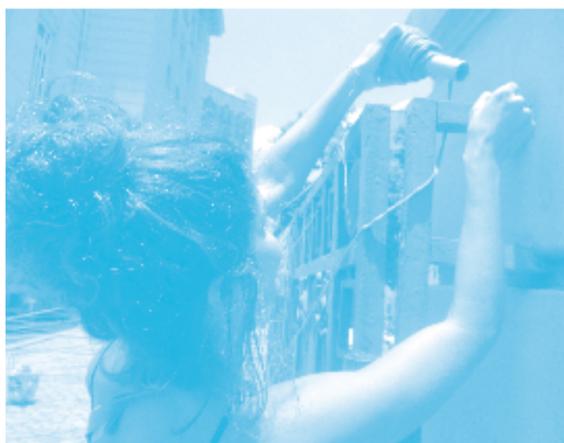
MÚLTIPLO ANCESTRAL C/ CAMILA MOREIRA • 09 DE NOVEMBRO DE 2019

Era uma manhã de sábado com muito sol na Praça da Liberdade, e a mostra “Paul Klee – Equilíbrio Instável” se despedia de nós. Prontos para realizarmos mais uma edição do **Múltiplo Ancestral**, nos percebíamos contagiados por um intenso aprendizado com as cores do artista, desdobrado em um imenso carinho pela ação que estávamos prestes a iniciar.

Dessa vez, como num ritual de homenagem, espacializamos as linhas e cores da pintura de Klee numa grande instalação participativa realizada na lateral do edifício do CCBB BH. Fomos conduzidos por Camila Moreira, artista visual e professora cujas pesquisas contemplam o desenho na atualidade, os processos híbridos, o exílio, a mestiçagem na arte e os processos de criação. Para ativar as primeiras linhas coloridas, Camila convidou os estudantes do Núcleo de Estudos e Ensino em Desenho Contemporâneo, vinculado à Escola de Belas Artes da UFMG.

Em seus cadernos hoje publicados, Paul Klee nitidamente manifesta engajamento em uma pesquisa sobre a linha. O artista reafirma a linha como um elemento básico de composição que atravessa todo o seu processo e manifesta-se com ênfase, por exemplo, na produção do período em que lecionou na icônica escola de arte Bauhaus, na Alemanha.

Enquanto educador generoso, Klee convida seus estudantes a “levarem a linha pra passear”, tornando lúdico aquele laboratório-escola que propunha interseções entre a arquitetura, o design, a arte e a vida. Há 100 anos, a linha ainda passeava pelo papel, mas se Klee e seus amigos de vanguarda estivessem vivos e produzindo hoje, com certeza se deliciariam com a proposta de Camila, na qual a linha e o desenho brincaram de sair da parede.



## Levando a linha para a deriva

Tendo como trilha o som da voz de uma criança que nos orientava pelo verbo “desentraçar”, Camila Moreira e seus orientandos prendiam os novelos em estruturas do prédio. Pouco a pouco, as linhas começavam a se desenrolar, expandindo a fria arquitetura eclética do edifício que originalmente abrigava a Secretaria de Segurança Pública de Minas Gerais.

Nas mãos dos performers, as linhas corriam soltas e felizes, percorrendo e tensionando outras linhas, tangenciando outros corpos, inundando os arredores, se amarrando em grades, postes e árvores, e até mesmo abraçando as mãos de alguns passantes.

Com o tempo, o emaranhado ia ficando cada vez mais denso, fazendo da paisagem uma grande superfície para o desenho. Curioso, o público se aproximava e se jogava no labirinto colorido: uma espécie de “cama de gato” gigantesca, que na imaginação de muitos se convertia em rede de dormir, desafiadores labirintos de fios e, como não poderia deixar ser, um instigante cenário para fotos.



## “Múltiplos da Criação”

A liberdade e o prazer presentes ao longo da atividade me recordaram dos quase cinquentenários Domingos de Criação – ateliês abertos de arte educação propostos entre janeiro e agosto de 1971, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, pelo jornalista e crítico de arte Frederico Morais. Curador belorizontino autodidata, Frederico atuava em plena Ditadura Militar, envolvendo-se ao mesmo tempo com questões artísticas, sociais e políticas. Sua afinidade com tais campos culmina na realização dos Domingos de Criação, desde então e até hoje considerados eventos pedagógicos experimentais, ainda definidos por Morais como “manifestações de livre criatividade com novos materiais”.

Naquelas ocasiões, pessoas de diferentes partes da cidade do Rio de Janeiro se reuniam no aterro do Flamengo para uma inventividade experimental e coletiva, explorando e por vezes esgotando possibilidades de criação a partir de materiais diversos, como aconteceu em ações como “Um domingo de papel” e “O corpo a corpo do Domingo”.

Ao rever os registros dos Domingos de Criação, as imagens dos sorrisos nas fotos em preto e branco certamente marcam a memória de quem se interessa por uma arte que privilegia os sentidos, o espaço público e o senso coletivo, aproximando, portanto, estética e política, arte e educação.



## Do que é feito um museu?

Tais eventos evidenciam o que Morais defende como espaço público: para ele, a cidade é a extensão natural do museu de arte. É na rua que ocorrem as experiências fundamentais do ser humano, e a sensação daquele exercício vanguardista parecia se repetir durante o **Múltiplo Ancestral** que em 2019 testemunhamos.

Ao som das gargalhadas altas de quem tropeçava e se enroscava nos bolos de linha, pudemos experimentar a quebra de constrangimentos cotidianos, fazendo com que os limites entre fora e dentro do museu fossem permeados e permeáveis à participação e à intervenção de espectadores e transeuntes.

Na esteira de Paul Klee e Frederico Morais, celebramos, ao recebermos a artista e professora Camila Moreira, ao menos 100 anos de permeabilidade dos processos criativos na vida das pessoas. Quando museus e centros culturais transbordam, as pessoas são estimuladas a construir afetos, compartilhar sentidos e, quem sabe, transformar a sociedade.

Especialmente nessa edição do **Múltiplo Ancestral**, os artistas e educadores envolvidos na atividade mobilizaram a participação popular, contribuindo para fortalecer a presença de atividades relacionais e colaborativas no escopo do centro cultural. Em ações como essa, o Programa CCBB Educativo – Arte & Educação reafirma o compromisso de ativação de seus contextos de realização como espaços de cidadania, articulação, encontro, fruição e práticas artísticas.

Camila Moreira é artista e doutora em artes plásticas pela Université Paris 1. Atualmente, é professora adjunta no Departamento de Desenho da Escola de Belas Artes da UFMG e coordena o Núcleo de Estudos e Ensino em Desenho Contemporâneo (NEDEC/UFMG).



#performance #desenho #Paul Klee

# Sentire Botânica

por Tiago Cruz & Júnior

LUGAR DE CRIAÇÃO C/ BJÖRK DIGITAL • 21 DE DEZEMBRO DE 2019

***“Naquele outono, de tarde, ao pé da roseira de minha avó, eu obrei.***

***Minha avó não ralhou nem.***

***Obrar não era construir casa ou fazer obra de arte.***

***Esse verbo tinha um dom diferente.***

***Obrar seria o mesmo que cacarar.***

***Sei que o verbo cacarar se aplica mais a passarinhos***

***Os passarinhos cacaram nas folhas nos postes nas pedras do rio nas casas.***

***Eu só obrei no pé da roseira da minha avó.***

***Mas ela não ralhou nem.***

***Ela disse que as roseiras estavam carecendo de esterco orgânico.***

***E que as obras trazem força e beleza às flores.”***

TRECHO DO POEMA “OBRAR”, DE MANOEL DE BARROS



Bem como no poema de Manoel de Barros, flores serviram como um potente estímulo para despertar memórias antigas e recentes no decorrer do **Lugar de Criação** Sentire Botânica, realizado no CCBB DF durante o penúltimo fim de semana de 2019. O termo “*sentire*” advém do latim e condiz com a definição de perceber, conhecer e sentir, verbos geralmente exercidos com os sentidos. A botânica, por sua vez, é um campo de estudo da biologia focado no conhecimento sobre as plantas e a vida vegetal.

Entendendo esses dois conceitos, podemos abraçar Sentire Botânica, um **Lugar de Criação** concebido a partir da prática da taxonomia, campo científico que descreve, classifica e nomeia os seres vivos. A atividade aconteceu nos dias 21 e 22 de dezembro, quando nos dedicamos à busca de sentimentos que inspiraram a criação de novas plantas, evocando, para tanto, emoções e lembranças adormecidas, algo que vinha sendo ramificado na exposição “Björk Digital”, em cartaz naquele contexto.

Em seu álbum mais recente, “Utopia” (2017), a artista islandesa apresenta híbridas criações visuais que a aproximam da natureza. Björk compõe canções que incluem sons de pássaros nativos da Islândia, assim como traz plantas como importantes elementos visuais dentro da proposta do álbum. No clipe da música “Tabula Rasa”, por exemplo, a artista se transforma numa espécie de orquídea, enquanto traduz em música suas emoções e sensações. O que vemos, ali, é um ser que fica entre meios: parte humana, parte planta. Segundo o diretor do vídeo, Tobias Gremmler, trata-se de uma proposta que busca rever nossas relações com a natureza. “A transformação visual de Björk em elfos que parecem flores e paisagens montanhosas incorpora o conceito utópico de uma coexistência harmoniosa entre natureza e humanos, baseada na empatia”.

Próximos da natureza, como a artista, tivemos como matéria prima para a execução da atividade algumas flores e muitas memórias. Partimos, então, da seguinte questão: o que seríamos capazes de criar com a natureza se pudéssemos nos fundir a ela? De que modo nossas histórias e emoções influenciam na construção das nossas plantas?

## **A raiz do pé de roseira da minha avó**

Já de antemão, várias flores coloriam a sala, oferecendo aos participantes um convite para escolher quais plantas e quais partes delas seriam utilizadas. Tratadas como brotos de memórias, as plantas puderam florescer reminiscências que proliferaram em experiências e afetos já enraizados no terreiro dos “corpos-jardins” dos participantes da atividade. Foi esse o território em que crianças e adultos revisitaram lembranças latentes e até perdidas no subconsciente, mergulhando em processos que deram vida e cor à atividade. Sobre grandes papéis coloridos, brotaram não somente elementos botânicos cheios de cor e hibridez, mas também lembranças que já andavam murchas nas memórias dos participantes.

Um deles, por exemplo, se recordou especificamente da infância e de alguns trabalhos que costumava fazer com sua avó, benzedeira. No despetalar das flores, brotaram histórias enraizadas em sua trajetória de vida. E desabrochou ainda a oportunidade de compartilhar tais recordações com o filho que o acompanhava na atividade, em um momento de aproximação e fortalecimento dos laços familiares entre o menino e a bisavó a quem ele não pôde conhecer.

“Benzedeira”, aliás, é aquela que afasta o mal a partir de um movimento de amor que pressupõe o resgate de sabedorias ancestrais de cura e conexão com a natureza. Aquela que aposta na retomada de sentidos e conhecimentos do corpo, assim como das energias que o alimentam. Fato é que, ao longo da atividade, um amplo jardim de lembranças afetivas pôde se estabelecer e crescer cada vez mais, reiterando que o compartilhamento coletivo de experiências tende a influenciar, inclusive, as emoções de outros participantes.

Inspirados pelo mergulho artístico de Björk em sua própria natureza, pudemos, nós também, experimentar alguns mergulhos em nossas profundezas. Tendo como resultados visíveis um amplo e variado conjunto de flores sentimentais, o aprofundamento dessas memórias nos levou a lugares que antes nem imaginávamos alcançar.

#plantas #desenho #Björk

# Entre livros e corpos

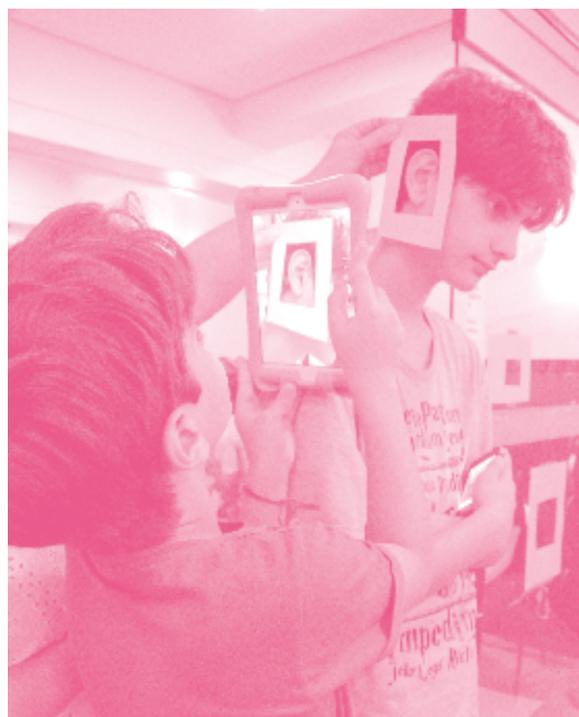
por Raquel Tanaka

ATIVIDADE ESPECIAL C/ ATELIÊ LIBÉLULA • DIA DAS CRIANÇAS • 12 DE OUTUBRO DE 2019

Muitos de nós têm contato com livros desde a infância, quando eles costumam servir como material de apoio e suporte para o processo de aprendizagem. Em geral, no entanto, sempre recebemos esses livros prontos, apenas para consumir seus conteúdos. Mas e se pudéssemos criar um livro com imagens produzidas por nós mesmos?

Os nossos corpos, por outro lado, nos acompanham por todos os momentos da nossa vida, fazendo com que muitas vezes não reparamos neles, pois os vemos e os sentimos todos os dias. Por exemplo: já aconteceu de você machucar um dedo, só depois do machucado, perceber a importância daquele dedo?

Tendo principalmente livros e corpos como pontos de partida, a programação do CCBB SP para o Dia das Crianças contou, em outubro de 2019, com a participação especial do ateliê “Libélula: livros com | e | para crianças”, voltado à apropriação e experimentação de múltiplas linguagens por meio das quais podemos nos expressar. O projeto é realizado pela arte educadora, atriz e especialista em engenharia de papel Liana Yuri e pela arquiteta, designer e especialista em projetos editoriais Maria Carolina Sampaio.



## Experiências e apropriações

A atividade, se deu a partir de um convite a testar diferentes usos e formatos que uma folha de papel sulfite pode proporcionar, assim como lançar um olhar diferenciado para partes do nosso corpo. Desse modo, fomos convidados a pensar em como podemos transformar os nossos corpos em conteúdo para um livro.

Para tanto, o ateliê Libélula montou uma “grafiqueta”, estrutura onde aconteceria todo o processo gráfico, contando com duas impressoras em papel térmico, duas impressoras convencionais e um espaço dedicado à confecção e à montagem dos livros. A atividade contou ainda com folhas de papel sulfite azul, previamente cortadas ao meio, além de cola, canetinha e, mais importante, os corpos dos participantes. O processo teve início com uma conversa entre as convidadas e os educadores, tendo como intuito instigar nossos olhares para os próprios corpos, nos levando a considerar detalhes que muitas vezes passam despercebidos e, a partir daí, explorar esses detalhes.

No momento seguinte, molduras pré-fabricadas foram colocadas à disposição do público, e usando dessas molduras pudemos experimentar diferentes maneiras de focar nossos olhares. Conforme orientação das convidadas, escolhemos seis partes do corpo e realizamos registros fotográficos desses fragmentos usando nossos próprios dispositivos e as molduras. Nos casos em que algum integrante do público não tinha acesso a dispositivos fotográficos, os tablets usados pelos educadores e educadoras foram disponibilizados para que todos pudessem participar da atividade.



Os registros foram, então, enviados para Maria Carolina, e ela se responsabilizou em produzir a impressão das imagens no papel térmico – o mesmo usado para a impressão de cupons fiscais em estabelecimentos de vendas, como supermercados e lojas em geral. Depois de impresso, cada conjunto de seis fotos foi dobrado de acordo com a lógica da publicação, criando três páginas de frente e verso, com uma imagem em cada face das páginas. As impressões foram encaixadas na capa, construída a partir da folha sulfite azul, de modo a criar um pequeno livro para cada participante da atividade.

Ao experimentar o uso do papel focando nossos olhares para o próprio corpo, pudemos vivenciar o fazer artístico de uma forma diferente do comum. Ao se apropriar de telefones celulares como ferramentas e da arte impressa como referência para esse fazer, ampliamos ainda nossas perspectivas sobre as múltiplas possibilidades de usar as tecnologias atuais como estímulos à experimentação artística.

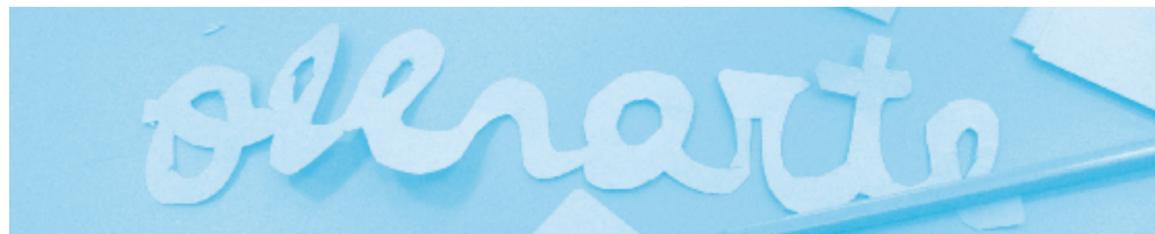
Liana Yuri é arte-educadora, especialista em engenharia de papel e atriz do grupo Sobrevento. Maria Carolina Sampaio é arquiteta e designer, especialista em projetos de livros.

#artes gráficas #fotografia #publicações

# Um gesto em direção à palavra

por João Paulo Andrade

ATIVIDADE ESPECIAL C/ SYLVIA AMÉLIA • DIA NACIONAL DA ALFABETIZAÇÃO • 14 DE NOVEMBRO DE 2019



Na ocasião do Dia Nacional da Alfabetização, a artista plástica e professora Sylvia Amélia propôs uma oficina que amplia as possibilidades do letramento e dos diversos caminhos de conhecimento e experiência a partir da palavra. Intitulada “Escrever é abrir buracos”, a atividade põe em prática o trânsito entre um mundo não letrado e as artes gráficas e visuais. A primeira percepção que se tem diante dessa proposta é que, apesar da diversidade do público presente, todos tinham uma inclinação parecida: aprender para ensinar. Educadorxs, professorxs e curiosxs, reunidos em torno do desejo de potencializar processos de cognição no âmbito da leitura e da escrita. Um desejo por instrumentalização que foi correspondido de uma forma surpreendente. Se esperávamos por soluções pragmáticas, Sylvia Amélia nos apresentou um problema cuja resposta é essencialmente poética: “Já sei ler: e agora? O que posso fazer com a palavra?”.

## O que acontece enquanto escrevo

Não é de processos mentais que estamos falando aqui, tampouco de conteúdos discursivos. Trata-se da duração da palavra, da escrita como um fenômeno que, por sua vez, origina algo tangível, uma concretude – tal qual a imagem, concreta na medida no meio pelo qual se faz sensível. A proposta de Sylvia Amélia nos faz pensar em modos de combinar palavra e imagem, assim como em fricções entre esses dois domínios. Em sua visão, ambos podem se beneficiar, reciprocamente, e a palavraimagem tem certa eloquência que estaríamos prestes a descobrir.

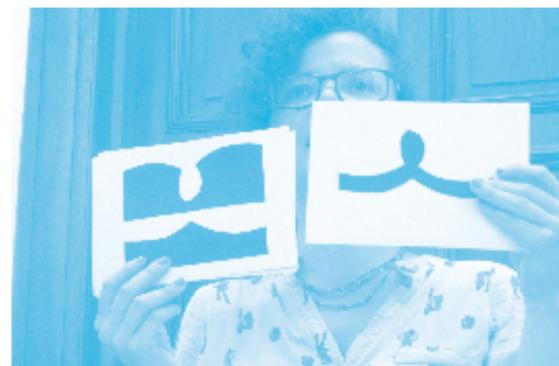
Gosto particularmente da maneira como fomos convidados a nos apresentar: cada um deveria dizer seu nome e “vinte palavras que permeiam seu cotidiano”. Enquanto ouvíamos a lista dos outros participantes, íamos capturando palavras ditas por eles. Palavras que nos chamam a atenção, palavras que gostaríamos de roubar. Ao fim desse momento, faríamos o primeiro movimento de edição: eleger apenas uma palavra das duas listas – uma palavra que trouxemos e outra, que tomamos de outro participante.

## “Escrever à tesoura sem a mediação do risco”

Escolhidas as duas palavras, começamos a experimentar. Sylvia dispôs alguns exemplos do que poderia ser a possibilidade de uma palavra materializada. Escrever com a tesoura, por exemplo. Como esse movimento se realiza? Que tipo de caligrafia se revela? “A palavra tem hemisférios”, diz.

O gesto vai fazendo surgir a palavra a partir desses hemisférios. Recortar quase compulsivamente, recortar sem parar, “sem pensar”. Isso é curioso porque demonstra aquela que talvez seja a vocação mais potente do procedimento de recortescrita indicado pela convidada. O sentido não vem antes ou depois do gesto, pelo contrário: está sempre inscrito no gesto e só nele se revela e se desdobra. O corte vira algo quase automático, o que não retira dele a espontaneidade. Nas palavras de Sylvia, é sobre “escrever à tesoura sem a mediação do risco”.

Notamos, de repente, que o grupo de participantes está em silêncio. Ouve-se apenas o som das tesouras e dos papéis recortados. Raramente se viu o espaço do ateliê tão imerso e concentrado. Uma atenção plena, que parte da materialidade das palavras e suas variações, mas vai além. Os olhares se voltam também para o que restou de cada palavra, para aquilo que ficou “fora da letra”. Esta é uma vocação do recorte para a produção de imagens. Os resíduos sugerem paisagens, corpos. Nada deve ser jogado fora. A partir daí começamos a entender a palavra como construção de lugares e visualidades.



## Estou lendo ou vendo?

Último momento de edição: das duas palavras, escolher apenas uma; escolher também duas das cores de papel disponíveis. Agora seria o momento de produzirmos nossos livros, nos quais a palavra eleita se desdobra em possibilidades imagéticas, combinações de formas e contraformas. Interessante perceber como cada participante está preocupado em associar todos os elementos disponíveis para criar um resultado gráfico e estético. Há algo de provocativo, por exemplo, em “Lambida”, livro produzido por uma das participantes. Ali, a escolha das cores é um comentário irônico sobre masculinidades e feminilidades.

Gosto também da forma como Sylvia Amélia acompanha cada participante em seu processo. Não se trata apenas de ensinar a fazer, mas de apontar ao fato de que já o sabemos. Ela mostra as resultâncias do percurso da tesoura sobre a palavra, e ressalta que a complexidade do processo está no inesperado – não naquilo que tentamos controlar. As palavras não precisam ser “legíveis”; tampouco formas que consigamos identificar.

O resultado faz coincidir as duas esferas: a da palavra e da imagem. Não que aconteça uma fusão completa entre ambas: elas ainda se mantêm ancoradas no que possuem de singular. A proposta se volta, pelo contrário, à possibilidade de tensionar sentido e presença: ora vejo, ora leio.

## “Tem algo de infância no gesto de recortar”

Ao fim da atividade, comentei com Sylvia sobre o quanto havia me impressionado o tipo de performatividade que o recorte instaura no ambiente. O silêncio, o foco, a concentração, a atenção plena. À pergunta, ela respondeu: “Tem algo de infância no gesto de recortar”. Penso, então, como adulto, se é possível restabelecer laços com a postura lúdica diante do mundo que geralmente temos quando crianças. Reflito ainda sobre como determinados gestos são capazes de nos colocar em contato com estados anteriores à consciência e à extrema racionalidade. Em “Escrever é abrir buracos”, Sylvia Amélia resgata uma relação lúdica e afetiva com as palavras – e uma oficina que nos faz pensar a alfabetização a partir desse ponto de partida é uma grata surpresa.

Sylvia Amélia é artista visual e professora do Centro Pedagógico da UFMG. Graduada em Educação Artística pela Escola Guignard, é mestre em Arte e Tecnologia da Imagem pela UFMG. Desde 2002, realiza exposições e intervenções em espaços públicos de diversas cidades do Brasil. Publicou em 2019 seu primeiro livro monográfico, intitulado “Manuscorte”.

#escrita #colagem #recortar

# O tempo da serigrafia

por Débora Passos

MÚLTIPLO ANCESTRAL C/ EUDALDO SOBRINHO (NENO) • 31 DE AGOSTO DE 2019



Como um momento de aprendizado e experimentação pode proporcionar um olhar transformador sobre o mundo? Se essa é uma questão que perpassa muitos contextos, foram também vários os momentos em que a pergunta se manifestou durante a oficina de serigrafia conduzida por Eudaldo Sobrinho, ou simplesmente Neno, durante o curso **Múltiplo Ancestral** realizado em agosto de 2019, no CCBB DF.

A oficina aconteceu à sombra da ingazeira que fica nos jardins do edifício. Simultaneamente à atividade, acontecia um evento sobre anime, com estandes, feira e mostra de cinema. Esse evento trouxe um público numeroso ao CCBB naquela tarde. Mesmo com sol forte e ar seco, muitas pessoas circulavam pela área externa, o que favoreceu a adesão à atividade.

Mesa, banquinhos, telas grandes de serigrafia, tintas, papéis grandes, mangueiras, secador etc.: assim que todo o material necessário foi organizado na área reservada à atividade, iniciamos uma conversa na qual os objetos foram apresentados em suas formas e funções. A partir dessa conversa, foi possível perceber que a técnica a ser compartilhada agrega objetos não necessariamente destinados à serigrafia, mas que, naquele contexto, se tornariam fundamentais para a experiência.

O tempo, a propósito, foi outro elemento experimentado de forma não-usual na oficina. A nossa relação com imagens, ou ainda com o consumo de imagens, é uma característica de um modo de vida contemporâneo e ocidentalizado, que (o)corre a boas doses de velocidade. No âmbito do fazer, entretanto, as imagens demandam tempo para ficarem prontas. Nesse sentido, foi um desafio oferecer ao público a experiência de criar uma única imagem, mesmo que imprimível diversas vezes, ao longo de duas horas.

Por outro lado, o convidado Neno trouxe um nítido entusiasmo na partilha do seu saber. Parte do público ficou do início ao fim; outra parte, devido à hora do almoço e às necessidades das crianças, esteve conosco parcialmente; algumas famílias se organizaram em revezamento para acompanhar a maior parte possível da atividade; outras e outros estiveram conosco somente na hora da impressão das cópias. A circulação dos públicos na atividade foi, de certo modo, um testemunho da nossa relação com as imagens e do próprio ritmo da vida contemporânea. Na técnica da serigrafia, contudo, o tempo é desacelerado tanto nas aplicações sobre a tela quanto nos instantes de exposição ao sol e secagem dos trabalhos.

## Da repetição à imperfeição

A proposta do convidado para dar início à composição da imagem foi a seguinte “O que vale a pena ser repetido?”. Sobre uma tela coletiva de serigrafia, surgiram vários desenhos, dispostos numa composição livre. Dessa composição, após os devidos procedimentos, surgiriam quantas cópias desejássemos. Material e simbolicamente, o encontro entre o que vale a pena ser repetido e a possibilidade de inúmeras repetições é uma questão que perpassa muitos contextos do tempo presente e dos nossos modos de vida. Assim, para além da aparente aleatoriedade, convido quem está lendo a responder: valem a pena se repetirem macacos, tartarugas, o sol, vassouras, flores, letras iniciais de pessoas queridas? Esses foram alguns dos desenhos feitos pelos participantes.

No decorrer do tempo de impressão das cópias, produzidas sob a luz do sol intenso do cerrado e a partir da tela que trazia as imagens escolhidas, Neno falou sobre nossas relações com o fazer das coisas, com as técnicas e as barreiras que frequentemente criamos para nós mesmos.

Em sua visão, o que pensamos sobre o “fazer bem feito” e o “faça-você-mesmo” não são ideias positivas somente por se relacionarem favoravelmente às nossas capacidades técnicas, ou ainda com a satisfação do ego ao executar uma tarefa que poucos conseguem. Para ele, o fazer, seja fazer uma imagem, um bolo ou um avião, torna-se frutífero justamente no momento em que se transforma em um encontro com os “defeitos”, ou seja, com tudo o que está fora do planejado, do tecnicamente determinado, e também com o que escolhemos como certo e errado, defeito e qualidade, bem-fazer e mal-fazer.

Aceitar e compreender o que escapa da previsibilidade e da expectativa da técnica ou do planejamento, seja nos fazeres da vida ou, durante uma oficina de serigrafia: este parece ter sido o generoso convite oferecido por Neno ao partilhar conosco sua prática artística. “O que vemos como defeito pode se transformar em linguagem. O que julgamos uma falha pode vir a ser parte do nosso ser no mundo, que é único”, afirmou, em um dos momentos finais do encontro.

Eudaldo Sobrinho, ou Neno, é formado em Desenho Industrial pela UnB e atua como designer gráfico e serigrafista desde 2005, ministrando oficinas e trabalhando em diversas frentes a partir dessa linguagem. Atualmente ministra uma oficina no Espaço Cultural Renato Russo e é um dos integrantes do ateliê coletivo Nova.



#serigrafia #faça-você-mesmo #artes gráficas

# Peça a peça

por Daniel Toledo

MÚLTIPLO ANCESTRAL C/ BENEDIKT WIERTZ • 28 DE ABRIL DE 2019



Amplamente reconhecida como o mais antigo material artificial produzido pela humanidade, a cerâmica acumula, segundo estimativas, entre 10 e 15 mil anos de uma história que remete a diferentes partes do planeta. Empregado, inicialmente, como matéria propícia à produção de vasilhas para armazenar água, alimentos e sementes, o material foi pouco a pouco ganhando novos usos, com destaque para a construção civil ou as próprias artes visuais. Com quarenta anos de experiência na lida profissional com a argila e a cerâmica, o artista Benedikt Wiertz foi convidado a conduzir a edição de abril de 2019 do **Múltiplo Ancestral**, quando propôs a atividade “Peça a peça” no CCBB BH.

Voltada principalmente a crianças, a ação dividiu-se basicamente em duas etapas, que incorporaram tanto o desenho do objeto quanto a sua criação a partir de um torno de mesa. “Os participantes foram convidados a imaginar uma peça, colocá-la no papel e, por fim, produzir a peça no torno, na mesma hora, sempre na companhia dos educadores”, resume o artista, ressaltando a dimensão principalmente prática da atividade. “Nós falamos sobre a maleabilidade da argila, as questões técnicas, as propriedades do torno, mas é uma conversa que acontece mais no fazer. O mais interessante desse processo é pensar no material, na máquina e ter essa vivência. Você pode ver uma pessoa trabalhando, mas quando você implica uma ideia dentro de um projeto, isso estabelece uma ligação mais forte, mais interessada”, aposta o artista.

Entre as ideias propostas pelo grupo, Benedikt lembra-se, por exemplo, de uma criança que queria produzir duas mãos humanas. “Como tudo o que sai do torno é redondo, nós fizemos primeiro o corpo da mão e depois os dedos, bem finos. No fim das contas, virou uma mão um pouco Picasso, um pouco distorcida”, conta ele, destacando o papel do desenho como um estímulo para a imaginação e a comunicação. “O gesto do desenho, de imaginar, ainda que seja muito precário, é uma experiência super rica para qualquer pessoa. E o que as crianças não conseguem desenhar, elas explicam. Tem uma precariedade, mas quando a criança começa, ela se expressa”.

Ainda que a adesão à proposta tenha sido grande, o artista não desconsidera um breve estranhamento inicial vivido pelas crianças ao se aproximarem da argila crua. “Existe, claro, um certo receio de manchar as mãos na argila, mas depois de colocarem na água e entenderem que sai fácil, elas já estão dentro”, observa o artista, cujas primeiras memórias sobre a cerâmica repousam justamente na infância, quando costumava brincar nas bordas enlameadas do rio Reno, na Alemanha, perto do terreno de uma antiga fábrica que quase dois milênios antes pertencera ao Império Romano. “Sempre que passavam os arados, eles remexiam a terra, e nós encontrávamos cacos, vasilhas, objetos que hoje poderiam estar em um museu”, recorda.



## De barro somos?

Benedikt nos lembra que mesmo tendo a humanidade desenvolvido muitos outros materiais, tais quais o alumínio, o plástico e o concreto, a cerâmica segue bastante presente na vida contemporânea, seja no campo ou na cidade. “Ela está na construção, no azulejo, na panela de barro, no filtro de água, mesmo que a gente não perceba. Está no cotidiano e no imaginário, muito forte”. Entre as importantes qualidades do material, em sua visão, figura justamente a relativa simplicidade do processo de produção. “Se você faz uma coisa com metal, você tem que fundir, e esperar esfriar. Com madeira, você precisa de serra, martelo, de muita destreza. Mas o torno é uma coisa instantânea, você assiste essa criação em um momento só.”

Justamente com a intenção de ressaltar a qualidade da argila crua, assim como o trabalho com o torno, as peças produzidas durante a oficina não eram queimadas e podiam ser retrabalhadas pelos participantes. “Sempre convido as pessoas para participarem, fazerem alguns riscos, desenharem sobre a peça. O que a gente propõe é uma etapa do processo, mas uma etapa bem rica, bem abrangente. A maioria das pessoas queria levar as peças, ainda frescas, como se fosse um troféu. Como é argila crua, é frágil, mas você deixa a peça descansando dois ou três dias e dá pra buscar depois”, explica.

Ao final da atividade, conta ele, ainda havia uma fila de desenhos a serem moldados, além de crianças que apenas brincavam com a argila, sem necessariamente cumprir todo o processo previsto. “Algumas crianças entram com corpo e alma, desenharam, perguntam, terminam de fazer e ficam por perto, fascinados pelos processos. Uma experiência pontual como essa pode ser uma inspiração, e é bom que aconteça com mais frequência”.

Benedikt Wiertz é ex-diretor e professor de cerâmica da Escola Guignard (UEMG) e professor visitante da Academia de Belas Artes de Munique. Trabalha atualmente como artista, ceramista e professor no seu atelier em Suzana, situado na Região da Serra da Moeda. Dedica-se sobretudo à pesquisa, performance e trabalhos em cerâmica e argila crua. Formado na Alemanha e na Espanha, reside desde 1995 em Belo Horizonte.

#escultura #desenho #argila

# Faça você mesmo

por Geovana Freitas

LUGAR DE CRIAÇÃO C/ JULIA GONZALEZ • 10 DE JANEIRO DE 2020

Desde abril de 2013, a artista e educadora Julia Gonzales vem conduzindo ao lado de Maisa Ferreira o espaço Par de Ideias, onde dá aulas de escultura em argila e bordado livre. Em janeiro de 2020, o **Lugar de Criação** especial de férias do CCBB DF recebeu a artista Julia Gonzales para uma residência em que foram compartilhadas reflexões sobre aspectos da docência e da criação.

Ao falar sobre experiências anteriores, Julia ressaltou ter trabalhado principalmente com públicos jovem e adulto, em turmas de no máximo oito alunos. A residência, por isso, constituiu-se também para ela como um desafio e uma prova, de que sua metodologia é potente e abrangente. Apesar de ela nunca ter atendido a tantas pessoas ao mesmo tempo e nem trabalhado com tamanha diversidade etária, a experiência se mostrou produtiva para todas e todos. Mesmo numeroso, o público demonstrou bastante concentração e foco nos resultados da oficina.

Julia apresenta como importante referência o artista Israel Kislansky, de Salvador (BA), com quem fez um curso de escultura e de quem herdou a metodologia de ensino da escultura em argila. Para ela, o que ficou marcado daquela experiência foi a simplificação do processo escultórico de figura humana – fator importante para a acessibilidade à metodologia que trouxe ao **Lugar de Criação**. A forma de trabalho, baseada em etapas, acréscimos de matéria e formas geométricas simples, garantiu que os participantes alcançassem resultados bastante satisfatórios, principalmente para si mesmos.

## Passo a passo

A convidada iniciou cada oficina instruindo os participantes a deixarem a argila num ponto de umidade mais baixo. Para isso, recebemos um punhado do material e fomos orientados a realizar movimentos repetidos e vigorosos, trocando a argila de uma mão à outra. Quando se torna menos pegajosa, a matéria está pronta para a modelagem.

A etapa seguinte foi realizada a partir de exercícios de modelagem da argila em formas geométricas, sobre uma base de MDF. Na medida em que foram acrescentadas outras formas, cilíndricas, triangulares ou esféricas, sempre integradas umas às outras através de sulcos feitos com ferramentas chamadas estecas, surgiram narizes, olhos e bocas. Para finalizar as esculturas, fomos orientados a usar os dedos umedecidos e acrescentar, quando fosse o caso, pequenos preenchimentos.

Cada oficina teve como encerramento um momento de apreciação coletiva dos trabalhos, ao longo dos quais Julia sempre demonstrou uma atitude elogiosa em relação às obras. Ela destacou também o fato de os comandos serem os mesmos para todos os participantes, mas cada resultado se mostrar único. Isso atesta, em sua visão, que cada pessoa tem um jeito próprio de esculpir, fazendo cair por terra a ideia de que algumas pessoas não sabem fazer arte, não têm talento ou não possuem habilidades manuais. Em vez disso, a artista residente afirma que todos temos a capacidade de exercer uma linguagem visual, e o que faz diferença no contato com as artes é a atenção de quem ensina aos métodos de aprendizado, no que diz respeito à acessibilidade dos aprendizes em relação ao que é transmitido.



## A singularidade do gesto

A apreciação conjunta dos trabalhos também deixou evidente a diversidade de expressões geradas pelos participantes das oficinas. A esse respeito, Julia contou que em suas experiências pregressas, não raro há estudantes que anseiam pelo domínio da técnica, desconsiderando a poética possível quando se desenvolve uma maneira própria de fazer. Com palavras estimulantes, ela chamou a atenção ao fato de que, em uma hora, sem experiência formal em arte, os participantes foram capazes de apresentar resultados muito bons – cada um à sua maneira.

Para ela, isso serviu como a prova de que fazer arte tem muito a ver com as técnicas e as maneiras próprias de cada pessoa: conforme pudemos verificar na oficina, cada nariz, olho e boca feitos por cada um dos participantes trazia sua própria personalidade.

Para a equipe do Educativo, Julia deixou como contribuição a importância do ensino da técnica de modo acessível e atento aos participantes, assim como a perspectiva de que a técnica não necessariamente corresponde ao virtuosismo ou à reprodução de determinado modelo. A técnica pode ser, por outro lado, uma grande aliada da maneira de fazer que é própria a cada uma e cada um de nós: não se trata, portanto, de procedimentos que aprisionam ou estancam a criação, mas, sim, que nos instrumentalizam para que possamos acessar cada vez mais e melhor nossas próprias maneiras de fazer.

Julia Gonzales é sócia-proprietária do espaço Par de Ideias, bacharel e licenciada em Artes Plásticas pela Universidade de Brasília (UnB). Trabalha como artista visual, professora e ilustradora.

#escultura #argila #figura humana



- #alimentação consciente*
- #ancestralidade*
- #arquitetura*
- #brincadeira*
- #consciência ambiental*
- #cultura popular*
- #educação para crianças*
- #escola*
- #expressão corporal*
- #fábulas*
- #ilusionismo*
- #imaginação*
- #mediação cultural*
- #memória*
- #música*
- #palhaçaria*
- #saúde*
- #teatro de sombras*
- #teatro para crianças*



# *Circo, teatro e contações de histórias*



# Na atmosfera da brincadeira

por Tiago Cruz

MÚLTIPLO ANCESTRAL C/ LEO LADEIRA • 29 DE JULHO DE 2019

Livres, como no conhecido poema de Mário Quintana: foi assim que nos deixou o artista Leo Ladeira, flutuando nas possibilidades do brincar depois de uma semana inteira de trocas. Convidado a integrar a programação especial de férias do CCBB DF, o artista nos ensinou a transformar CDs em peões-artistas que pintam o chão ao girar, assim como a converter rolos de papel em trombetas. A partir da convivência com o convidado, nos lembramos de que o território do brincar exige uma entrega que nos desvincula da normalidade, já que, em terreiro de brincadeira, não existe acertar nem tampouco errar. Brincar, para ele, é se inventar a partir do que não existe, e o ponto de partida é sempre a liberdade.

Ator, manipulador de bonecos e palhaço, Leo Ladeira deu início à atividade antes mesmo de avisarmos o público, quando pegou uma caixa de giz e começou a desenhar e colorir o chão com traçados de amarelinha, caracol e outros jogos que deixaram marcas de pó colorido nos pés descalços das crianças, ao mesmo tempo em que sacudiram o pó que se acumulava sobre memórias e infâncias que pareciam distantes até pulsar a vontade de brincar.

Aliás, o simples movimento do corpo do artista pelo espaço externo do CCBB DF já serviu como estímulo para que o público se reunisse em frente à nossa sala de trabalho. Ali mesmo, Leo Ladeira propôs uma conversa sobre a importância de resgatar o hábito de brincar, que entre as crianças de hoje em dia vem, muitas vezes, sendo substituído pela interação com aparelhos digitais ou ainda por sucessivas tarefas e responsabilidades que as automatizam desde muito cedo, no caminhar para a vida adulta.

O convidado também compartilhou conosco um pouco de sua trajetória como brincante, promovendo uma reflexão sobre a ancestralidade do ato de brincar, uma vez que nos convida a reproduzir experiências herdadas e jeitos de brincar inventados há muito tempo entre pais, mães, filhos e filhas, assim como entre irmãos, primos, amigos e até mesmo desconhecidos.



**“Brincar é se inventar a partir do que não existe, e o ponto de partida é sempre a liberdade.”**



## Corpos em ação

Mais adiante, fomos convidados a darmos as mãos numa grande roda que se movia da esquerda para a direita e de frente para trás, ativando os corpos dos participantes da atividade. Ao pararmos, houve uma troca de olhares e teve início o canto de “Não atire o pau no gato”, repetido até que alguns cantassem a versão mais conhecida – e não recomendada – da canção.

Na sequência, Leo iniciou outra brincadeira, em Brasília conhecida como “Babalú”, e cantamos: “Estados Unidos balança o seu vestido / Pra frente, pra trás, assim já é demais / De um lado, pro outro assim é muito pouco / Doli, doli, doli doli dolá / Quem ficar com a perna aberta vai ter que rebolar”. Ao final, todos os que pararam com as pernas abertas durante a música terminaram, de fato, rebolando no centro da roda.

Entre os participantes da atividade, estava Gabriel, um menino de cerca de 10 anos de idade, cego e assíduo frequentador das sessões de **Lugar de Criação**. Durante a coreografia, ele foi (re) descobrindo como brincar e executar os comandos da canção sem se distrair com as gargalhadas surgidas a todo momento. Ainda em roda, nos sentamos no chão para a próxima brincadeira: uma sessão de “Corre Cotia”.

Além de brincadeiras conhecidas, nas quais os corpos dos participantes eram seus principais instrumentos de ação, Leo trouxe consigo um objeto bastante inusitado: um paraquedas gigante que preencheu o centro da roda, alimentando a curiosidade do público para entender qual seria o destino dessa brincadeira. Aos poucos fomos percebendo que se tratava de uma dinâmica em equipe, e que o desafio era encontrar a sintonia para que levantássemos todos, ao mesmo tempo, as margens do grande tecido circular que nos transformou, por alguns instantes, em um espécie de grande cogumelo.

Algumas crianças, no entanto, logo correram para baixo do grande balão de ar que se formou com o paraquedas, e foi aí que Leo iniciou uma nova proposta, que valorizava a escuta. Dessa vez a brincadeira convidava pequenos grupos a entrar embaixo do paraquedas, a partir de critérios aleatórios como: quem está de meias, quem tem óculos redondos, quem usa saias, entre outros.

Recuperamos ainda outras brincadeiras que atravessam as múltiplas gerações presentes, como pular corda e também andar sobre pernas de pau. Essa entrega do grupo e de suas múltiplas infâncias promoveu um momento horizontal de folia, materializando a famosa frase do escritor Oliver Wendell Holmes: “Nós não paramos de brincar porque envelhecemos, mas envelhecemos porque paramos de brincar”. Com seu amplo repertório de práticas acumuladas ao longo de muitos anos de experiência, Leo Ladeira nos colocou novamente nesse território em que a idade não importa, mas, sim, a diversão genuína que da brincadeira nasce.

Léo Ladeira é ator, palhaço e professor de técnicas circenses desde 1986. Formado em Comunicação Visual, escreve e ilustra livros infantis, sendo “Pra Fora” (1986) premiado com o prêmio Sala de Leitura da Fundação de Assistência ao Educando. Atuou como manipulador, cenógrafo e roteirista na Zero Cia. de Bonecos. Desenvolve trabalho como brincante desde 1999 em áreas urbanas de risco de Belo Horizonte.

#brincadeira #expressão corporal #memória

# As palhaças curam com suas palhaçadas

por Cintia Maria Ricardo

ATIVIDADE ESPECIAL C/ ENFERMARIA DO RISO • DIA DA LUTA CONTRA O CÂNCER INFANTIL • 15 DE FEVEREIRO DE 2020

“Para começarmos o nosso atendimento, por favor, responda a este questionário: Nome? Idade? Cor preferida? Estado civil? Uma palavra? O que é liberdade pra você? Do que você tem saudade? Uma bola de sorvete ou duas? Ruth ou Raquel? Elsa ou Ana? Hábito intestinal, bolinha ou cobrinha? Sonhos? Praia ou montanha? O que aconteceu ontem na novela? Rider, Havaiana ou Ipanema? Ovo estalado, frito ou cozido? Tô pensando em sair pro Carnaval... tem alguma sugestão de fantasia?”

Com essas e outras perguntas divertidas, as enfermeiras-palhaças Matilda e Julieta se aproximaram das pessoas que circulavam pelo CCBB RJ no dia 15 de fevereiro de 2020, Dia Internacional de Luta Contra o Câncer Infantil. Vividas pelas artistas Leticia Medella e Juliana Cardoso, a dupla de palhaças tem origem no Programa Enfermaria do Riso da UNIRIO, um projeto de extensão e pesquisa universitária dedicada à palhaçaria em hospitais, criado e coordenado desde 1998 pela professora Ana Achcar.



***O palhaço é um ser dilatado: sem medo do ridículo, agrega ou mesmo repele com uma intensa humanidade***

## **Nariz vermelho, jaleco, e muita presença!**

Durante a atividade, as pessoas que ocupavam o prédio do CCBB RJ rapidamente se identificaram com o nariz vermelho, reafirmando o palhaço como figura que habita o imaginário coletivo. Idosos, jovens e crianças se entregaram e acompanharam a dupla em suas consultas pelo edifício. Entre uma risada e outra, todos se envolviam na proposta e se deixavam afetar pelas ações espontâneas, pelas músicas, pelo convite a observar o outro e a si próprio. O palhaço é um ser dilatado: sem medo do ridículo, agrega ou mesmo repele com uma intensa humanidade. E à medida em que atua como um espelho ou ainda uma lente de aumento sobre a sociedade, o público dificilmente não se identifica com seus comportamentos tão familiares quanto surpreendentes.

Presenciar, num primeiro momento, algumas pessoas ainda sisudas e logo em seguida perceber que se rendiam e desmanchavam em sorrisos largos, clamando por Matilda e Julieta. Testemunhar crianças que deixavam seus pais e seguiam as palhaças, forjando sintomas ou assumindo o papel de enfermeiras em um jogo de imaginação e afeto, nos fazendo vislumbrar quão potente é a relação direta da palhaçaria com os mais diversos públicos. Ao longo de toda a atividade, que durou quase duas horas, Matilda e Julieta mantiveram o jogo vivo e os corpos atentos às sutilezas do espaço e do público.

Em um jogo de improviso e cumplicidade, Matilda e Julieta abordaram ainda um tema delicado e necessário: o câncer infantil. Além de provocar o riso, conseguiram tratar com comicidade a doença, ao mesmo tempo amenizando os efeitos físicos e emocionais que acometem os pacientes e colaborando para o processo de conscientização em espaços não hospitalares.

## **Palhaços ancestrais**

Benjamim de Oliveira, Arrelia (Walter Seyssel), Carequinha (George Savalla), Xuxu (Luiz Carlos Vasconcelos), Bozo, As Marias da Graça ou Doutores da Alegria são algumas referências de palhaços ou grupos de palhaços que atuaram ou atuam pelo Brasil afora levando alegria. Além desses nomes mais conhecidos, muitos e muitas artistas também se dedicam à mesma arte, seja em circos, teatros, semáforos ou mesmo em hospitais.

Durante um longo período, a figura do palhaço foi associada ao circo, mas com o passar do tempo ganhou espaço, ocupou os teatros, as telas de televisão, o cinema e as redes sociais. O jogo de improviso entre os palhaços Branco e Augusto sempre surpreende e encanta, perdurando no imaginário de gerações e assumindo diferentes facetas: há espaço para o ingênuo e o infantil, o aterrorizante e o debochado, o crítico e o sarcástico, tendo sempre o riso como instrumento para tocar em temas por vezes extremamente sensíveis.

Segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA), muitos jovens entre 1 e 19 anos são assolados pelo câncer infantil, o que reafirma a importância de se conscientizar a população, estimulando diagnósticos e tratamentos. Ao mesmo tempo, inúmeras pesquisas indicam como o riso é benéfico para a saúde, e de igual modo como encarar a realidade com comicidade fortalece o espírito e a imunidade.

Enfermaria do Riso é um projeto de extensão e de pesquisa do hospital da Unirio, criado e coordenado pela Profª Dra. Ana Achcar. Os enfermeiros-palhaços atuam em dupla, uma vez por semana, nas dependências pediátricas do Hospital Universitário Gaffrée & Guinle.

#palhaçaria #saúde #brincadeira

# Quem tem medo do ridículo?

por Geovana Freitas

MÚLTIPLO ANCESTRAL C/ PALHAÇA MATUSQUELLA • 15 DE DEZEMBRO DE 2019



Para a edição do *Múltiplo Ancestral* de dezembro de 2019, o CCBB DF recebeu pela primeira vez a palhaça Matusquilla, personagem criada já há alguns anos pela atriz Manuela Castelo Branco. “Matusquela”, àqueles que por ventura não saibam, é uma palavra que em sua definição mais literal remete a “quem não é bom da cabeça”.

Receber Matusquilla representa, portanto, mais do que um simples contato com o mágico mundo da palhaçaria. Sua presença nos confronta também com a loucura daqueles e daquelas que falam o que ninguém ou poucos têm coragem de dizer, daqueles que expõem seus medos e inseguranças, partilhando a condição do ridículo em nossa humanidade.

Quando essa condição é ocupada por um corpo feminino, ainda minoritário entre os palhaços, a questão tende a ficar ainda um pouco mais complexa. Sem desconsiderar lugares de confronto, memória ancestral e resistência, construímos com Matusquilla um elo em que a palhaçaria, a mágica e o encanto se dão em coletividade.

## Palhaçaria, infância e imaginação

Pensadora da área de contação de histórias, Gilka Girardello traz uma reflexão interessante em artigo intitulado “Imaginação: arte e ciência na infância”, a partir do qual provoca deslocamentos em relação ao que geralmente se entende por imaginação. A pesquisadora nos lembra que a imaginação, na sociedade contemporânea, está intimamente relacionada ao mundo infantil: ouvimos muitas vezes “crianças são imaginativas”, nos familiarizamos com a expressão “mundo infantil” ou ainda associamos, frequentemente, a situação de “devaneio” ao comportamento de crianças. O que muitas vezes não consideramos, por outro lado, é que esses devaneios e encantamentos são necessários para a construção do mundo simbólico dentro de nossas cabeças, assim como os prejuízos de, depois de adultos, deixarmos de lado ou em segundo plano o tempo dedicado a devaneios e divagações.

E de que modo os conceitos de imaginação, palhaçaria e infância podem se mostrar convergentes em relação a essa discussão? A imaginação, como apresenta Gilka Girardello, não é um resultado de estímulos visuais, sonoros ou táteis, mas sim, o resultado de construções. Ou seja: a imaginação precisa ser construída, tijolinho por tijolinho. A palhaçaria, como performance artística, leva tanto ao público adulto como ao infantil uma série de estranhamentos em relação a percepções de mundo. Por meio do humor e do inusitado, sensibilizam nosso olhar a determinados aspectos do cotidiano que, vistos pela ótica da palhaçaria, passam a nos parecer engraçados.

Não raro, vemos na palhaçaria recursos de ilusionismo, de modo que o cômico se concentra tanto na possibilidade de rir de si e do outro quanto na atenção a fenômenos como desaparecimentos, equilíbrios e contorções. Entre os palhaços e palhaças, exercita-se ainda a imaginação. O que acontece dentro dessa cartola? Será que ela pode ler pensamentos?

## A partilha da alegria

Mestre em Artes Cênicas pela UnB, criadora do Festival Palhaças do Mundo e ainda coordenadora do CiRcA Brasilina, primeiro picadeiro feminino do Brasil, Manuela Castelo Branco não por acaso trouxe uma presença muito instigante ao CCBB DF. Logo na chegada, a palhaça Matusquilla já arranca risos e atenções, cativa, ri e brinca, criando intimidade com o público até mesmo a partir de olhares.

À medida em que caminha a apresentação, o clima de familiaridade entre ela e o público progressivamente se afina e se intensifica. O ridículo, como já dito, nos aproxima. E nos aproxima mais ainda o riso, a partilha da alegria. No decorrer do encontro, Matusquilla usou e abusou de recursos da mágica, do ilusionismo e de canções cacofônicas, constantemente provocando e convocando adultos e crianças a participarem de suas peripécias – participações, inclusive, bastante disputadas, uma vez que muitas crianças já conheciam a personagem e a esperavam ansiosamente.

Alguns pensadores e pensadoras dizem que a infância é o constante estado de pergunta, descoberta e encantamento com o presente. O ilusionismo, a brincadeira e a partilha do riso se confirmam, então, como ferramentas que nos levam a esse lugar, uma vez que também, nós, adultos, ficamos encantados, curiosos e imaginativos diante dos saberes da palhaçaria.

Palhaça Matusquilla é incorporada por Manuela Castelo Branco. Mestre em Artes Cênicas pela UnB, criou e coordena o Festival Palhaças do Mundo, mostra composta essencialmente por palhaças que existe desde 2008, em Brasília. Além disso, também é coordenadora do CiRcA Brasilina, primeiro picadeiro feminino do Brasil.



#palhaçaria #brincadeira #ilusionismo

# Corrida mitológica

por Daniel Toledo

ATIVIDADE ESPECIAL • DIA DAS CRIANÇAS • 15 DE OUTUBRO DE 2018

Nas primeiras décadas do século XX, a cidade de São Paulo ainda se acostumava à ideia de se tornar a metrópole cosmopolita que hoje conhecemos. Há pouco industrializada e conectada por ferrovias a diferentes pontos do estado, a capital paulista recebia, àquela altura, um crescente número de imigrantes japoneses e principalmente europeus, alcançando seu primeiro milhão de habitantes já em 1928. Foi sob influência desse contexto que se deu a inauguração do imponente edifício que, entre 1927 e 1993, funcionou como sede administrativa e agência do Banco do Brasil e, mais tarde, a partir de 2001, passou a abrigar o CCBB SP.

Para resgatar importantes aspectos dessa história, assim como destacar o próprio patrimônio arquitetônico e celebrar o Dia das Crianças, o centro cultural recebeu, entre 12 e 14 de outubro de 2018, uma atividade desenvolvida integralmente pela equipe do educativo da instituição. Intitulada Corrida Mitológica, a ação convidou o público espontâneo do CCBB SP a uma expedição por diferentes espaços do prédio, tendo como guias desse trajeto versões personificadas de alguns dos deuses gregos que, silenciosamente, há mais de um século, ornamentam a fachada e o interior do edifício. Nas entrelinhas da atividade, foram propostas reflexões sobre a passagem do tempo e as capacidades de traduzir diferentes épocas a partir da arquitetura.

“A Corrida Mitológica foi nossa primeira experiência com contação de histórias elaborada pelo próprio educativo, na qual criamos desde o roteiro até os figurinos, tendo como objetivo envolver crianças, jovens e adultos, com atenção inclusive ao público surdo que frequenta a instituição”, explica o artista visual Sillas Henrique, que já há um ano integra a equipe de educadores do CCBB SP e, no decorrer da ação, assumiu responsabilidades relacionadas sobretudo ao figurino e à atuação. Além dele, participaram da Corrida Mitológica os educadores Stephanie Oliveira, Ana Luisa Nunes, Lucas Silveira, Juba Duarte e Fauston Della Flora.

Organizada como uma espécie de gincana, a atividade propunha ao público uma sequência de desafios associados a seis deuses gregos que habitam o prédio: Nike, Hermes, Dionísio, Cronos, Demétria e Hefesto. Ao cumprir os desafios, os visitantes encontrariam a ampulheta de Cronos, permitindo que o tempo voltasse a correr normalmente, de modo que Alvinho, mascote do prédio, pudesse celebrar seu primeiro aniversário. “Durante a busca por esses elementos, cada um dos deuses falava sobre aspectos do patrimônio, a construção do prédio e o próprio centro de São Paulo, assim como propunha reflexões sobre a infância, o processo de crescimento e de ampliação da visão sobre o mundo. No final, os deuses se reuniam e o Alvinho descia do Olimpo, sendo recebido em um tecido esticado no vão central do prédio”, resume Sillas.



## Comunidade

Desenvolvida de modo autônomo em relação à programação artística do CCBB SP, a Corrida Mitológica se alinha a uma série de ações que visam ampliar a atuação do centro cultural, assim como estimular a permanência dos visitantes no espaço. “Sem dúvida, um dos nossos maiores desafios é contribuir para que as pessoas que visitam o espaço se sintam pertencentes a ele. Atividades como essa, relacionadas ao próprio patrimônio, acabam gerando um tipo de ocupação do prédio, fazem com que as pessoas fiquem mais um pouco aqui dentro e se sintam parte desse organismo vivo em que várias atividades acontecem ao mesmo tempo”, observa Sillas Henrique.

Além de reconhecer a arquitetura do edifício como um atrativo a ser explorado junto aos frequentadores do CCBB SP, o educador aponta a importância de levar atividades também à área externa uma movimentada esquina do hipercentro de São Paulo. “A partir dessas atividades, entendemos que muitas pessoas passam em frente ao prédio e ainda não o identificam como um centro cultural ou então não se sentem à vontade para entrar. Até mesmo pelo tombamento da fachada, onde ainda se lê ‘Banco do Brasil’, algumas pessoas pensam que se trata de uma agência ou um prédio de acesso restrito. Felizmente, por outro lado, a cada dia vamos conquistando alguns frequentadores que já encaram o prédio como uma espécie de segunda casa”.

No que se refere à experiência da Corrida Mitológica, ele destaca um retorno bastante positivo do público infanto-juvenil em relação à abordagem de referências da mitologia grega. “É muito interessante perceber como a cultura pop e a cultura de massa têm dialogado com esses mitos a partir de filmes e livros, por exemplo. Houve uma visitante que veio especialmente por conta da relação com mitologia grega e acabou dando uma aula pra gente. Ao longo das visitas, entendemos que nem sempre era preciso apresentar os deuses, pois muitas crianças já conheciam suas histórias. O desafio era aproximá-los da realidade, assim como da história do prédio e da cidade”.

Ao mesmo tempo em que ofereceu aos visitantes uma perspectiva bastante original sobre o edifício que abriga o centro cultural e também sobre as experiências possíveis dentro de sua programação, a atividade permitiu aos educadores vivenciar outras relações com o público do CCBB SP e o próprio ofício da arte-educação. “Quando começamos a criar a Corrida Mitológica, apenas um ou dois de nós tinham algum contato anterior com o teatro, e foi muito interessante ver o pessoal se propôr a sair da zona de conforto e atuar diante do público. A partir de ações como essas, passamos a entender e experimentar a mediação de arte e cultura em suas infinitas possibilidades”, reflete.



#arquitetura #brincadeira  
#mediação cultural

# Histórias sinistras

por Mari Lotti

LUGAR DE CRIAÇÃO C/ TROCAÇÃO DE HISTÓRIAS • 20 DE JULHO DE 2019



As oficinas e atividades em família que acontecem no **Lugar de Criação** aos sábados e domingos têm um papel importante para o processo de desenvolvimento educacional, artístico e social das crianças que acompanham a programação do Programa CCBB Educativo – Arte & Educação. Ao longo dos encontros, além de aprenderem sobre arte, elas adquirem noções relacionadas a outras áreas do conhecimento e, por meio do convívio coletivo, são estimuladas a vivenciar maneiras de brincar e se relacionar com outras crianças de forma colaborativa e respeitosa.

Nos dias 19 e 20 de julho de 2019, a atividade escolhida foi uma contação de histórias no jardim do CCBB DF, estabelecendo certo contraponto a cotidianos imersos em tecnologias e avanços digitais e afastados de brincadeiras tradicionais. Um dos grandes objetivos da atividade foi estimular, a partir de brincadeiras, a conscientização ambiental dos participantes.

O **Lugar de Criação** começou logo no momento da entrada das crianças na sala do educativo. Antes da chegada dos participantes, o espaço foi decorado com uma tenda colorida suspensa no teto, formando uma espécie de cabana repleta de cores, que serviu como um portal para a imaginação e a expansão dos sentidos dos participantes. Ali eles viram uma grande casa, uma aldeia, um circo, uma rede e até mesmo algumas nuvens.

## Em busca do Curupira

Na língua Tupi, a palavra “curumim” significa “menino” e pira, “corpo”. Em diferentes partes do Brasil, o Curupira também é conhecido como Caiçara ou Curi. No início da atividade, ao perguntarmos para as crianças se elas conheciam esse personagem do folclore brasileiro, algumas ficaram com medo do que seria ou mesmo do que estaria por vir. Aos poucos, entretanto, se estabeleceram identificações entre as crianças e o curupira, geralmente descrito como uma criatura esperta, ágil, valente, com os cabelos vermelhos como o fogo, olhos enormes, protetor não só da natureza, mas também dos seus amigos.

Ao sair da sala do educativo para começar a seguir os passos do Curupira, tomamos como referência pegadas de pés voltados para trás que seguiam da sala em direção ao jardim. Após algum tempo, encontramos sua máscara, que estava escondida no parquinho. Algumas crianças a experimentaram e, fazendo uso da própria imaginação, disseram o que estavam vendo: “Eu vejo um lago e muitos peixinhos”, “Tem um arco-íris lindo e grande, tão grande que toca o céu”, “Vejo os meus amiguinhos. Eles estão dando tchau para a gente.”

Durante nossa caminhada, ainda no jardim, enquanto continuávamos a busca por mais informações sobre o Curupira, surgiram conversas e reflexões sobre variados temas, como preservação ambiental, reciclagem, amizade, companheirismo e afeto. Como seria se cada um de nós fosse um Curupira e nossos amigos, a exemplo dos peixes, das onças e dos porcos do mato, precisassem da nossa ajuda para continuar vivendo na natureza? Para essa questão, as crianças sugeriram algumas mudanças de hábitos: jogar o lixo na lixeira, reaproveitar o que for possível e até mesmo buscar uma maior organização dos brinquedos em casa.

Crianças são grandes aprendizes. A partir dessa atividade realizada em coletivo, os pequenos participantes foram estimulados a se comunicar melhor com outras pessoas, sejam elas crianças ou adultos, e também a fortalecerem a própria consciência sobre a importância de contribuir para um ambiente equilibrado, saudável e seguro.

#cultura popular #imaginação  
#brincadeira

# A revolução dos bichos

por Daniel Toledo

ATIVIDADE ESPECIAL C/ TEATRO DE SOMBRAS • 29 DE JULHO DE 2019

A cada nova exposição que entra em cartaz, o Programa CCBB Educativo – Arte & Educação oferece a professoras e professores de escolas públicas e particulares a oportunidade de conhecer, em primeira mão, os múltiplos conteúdos relacionados a cada programação, assim como os convites à ativação e os espaços de convivência desenvolvidos pelo programa. A partir dessas visitas, os profissionais se preparam para retornar, mais adiante, com suas turmas de estudantes, geralmente buscando articular os conteúdos expositivos com aqueles trabalhados em sala de aula.

Numa tarde de julho de 2019, entretanto, acompanhados pela professora de geografia Helen Soares, um animado grupo de estudantes da Escola Estadual Margarida Brochado chegou ao CCBB BH com um plano que ultrapassava a mera visita da exposição “Dreamworks Animation”. Inspirada pela própria participação na Semana do Educador, a professora havia planejado, junto aos estudantes e à equipe do programa, que o espaço de convivência criado para a exposição se converteria, em cenário para a apresentação dos trabalhos finais da disciplina.

“Quando eu entrei nessa sala, parece que juntou tudo: eu já tinha participado de uma formação em teatro de sombras, aí juntei o livro, que eu já vinha trabalhando com eles. Tentei unir o que a exposição traz e o que eu pesquiso lá fora, assim como as experiências dos alunos”, resume a professora, que propôs às turmas do oitavo ano a criação de adaptações livres do clássico literário “A Revolução dos Bichos”, de George Orwell, para o teatro de sombras.

## Abrem-se as cortinas

Após um típico momento inicial de timidez, quando todas e todos pareciam acanhados por ocupar pela primeira vez um novo espaço, o primeiro grupo de estudantes finalmente se ofereceu para apresentar sua versão da história. “Todos são iguais entre si, mas alguns são mais iguais do que outros”, proclama o narrador da encenação, fazendo ecoar a voz do autor britânico. Com muitas entradas e saídas de personagens, a narrativa incluiu uma eleição realizada entre os bichos dentro de uma granja, assim como o momento em que os porcos, vencedores do pleito, se mudam para a casa grande.

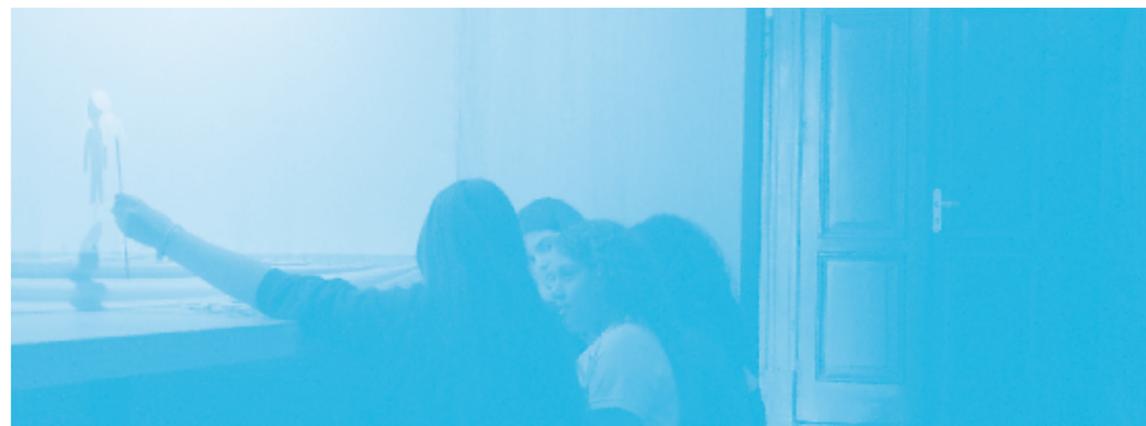
O segundo grupo, por sua vez, chamou atenção pela quantidade de participantes em cena, trazendo muitas mãos e braços em cada passagem da história. “Nós somos explorados, ganhamos pouca comida e, no final, somos mortos”, clamavam os personagens, cansados de servirem aos humanos. Ao final da apresentação, o público foi surpreendido com uma imagem que já não remetia aos animais de antes, mas às letras que integram a palavra “fim”.

Um clima bastante descontraído marcou a apresentação do terceiro grupo, com direito a muitas risadas dentro e fora da cena durante a leitura dos dez mandamentos criados pelos bichos em revolução. Entre as reivindicações os direitos à alfabetização e aposentadoria para os animais. E dessa vez o letrado de fim foi substituído por um descontraído “*hang loose*”, deixando evidente o bom humor do conjunto.

O último grupo de estudantes, por sua vez, propôs ao público um tom mais sério ao traduzir o clássico de Orwell. Iniciado com um prólogo que contextualizou os demais em relação à situação precária enfrentada pelos animais, a adaptação foi marcada por denúncias contra o regime de exploração, assim como pela proposição de novos pactos entre os seres vivos: “Nenhum animal matará outro em excesso”.

Encerradas com uma forte salva de aplausos, a série de apresentações foi seguida de uma breve conversa entre a professora Helen e sua turma. Junto ao grupo de educadores e educadoras que acompanharam a ação, todos e todas buscaram estabelecer relações entre a exposição “Dreamworks Animation” e o processo de criação vivido pelos estudantes, ressaltando, por exemplo, as diversas etapas e os numerosos profissionais envolvidos a cada produção de um novo filme de animação.

Já bem mais à vontade naquele espaço que haviam acabado de conhecer, os convidados deixaram, após algum tempo, a sala, não sem a promessa – e o declarado desejo – de retornar em uma próxima exposição.



#teatro de sombras #escola  
#educação para crianças

# Comida musical

por Andrea Lalli

MÚLTIPLO ANCESTRAL C/ AMARILIS • 28 DE JULHO DE 2019

Consumismo, descarte irresponsável e automatismo refletem estilos de vida típicos da contemporaneidade. Em meio à correria da vida na cidade, apesar do intenso consumo característico do sistema, pouco se reflete acerca de novas alternativas para a reutilização de materiais constantemente descartados. Da mesma forma, frequentemente nos esquecemos de pensar no consumo de alimentos saudáveis e no impacto da alimentação para a vida em sociedade.

Música e comida foram os eixos da edição de julho de 2019 do **Múltiplo Ancestral** no CCBB SP. A atividade foi dividida em duas partes: na primeira, uma apresentação do musical “O Planeta Agradece”, de Amarilis Vitale Cardoso, educadora e atriz; na segunda, conduzida por Rosana Arantes e Bruno, uma vivência com alimentação saudável para o corpo e a natureza. A partir de diferentes estratégias, ambos os momentos estabeleceram diálogos e olhares acerca da consciência ambiental e do consumo nos dias de hoje.

## “O Planeta Agradece”

O musical “O Planeta Agradece”, de Amarilis Vitale Cardoso, é um projeto multidisciplinar centrado na consciência ambiental, reunindo diversas referências sonoras e visuais que estimulam os cinco sentidos. Ao combinar música, teatro e uma narrativa descontraída, a apresentação propôs um olhar cuidadoso e respeitoso para o nosso mundo, promovendo a aproximação de crianças e também do público adulto presente no CCBB SP.

No decorrer da apresentação, Amarilis se transforma em Tekne, uma menina de outro planeta que veste chapéu de garrafas pet, maquiagem colorida, roupas com estampas de galáxias, além de um colar, cinto e acessórios feitos com placas de lixo eletrônico. Tekne é encantada ao mesmo tempo pela tecnologia e a natureza, e percebe a importância do equilíbrio entre esses dois universos. Alegre e animada, a personagem divide com o público os costumes de seu planeta natal. Partindo dos 5Rs (reciclar, reduzir, reutilizar, recusar e repensar), ela compartilha formas de reutilização de materiais e, conseqüentemente, outras maneiras de estar em nosso mundo, reduzindo a utilização de produtos desnecessários. O musical foi surpreendente, fluido e espontâneo, misturando diferentes ritmos e referências musicais, e contando com grande participação do público visitante, principalmente as crianças.



Tendo como base materiais de lixo doméstico, a convidada construiu objetos artísticos inspirados em instrumentos musicais que constituíram o cenário e alimentaram a narrativa. Ao apresentar os brinquedos e costumes de seu planeta natal, Tekne estimulou a interação das crianças com os instrumentos feitos de produtos reciclados, a exemplo de um “piano” feito com garrafas que carregavam diferentes quantidades de água. A apresentação ofereceu às crianças a possibilidade de manusear e brincar com esse instrumento, assim como convidou o público infantil a dançar, trazendo de forma espontânea a importância da reutilização dos recursos.

Criado quando a educadora morava na Colômbia, o musical traz ainda diversos elementos da língua espanhola. Ao falar sobre “lixo no lixo”, por exemplo, a personagem usa a expressão “basura en la basura”, que se apresenta como um recurso bastante original para a conscientização ambiental de crianças e adultos.

## Alimentação é cultura

Evidenciando pontos similares aos trazidos pelo musical “O Planeta Agradece”, os cozinheiros Rosana Arantes e Bruno compartilharam com o público algumas reflexões sobre a alimentação, tratando-a enquanto fazer cultural e campo para conscientização sobre o consumo. Trouxeram ainda um cardápio que incluía salada de folhas com molho de ervas diversas, caldinho de feijão e doce de massa de tapioca com banana, ressaltando a importância do acesso a uma alimentação saudável, de baixo custo e que não gera descarte de materiais.

Ao fim das apresentações, já na parte de degustação do cardápio, muitos participantes trouxeram perguntas sobre a origem do musical e também das receitas trazidas por Rosana e Bruno. Combinando diferentes abordagens, a atividade despertou o interesse do público visitante, tanto em relação aos processos criativos quanto os de realização. Ao tocar em discussões relevantes para a sociedade em que vivemos, trouxe múltiplas formas de se conscientizar e refletir sobre o consumo e o estilo de vida a que estamos acostumados, provocando as crianças e os adultos presentes a repensarem posicionamentos e escolhas que interferem em nossos corpos individuais e coletivos.

Amarilis é educadora, arquiteta de profissão e produtora musical. Lidera o projeto “O Planeta Agradece”, que desde 2010 leva ao público infantil e familiar conceitos de consciência ambiental e reciclagem através de um espetáculo musical e oficinas de reciclagem criativa. O trabalho foi anteriormente apresentado na Espanha, na Bélgica e na Colômbia.

#consciência ambiental #teatro para crianças  
#alimentação consciente

# O mundo e suas origens

por Bruna de Oliveira Martins

MÚLTIPLO ANCESTRAL C/ LIA DE MANAKÁ & SUAS HISTÓRIAS • 29 DE SETEMBRO DE 2019



Aos olhos de muitos e muitas, as contações de histórias parecem revestidas de uma aura nostálgica e leve. Há várias maneiras de narrar e, com intenção de compartilhar uma delas, a atriz Eliana Carneiro foi convidada para um encontro no CCBB DF. Com sua personagem travestida de cores, chamada Lia de ManaKá, a artista envolve de maneira afetuosa quem a escuta e a assiste.

Para o encontro no CCBB DF, Eliana trouxe o espetáculo “Lia de ManaKá e suas histórias”, voltado para “crianças de todas as idades” e realizado pela Cia. Os Buriti. Embaladas por composições da musicista brasileira Chiquinha Gonzaga, as palavras da personagem central da peça nos convidam a pensar em outros ritmos, abrindo espaço para fantasias e histórias sobre as origens dos mundos, passando por culturas populares, cosmologias indígenas e contos de fadas, sintetizados no que Lia chama de “histórias do outro lado de lá”.

Em meio às contações, nos foi apresentado o palhaço QuiriQuiri, habitante das terras “dali e daqui” que interage com o público e com a personagem principal, nos convidando a rever a origem de vários mundos de maneira divertida e flexível. O mundo desorganizado, colorido e barulhento criado para que Lia de ManaKá brinque e nos convide à brincadeira mostra que a infância é algo que vai além dos doze anos de idade: trata-se de uma ode à despreocupação, à possibilidade de se desconectar do cotidiano adulto e sisudo, a uma massagem nas costas ou então um espreguiçar-se no final de um dia ocioso de domingo. Tudo perpassado por uma multiplicidade de interações com as crianças presentes, valorizando a forma como as pequenas e pequenos se relacionam com o todo ao redor.

“Lia de ManaKá e suas histórias” é um espetáculo-poesia que homenageia a maneira popular de se falar e contar as coisas e os causos, movido a sons e cores que também contam a história do Brasil e dos povos daqui, ressaltando a perspectiva infantil que se lê e se localiza como parte de um espaço compartilhado com outros seres – humanos ou não. No decorrer do espetáculo, Eliana Carneiro se apropriou do protagonismo, alcance e visibilidade oferecidos pelo **Múltiplo Ancestral** para nos conduzir ao trânsito entre situações reais e ficcionais.

## Infâncias, fábulas e ancestralidades

Outrora eu já havia me contagiado e sido afetada pelo trabalho da Cia. Os Buriti, com o espetáculo “Kalo, os filhos do vento”, apresentado dentro de um picadeiro montado no CCBB DF. Na época, como espectadora, e também agora, como colaboradora da atividade, me deixei levar pela beleza da trocação de histórias. Eliana e sua trupe sabem muito bem como contar as fábulas que criam e também as que nos são contadas ao pé do ouvido, quando ainda somos crianças, mas já iniciamos a criação de nossas memórias afetivas.

Se, desde 1995, Eliana se encarrega de partilhar suas contações, quantas não foram as crianças que conheceram narrativas a partir de suas personagens e criações? As pequenas e pequenos que participaram dessa edição do **Múltiplo Ancestral** foram também um pouco de Lia de ManaKá e contaram, de seus modos corajosos, histórias “do outro lado de lá”. Tiveram também a liberdade de gritar bem alto para ajudar na busca do desordeiro palhaço QuiriQuiri, que fugiu da cena à certa altura do espetáculo e, mais adiante, puderam organizar o cenário a seu modo. A partir de uma simplicidade paradoxalmente grandiosa, no cenário, via-se em destaque uma pintura em algodão cru, representando um homem e uma mulher. Essa imagem nos lembrou dos mitos em que o Sol e a Lua nasciam e se distanciavam no céu, evocando uma atmosfera encantadora e estranhamente reconhecível.

Em uma apresentação curta, Lia de ManaKá adentrou na memória familiar e afetiva de cada uma e cada um de nós. Quando ela nos fala, durante uma das narrativas do espetáculo, sobre a grande serpente de sete cores que gera o mundo e diz que essa história lhe foi passada por uma velha índia, ela valoriza cosmologias que resistem a históricos apagamentos, quase como um convite a pensar em nossas próprias trajetórias e ancestralidades, muitas vezes afogadas pelo atarefado cotidiano.

Eliana Carneiro é atriz, dançarina, diretora e ilustradora. Montou e dirigiu mais de 20 espetáculos no Brasil e fundou a Cia. Os Buriti em 1995. Apresentou-se em várias cidades brasileiras e participou de festivais na Espanha, Portugal, Itália, Nova Iorque, Paraguai, Romênia e Índia.



#teatro para crianças #fábulas  
#ancestralidade

# Estrelas cadentes no céu pendente

por Geancarlos Barbosa

ATIVIDADE ESPECIAL C/ CIA. TRILHOS • 27 DE DEZEMBRO DE 2019

Em um lugar esquecido pelo tempo, uma grande companhia de dois viajantes trilhava seu caminho, desenhando no espaço uma rota repleta de histórias de um mundo de outrora. Histórias vindas de um lugar sem igual, criado a partir dos mistérios da terra e curiosamente animado por datas comemorativas. Nesse mundo, entretanto, Natal e Ano Novo eram as únicas datas lembradas e comemoradas, porém de forma totalmente diferente do modo como fazemos no Rio de Janeiro, no Brasil e até mesmo no planeta Terra. Um mundo onde buscar verdadeiramente o espírito do Natal era totalmente necessário, mas nem sempre fácil.

Composta pelos aventureiros Mitat e Rômulo, essa companhia viajou dentro de um grande baú em busca por descobrir a essência dos verdadeiros valores da vida. Para lembrar as histórias do percurso das viagens e compartilhar as magias contidas no baú: era necessário, a cada um de nós, viajar também, entrar nas histórias guardadas ali, conhecendo as memórias das coisas vividas e dos amigos encontrados no trajeto. A viagem dos nossos aventureiros foi recontada em contos, em apenas uma hora – mas foi tempo necessário para nos tirar do CCBB RJ e nos transportar para mundos de fantoches, estrelas cadentes e animais falantes, onde a música guiava o caminho a ser percorrido.

*“Como pode o peixe vivo  
Viver fora da água fria?  
Como pode o peixe vivo  
Viver fora da água fria?  
Como poderei viver  
Como poderei viver  
Sem a tua, sem a tua  
Sem a tua companhia”*

## Estrela menina, menina estrela

Dos muitos amigos apresentados no contar das histórias, a menina estrela foi responsável por guiar com sua luz muitas das narrativas. Eram ela, seu avô e sua avó que buscavam mais saberes do Natal, e foram eles que viram uma estrela cadente e três pedidos fizeram. Foi também a menina estrela que saiu em busca do sentido do Natal, passando por uma jornada de descobertas entre sapos tagarelas e astros dourados, até encontrar, a partir de palavras vindas com o vento, que o Natal deve nascer e florescer das palavras e do calor do coração.

Entre músicas, danças e momentos de participação do público, foi evidenciado que o maior sentido das festas de fim de ano não é somente o dos presentes dados e recebidos, mas, sim, o afeto e a vida que vêm de dentro de nós. Ficou também evidente que, quanto mais esses afetos são compartilhados com outras pessoas, mais essa sensação boa vem a crescer, aumentando a felicidade no mundo e afirmando-a como um recurso tão necessário à vida quanto a água e o ar.

*“Alecrim, alecrim dourado  
Que nasceu no campo  
Sem ser semeado  
Alecrim, alecrim dourado  
Que nasceu no campo  
Sem ser semeado  
Foi meu amor  
Que me disse assim  
Que a flor do campo é o alecrim”*



## Constelações de contos

A partir de uma imersão na cultura popular e em músicas comuns a muitas infâncias, a Cia. Trilhos usou a oralidade e o teatro como instrumentos para refletir sobre as datas comemorativas e sua importância para a vida em sociedade. Para tanto, a grupo propôs ao público uma reflexão sobre o Natal e o Ano Novo como datas que vão muito além do campo comercial, trazendo ao primeiro plano as trocas afetivas entre amigos, familiares e conhecidos.

De forma bastante astuta, a apresentação atuou em defesa da salvaguarda do patrimônio oral e artístico regional de algumas regiões do Brasil, apropriando-se da ludicidade e da literatura para desenhar, a partir da contação, um campo brincante e afetivo que convidou públicos de diversas idades a se emocionar a cada nova surpresa saída do baú.

A partir da ação desenvolvida, mostrou-se notável o poder mediador da contação de histórias dentro de espaços culturais, educativos e educacionais, tais quais museus, centros culturais e espaços escolares. Trata-se, afinal, de um artifício essencialmente lúdico, capaz de criar constelações de assuntos não correlacionais, assim como redes antes não acessadas.

Ao longo da visita da Cia. Trilhos ao CCBB RJ, a contação mostrou-se capaz de acessar afetos do passado e do presente, tanto de outros como de si, podendo ser tanto um meio de divulgação, como de conversa e contato. Contato que não se faz somente pelo campo visual, sendo também muito mais abrangente e acessível que as linguagens oral e escrita, pois constitui-se como fala que se transpõe de um corpo a outro muitas vezes apenas com um olhar ou um gesto.

Cia. Trilhos é uma trupe de artistas que pesquisa e movimenta a cultura popular através da literatura, oralidade, música, teatro, artes visuais, arte educação, brincadeiras e vivências sob viés lúdico e afetivo. Sua atuação no campo do teatro e literatura estão voltados para a palavra narrada dentro da tradição popular brasileira.

*“Por isso dona Rosa  
Entre dentro desta roda  
Diga um verso bem bonito  
Diga adeus e vá se embora”*



#teatro para crianças #música #fábulas



- #alegria*
- #alfabetização*
- #ancestralidade*
- #brincadeira*
- #Carnaval*
- #cerrado*
- #culturas africanas*
- #culturas afro-diaspóricas*
- #culturas indígenas*
- #educação no campo*
- #escola*
- #fábulas*
- #festas junina*
- #festas populares*
- #instrumentos musicais*
- #jongo*
- #música*
- #rua*
- #teatro para crianças*
- #tecnologia*
- #Vaivém*



# *Festas, tradições e saberes do Brasil*



# Um domingo de Carnaval

por Débora Passos

MÚLTIPLO ANCESTRAL C/ CORDÃO DO VAI QUEM FICA • 16 DE FEVEREIRO DE 2020

Todos são iguais perante a folia, e os maiores cuidam dos menores. A ordem é permear as fronteiras entre a realidade e a fantasia, assim como encher de festa o espírito, a coletividade e o lugar. Esse foi o clima do cortejo que se iniciou ao cair da tarde de um domingo de fevereiro, regido pelo grupo carnavalesco Cordão do Vai Quem Fica, convidado para conduzir uma atividade da plataforma **Múltiplo Ancestral** no CCBB DF.

O Cordão do Vai Quem Fica atua em Brasília desde 2013, e já em seus primeiros cortejos, registrados em vídeos e publicados na internet, é notória a quantidade de crianças de todas as idades entre os foliões. Essa característica fez com que o grupo ficasse conhecido como um bloco de Carnaval oportuno não somente para a presença de pequenas e pequenos, mas principalmente como uma experiência de dissolução das diferenças entre crianças e adultos, fazendo com que a festa do Carnaval seja, acima de tudo, uma experiência de liberdade e inclusão.

Composto por homens e mulheres de igual talento e entusiasmo, o bloco trouxe com sua fanfarra um repertório que privilegiou marchinhas clássicas do Carnaval brasileiro. Por essas e outras, a experiência deste **Múltiplo Ancestral** ficou marcada como um chamamento para que a coletividade, em sua ampla diversidade, celebrasse a festa popular e a ocupação do espaço. Dando forma a essa celebração, as linguagens manifestadas foram sobretudo a música e o brincar – presente também nas surpreendentes e divertidas fantasias daqueles que integravam e acompanhavam o bloco. A partir da combinação entre essas linguagens, as crianças presentes no encontro puderam experimentar um ambiente de liberdade e respeito.

## A vibração da alegria

Mas como, afinal, o brincar pode ser educativo, trazer experiências sociais sobre a diversidade e ao mesmo tempo nos enredar na trama dos saberes populares? Festa de histórias longínquas e significados múltiplos, o Carnaval é uma vivência em que encontramos o brincar e a ele podemos nos entregar, pausando as narrativas cotidianas, a fim de que nossos corpos aprendam e absorvam saberes e sentimentos que atravessaram os tempos. No Carnaval, é a partir desses encontros essenciais com o presente e o passado que se constitui a base para a manifestação da alegria. E a alegria, além de um importante sentimento, pode e deve ser entendida como um ato político.

A alegria do Carnaval, que no cortejo do Vai Quem Fica se mostrou fortemente contagiante, revelou-se ainda como vibração que reverbera tanto dos instrumentos quanto dos próprios integrantes do bloco. A energia que vem dos muitos e diversos corpos que sentiram essa alegria foi, a partir dos instrumentos musicais, potencializada e disseminada.

As crianças, como de costume, foram as que mais vibraram ao longo do encontro, ativando em si e nos demais o poder da alegria como verdade da imaginação e da fantasia. Não houve no cortejo melhores mestres desses saberes que, durante o Carnaval, se manifestam como práticas de subjetividades, encontros entre passado e presente, ressignificações e mesmo revoluções, ainda que numa dimensão micropolítica. Brincar é um saber que o adulto se esquece que sabe.

Todos são iguais perante a folia, e os menores ensinaram aos que seguiram o Cordão do Vai Quem Fica como vibrar o próprio corpo diante da alegria que se irradia de uma fanfarra. Embaladas por essa vibração coletiva, outras lições também ficaram: a alegria como prática da liberdade, o brincar como resgate e revolução, a fantasia como ocupação poética e política do espaço e, principalmente, a celebração da diversidade e do encontro.

Presente no Carnaval de Brasília desde 2013, o bloco infantil Cordão do Vai Quem Fica é pensado para crianças de todas as idades, incluindo todos aqueles que gostam e querem brincar o Carnaval.



#Carnaval #festas populares #alegria

# Arraial da rua da Quitanda

por Andrea Lalli

MÚLTIPLO ANCESTRAL C/ FESTA JUNINA • 24 DE JUNHO DE 2019

Consideradas manifestações típicas da cultura popular brasileira, as festas juninas foram disseminadas pelas tradições ibéricas e ressignificadas conforme cada região do país, culminando num processo que reflete as confluências culturais de diferentes contextos. Embora haja diferenças entre símbolos, comidas e associações regionais, o evento produzido pela equipe não buscou se atrelar a uma forma específica, tampouco acentuar elementos “típicos”. Nosso intuito, por outro lado, foi suscitar a festividade como estratégia de ocupação do espaço público, entendendo-a como patrimônio cultural que atravessou a vida dos transeuntes que passavam pela rua da Quitanda em plena segunda-feira, dia 24 de junho.

Para a organização da festa, o corpo educativo se dividiu em algumas atividades, de modo que cada barraca disposta na rua estaria associada a determinado tema e ação educativa: a Barraca da Pescaria foi desenvolvida pelo Grupo de Trabalho de Práticas Artísticas e Educacionais; a Oficina de Três Marias, proposta pelo Grupo de Infâncias; a Troca de Receitas, pelo Grupo de Outros Saberes; e o Correio Elegante pelo Grupo de Acessibilidade. Traçando camisas xadrez, chapéus de palha ou então de cangaceiros, assim como vestidos coloridos e maquiagem de festa junina: foi nesse tom que recebemos o público espontâneo que participou do arraial que ocupou a rua da Quitanda.

## Troca de receitas

A barraca Troca de Receitas apresentou uma atividade que despertou reflexões pessoais e coletivas nos transeuntes que circulavam pela rua no momento da festa junina. Surgida como desdobramento de um Lugar de Criação realizado no mês anterior, a ação sugeria que cada participante escrevesse, em um mesmo livro alguma receita que soubesse de memória, estabelecendo ainda uma relação afetiva e histórica em relação ao motivo do prato escolhido existir e ser compartilhado.



Uma vez que as indicações haviam sido postas nesse livro, a ideia era que cada participante pudesse trocar sua receita com a de outra pessoa. Durante a festa junina, as receitas anteriormente compartilhadas pelo corpo educativo foram expostas em varais, de maneira que o público tivesse fácil acesso aos escritos, gerando trocas sobre as indicações. Muitas pessoas, por outro lado, afirmavam não se lembrar de receitas decoradas para escrevê-las, nos provocando a pensar o formato da oralidade, muitas vezes presente ao partilharmos algum conhecimento.

A troca de receitas, portanto, não se referiria apenas ao campo da culinária, mas também a histórias, momentos e contextos em que aquelas fórmulas haviam sido inventadas e passadas de geração em geração. Percebemos, nesse sentido, uma relação ancestral entre a alimentação, o conhecimento e a memória. As receitas dizem de tempos históricos e sociais específicos, dos tipos de alimentos aos quais certas pessoas têm acesso e outras, não, dos motivos que levaram tais fazeres a se tornarem conhecimentos repartidos entre famílias e comunidades. Tivemos, por exemplo, desde uma receita trazida por uma família que fugiu da Espanha durante a Primeira Guerra Mundial até um prato que refletia as dificuldades econômicas atravessadas pelos brasileiros durante os anos 1990. (com Wesley Machado)



## Três Marias, Correio Elegante e Pescaria

Na barraca de Confeção das Três Marias, jogo de crianças também conhecido como “pipoca”, o público mais velho e as crianças, com seus responsáveis, foram convidados a costurar alguns exemplares, gerando variadas conversas sobre a brincadeira. Muitas crianças conheciam o jogo, mas já não se lembravam exatamente como jogar. Houve, por outro lado, o caso de uma senhora que conhecia o jogo, mas sua neta, ainda não. A partir da proposta da festa, a senhora costurou um exemplar para levar à neta. (com Gabrielle Martins)

O Correio Elegante, por outro lado, gerou momentos de aproximação entre as diferentes equipes que atuam no edifício do CCBB SP. A brincadeira nos estimulou a perceber e acessar pessoas com quem convivemos diariamente, e neste caso a aproximação se deu a partir da descontração e do brincar. (com Pedro Ricardo)

A barraca de pescaria, de igual modo, estabeleceu um tom descontraído na relação com os transeuntes; o acesso gratuito chamava atenção de muitos passantes, que queriam os brindes oferecidos e se colocavam em situação de desafio na pesca. Havia dois tipos de varinhas de pescar: uma com maior facilidade para a pesca, e outra, com mais dificuldade – e a maioria dos voluntários preferia se desafiar. Tendo em vista a grande população de pessoas em situação de rua na região central da cidade, oferecemos como brindes alguns kits de higiene, levando em conta a ocupação da rua como um espaço que também inclui essa população, constantemente marginalizada e invisibilizada.

## Rua dos encontros

Sem se atrelar a tradições regionais específicas, a festa junina provocou numerosas situações de aproximação e identificação entre públicos externos e internos ao CCBB SP. Muitos transeuntes, estudantes e trabalhadores da região se dispuseram a passar um tempo na rua da Quitanda, trocar ideias e vivências a partir das ações propostas por uma edição do **Múltiplo Ancestral** que por vezes remeteu a memórias e modos de vida distintos do ritmo acelerado que predomina no centro das grandes cidades. Ao final, os educadores da equipe se reuniram para realizar outro rito associado às festas juninas: o traçado do Pau de Fita. Com boas doses de improviso, a performance gerou uma vivência bastante curiosa para o público que assistia, com momentos de riso e atenta observação.

Tendo o forró como carro-chefe, a trilha sonora trazia músicas típicas de festas juninas, fortalecendo uma combinação entre tradição e cultura popular que gerou identificação na população transeunte, estimulando a ocupação e a permanência, ainda que por alguns minutos, em um lugar que normalmente seria espaço de passagem. O convite a um tempo outro, assim como a percepção das brincadeiras como parte da cultura e como patrimônio intrínseco à construção da nossa formação social e identidade nacional puderam, assim, afirmar-se como ações efetivamente educativas na medida em que dispararam reflexões acerca do nosso contexto cultural e social por meio de um diálogo aberto em pleno espaço público.



#festas populares #brincadeira  
#rua #festa junina

# Os vaivéns de redes e histórias

por Bruna de Oliveira Martins

MÚLTIPLO ANCESTRAL C/ CIA. JU CATA-HISTÓRIAS • 27 DE OUTUBRO DE 2019



Em um domingo ensolarado, ao mesmo tempo em que recebia a exposição “Vaivém”, dedicada a uma pesquisa sobre as redes de dormir como importante elemento da identidade brasileira, o espaço externo do CCBB DF colore-se de gentes e famílias. Tudo começa num cortejo em que a Cia. Ju cata-histórias convida o público a se acomodar defronte a um palco colorido, montado com algumas bugigangas sonoras, barulhentas e convidativas, justamente porque cheias de vida. Um violão, alguns instrumentos de percussão e duas vozes em conjunto convocam a multidão por entre os brinquedos-obras da área externa do centro cultural. As canções entoam refrões e são fáceis de adentrarem os ouvidos, chegando até os pés, festivos. Assim tem início uma singela e dançante convocação ao longo dos jardins.

Crianças, mães e pais devidamente acomodados, com sorrisos largos e estendidos, voltavam seus pares de olhos para Juliana Mado e Vinícius Bolívar, integrantes da Cia., convidados a conduzir uma edição do curso **Múltiplo Ancestral**. O violão permeava e pautava cada nota das três histórias contadas pelo par de intérpretes, que assumiam diferentes personagens a cada batida da percussão. As vozes partiam de apenas duas pessoas, mas se tornavam várias: ouvíamos tons graves e agudos, sisudos e festivos, assim como outras que nos lembravam crianças e idosos.

Os cânticos utilizados durante a apresentação têm sua origem relacionada ao povo Fulni-ô, habitante do município de Águas Belas, a 273 km da capital do estado de Pernambuco. Trata-se de um dos raros agrupamentos indígenas do Nordeste brasileiro que ainda possuem sua própria língua, o idioma Ia-tê. A percussão fulni-ô é intensamente marcada pelo maracá, instrumento de forte presença nessa edição do **Múltiplo Ancestral**.



## Curumim, Maní e a formiga vermelha

A primeira das histórias trazia a figura do curumim, que se aproxima da onça e descobre a alma do animal, fortalecendo um laço de amizade que contraria seu sábio avô. Esparramado em toda a sua sabedoria ancestral, ali figurada na trama da rede de dormir, o avô dizia que a onça não era bicho muito “afeito a afeto”. Ao fim, menino e onça nutriam seus laços em uma (re)descoberta mútua sobre a possibilidade de uma convivência integrada e harmoniosa entre o ser humano e a natureza.

A segunda narrativa, por sua vez, nos convidava a acompanhar a trajetória de Maní, uma menina indígena albina que fez nascer a mandioca – importante base alimentícia de muitos dos grupos indígenas brasileiros. Na versão trazida pela Cia. Ju cata-histórias, Maní foi muitíssimo amada pelos pais, de maneira que a mandioca surge e é cultivada a partir do amor e dos laços familiares.

Por falar em mandioca, a última história nos levou até às poderosas terras astecas, onde o deus Quetzalcoatl mostra à formiga vermelha onde estão escondidas as espécies mais belas de milhos e cereais. No decorrer da narrativa, tatames verdes espalhados no chão se assemelhavam a uma grande floresta, alimentando uma atmosfera que remetia também visualmente a histórias indígenas. Pouco a pouco, personagens de tradições ameríndias passaram a habitar uma pequena floresta montada na área externa do CCBB DF.

Mesmo não tendo adentrado profundamente em debates atuais sobre pautas indígenas e ambientais, a atividade serviu como um convite para que espectadoras e espectadores pudessem se aproximar desse universo de saberes, e tal aproximação se deu de maneira ativa e verdadeiramente empática. Entre adultos e crianças, os corpos presentes na ação voltaram-se de maneira muito atenta e afetuosa à representação das histórias, quase como num abraço de rede de dormir, em que as tramas e costuras se acomodam às nossas curvas.

Fundada em 2008 pela atriz e produtora Juliana Mado, a Cia. Ju cata-histórias desenvolve criações que articulam teatro, música e narração de histórias, a partir de pesquisas que incluem ainda a oralidade e a tradição popular.



#Vaivém #fábulas #culturas indígenas  
#teatro para crianças

# Musicalização para crianças

por Janine Magalhães

MÚLTIPLO ANCESTRAL C/ SINFÔNICA AMBULANTE • 08 DE FEVEREIRO DE 2020

Às vésperas do Carnaval de 2020, o grupo Sinfônica Ambulante foi convidado para participar do **Múltiplo Ancestral** de fevereiro e conduzir uma dinâmica de musicalização voltada especialmente às crianças. Fundada em 2011, na cidade de Niterói, a Sinfônica Ambulante é ao mesmo tempo um grupo independente, um bloco de Carnaval e uma oficina de música. O coletivo é composto por aproximadamente 15 músicos, mas durante o Carnaval desfila pelas ruas com mais de 100 integrantes.

A atividade no CCBB RJ foi realizada em uma manhã de sábado na qual as ruas da cidade já estavam ocupadas por blocos que ensaiavam para o Carnaval. Diante desse contexto, nos planejamos para iniciar a atividade com um cortejo no térreo e, na sequência, realizar a proposta de musicalização no espaço educativo, onde as crianças seriam convidadas a se familiarizar com os instrumentos e seus sons.

Entretanto, a presença de um grande público transeunte – e interessado – não permitiu que deixássemos a rotunda do edifício. Mesmo sendo um espaço de passagem, muitas pessoas paravam ali, diante da banda, para ver, ouvir e dar passagem à Sinfônica Ambulante – e até mesmo o cozinheiro da Confeitaria Colombo, situada no segundo andar do prédio, saiu do fogão para olhar da varanda.



## Instrumento a instrumento

Entre os momentos mais interessantes da etapa de musicalização, se destacou a passagem em que os músicos apresentaram ao público presente, composto por crianças e adultos, cada um dos instrumentos que compõem a banda. Com o auxílio dos músicos, pouco a pouco nos familiarizamos com trompete, tuba, flauta, trombone, saxofone, caixa e surdo de percussão, entre outros aparatos. As crianças ali presentes puderam, então, experimentar cada um dos instrumentos: identificar seus nomes, perceber seus mecanismos e comparar seus sons com aqueles produzidos por bois, pássaros e até mesmo pelos nossos corpos, a partir de onomatopéias divertidas trazidas pelos integrantes.

Bastante eclético, o repertório da banda estimulou o envolvimento e a interação entre crianças e adultos: de Beatles a Rei Leão, de Lulu Santos à Pantera Cor de Rosa, de A-ha a marchinhas clássicas infantis e divertidas canções do grupo Mamonas Assassinas. No decorrer da apresentação, os instrumentos se tornaram parte de coreografias que faziam com que até a mais tímida das crianças mexesse seus ombrinhos, mesmo que discretamente. E foi assim, com sons e ritmos de instrumentos que encantaram crianças e adultos, que começamos a celebrar a chegada de mais um Carnaval.

Formada em março de 2011, a partir de um encontro entre amigos músicos com variadas influências, a Sinfônica Ambulante tem realizado apresentações em Niterói e no Rio de Janeiro, assim como em cidades do interior do estado, passando tanto por casas de espetáculos quanto por lugares públicos. Tradicionalmente, o grupo leva seu bloco à Praia de Icaraí, em Niterói, no sábado seguinte ao Carnaval.

#música #instrumentos musicais #Carnaval

# Bê-a-bá indígena

por Daniel Toledo

MÚLTIPLO ANCESTRAL C/ CRISTIAN WARI'U • 26 DE ABRIL DE 2019

**“Mesmo sendo muito jovem, eu já percebia que a informação que o pessoal tinha sobre os povos indígenas era deturpada, e isso gerava receio, medo e preconceito”**

Aos 18 anos, Cristian Wari'u vivia e estudava em Barra do Garças, no interior do Mato Grosso, a mais de 500 km de grandes cidades como Cuiabá e Brasília. Foi àquela altura que ele inscreveu um projeto em um edital público de abrangência nacional, voltado a jovens que quisessem produzir vídeos de conteúdo cultural para a internet. Acostumado a falar sobre aspectos básicos da cultura Xavante aos colegas e professores da escola onde estudava, Cristian enxergou naquele edital uma chance de ampliar o alcance de suas palavras. No final da seleção, seu projeto foi um dos doze selecionados em todo o território nacional e deu origem ao canal Wariu. Para falar sobre o canal que mantém no Youtube desde 2017, assim como compartilhar aspectos da própria trajetória de vida, Cristian Wari'u foi convidado do **Múltiplo Ancestral** no CCBDF.

“Durante a minha infância, desde que entrei na escola da cidade, muitos alunos tinham medo da minha presença. Eles costumavam se afastar de mim porque alguns pais e conhecidos falavam que os indígenas eram canibais e outras coisas. Mesmo sendo muito jovem, eu já percebia que a informação que o pessoal tinha sobre os povos indígenas era deturpada, e isso gerava receio, medo e preconceito. Com tempo fui perceber que, falando com as pessoas, surgia respeito e interesse em entender a cultura e a causa indígena”, sintetiza Cristian, que, além de produzir os vídeos do canal, estuda Comunicação Organizacional na UnB e presta serviços de comunicação a instituições nacionais e internacionais dedicadas à causa indígena e à preservação do meio ambiente.

Entre os preconceitos que busca desfazer a partir de sua produção audiovisual, figuram ainda outros estereótipos bastante antigos sobre a população indígena. “Muita gente ainda acredita que os indígenas recebem um salário do governo para se manter na aldeia ou na cidade, e às vezes a gente lida com a fama de sermos preguiçosos e incapazes. Essa é uma visão que parte do momento da colonização, quando os indígenas conseguiam escapar da escravidão, pois conheciam muito bem o território”, resume o jovem de 20 anos. Cristian conta trabalhar como designer gráfico, fotógrafo e produtor audiovisual, condição que lhe trouxe oportunidades de conhecer grandes lideranças indígenas, enriquecendo um repertório político e cultural alimentado desde cedo pelo contexto familiar.

Em seu trabalho autoral, no entanto, ele prefere se dedicar a questões elementares que, a partir da própria experiência escolar e social, se revelaram como lacunas na formação dos não-indígenas. “Ainda precisamos explicar que os indígenas não necessariamente andam pelados, que não praticam canibalismo. A gente se vê nessa posição de ter que explicar o básico, para um dia poder explicar as questões mais complexas”. Entre as conquistas do trabalho realizado até agora, cita uma progressiva mudança de terminologia em curso. “Índio é uma palavra muito pequena, que não representa de forma nenhuma a diversidade dos povos e o valor da cultura indígena. A gente entende que ela foi importante para os movimentos indígenas antigos, que mesmo antes da Constituição de 1988 já vinham para Brasília. Foi naquele contexto que os vários povos do país se viram como um movimento, ao se encontrarem no mesmo espaço”, relata o estudante, que visitou o CCBDF na mesma semana em que acontecia a 15ª edição do Acampamento Terra Livre.

## Memória, conhecimento e tecnologia

Filho de pai Xavante e mãe Guarani, Cristian Wari'u faz questão de se apresentar como Xavante com ascendência em Guarani Nhandewa. “Os Xavantes seguem um sistema patrilinear, em que a origem do homem decide a próxima linhagem. Mas como tive muita convivência com minha mãe, aprendi muita coisa sobre a cultura Guarani”, pondera, dando a ver a diversidade de práticas, culturas e línguas que caracterizam os povos indígenas brasileiros. Nascido na região urbana de Campinápolis, Cristian sempre viveu próximo à aldeia Xavante e passou por todos os rituais considerados importantes para seus ancestrais.

Quando questionado, por outro lado, sobre a recorrente falta de informações sobre os artefatos indígenas expostos em acervos e museus da cidade, ele oferece uma possível explicação histórica. “Grande parte das esculturas, pinturas e objetos desses acervos foi tirado dos povos indígenas sem contexto nenhum, somente porque eram bonitos, porque eram rústicos. Por isso muitas vezes as informações culturais não acompanham os objetos”. Como antidoto à falta de conhecimento sobre o amplo patrimônio indígena do país, ele ressalta a importância de se recorrer aos mais velhos. “O acervo da cultura indígena são os anciões. Eles entendem os grafismos, as esculturas, as flechas. É muito importante buscar esses anciões indígenas para catalogar tudo isso. Muitos já estão indo, junto com seus conhecimentos, e talvez alguns dos objetos fiquem sem explicação”, lamenta.

Em sua visão, também as tecnologias de comunicação devem ser encaradas como instrumento de preservação e disseminação dos saberes e das culturas indígenas, e não como uma ameaça. “Muita gente pergunta se os povos indígenas perdem sua cultura quando usam tecnologias não-indígenas, como computadores, câmeras e celulares. Eu não entendo que estou perdendo a minha cultura por conta da tecnologia. Pelo contrário: nós estamos usando a informática, a comunicação e a internet para preservar e compartilhar essa cultura. Para gravar nossas lideranças, nossos cantos, rituais, nossas pinturas e adereços. Para criar um acervo da cultura atual, de modo que possamos trocar com outros povos e que as próximas gerações também possam enxergar, de fato, como era esse momento”, defende o estudante, apostando no conhecimento como modo de tapar os abismos criados entre os diferentes povos que habitam o país.

Cristian Wari'u Tseremey'wa é designer, fotógrafo, produtor audiovisual. Nasceu na pequena cidade de Campinápolis no estado de Mato Grosso em junho de 1998, próximo à Terra Indígena Parabubure. Xavante com ascendência Guarani Nhandewa, viveu a infância e principalmente a adolescência entre a escola e os rituais Xavantes. Vive atualmente em Brasília (DF), onde estuda Comunicação Organizacional na UnB. Mantém o canal Wariu no Youtube.



#culturas indígenas #ancestralidade  
#escola #tecnologia

# As crianças na tradição jogueira

por Janine Magalhães

MÚLTIPLO ANCESTRAL C/ CASA DE JONGO • 20 DE JANEIRO DE 2020

No feriado do dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião, padroeiro da cidade do Rio de Janeiro, recebemos Lazir Sinval, Anderson Vilmar e Luana Ferreira, integrantes da Casa do Jongo da Serrinha para um encontro do **Múltiplo Ancestral**. A proposta era uma oficina de percussão com objetos do cotidiano, ao longo da qual foram introduzidos ritmos folclóricos como jongo e maracatu.

A atividade agregou não só as crianças, mas também suas famílias e outros adultos que chegaram às salas do Programa CCBB Educativo – Arte & Educação, no CCBB RJ. Para a experimentação dos ritmos, Luana, recreadora cultural da Casa do Jongo, nos ensinou alguns passos e separou o grupo em três filas. Cada fila representava uma figura importante para a Casa do Jongo: Vovó Maria Joana, Mestre Darcy e Tia Eunice – e deveria reproduzir um dos passos recentemente ensinados, transformando nossos corpos em uma música coletiva, ao som da percussão no fundo.

Na sequência, Anderson nos apresentou alguns instrumentos de percussão. Após distribuir caixas de plástico e baldes de alumínio para as crianças, nos ensinou, pouco a pouco, como realizar batucadas, prontamente complementados pelas palmas dos adultos. Lazir, cantora e também percussionista, nos mostrou algumas cantigas e pontos que contam a história da tradição jogueira. Junto ao que aprendemos anteriormente, tendo os movimentos do corpo e a marcação dos pés guiados pelo som do atabaque, cantamos juntos, em roda, e finalizamos a atividade com muito axé.



## A brincadeira como resgate cultural

Durante uma conversa no final da atividade, Luana contou que trazer os nomes de Vovó Maria Joana, Mestre Darcy e Tia Eunice faz parte de um trabalho de resgate cultural, visando transmitir às crianças, a partir da brincadeira, elementos de sua própria história e da herança cultural do Jongo. Vovó Maria Joana, uma das jogueiras mais velhas da Casa de Jongo da Serrinha, além de parteira e rezadeira, era mãe do Mestre Darcy e de tia Eva, também jogueira.

Segundo Luana, antigamente só as pessoas mais velhas, também conhecidas como “cabeças brancas”, podiam dançar o jongo. Isso acontecia nos quintais e terreiros das casas, em épocas de festas para alguns santos. Naqueles tempos, Vovó Maria Joana, como era mãe de santo, rezava a ladainha, e as crianças da comunidade apenas assistiam. Depois disso, o espaço era restrito aos adultos, e as crianças deveriam ir dormir. Como tinham muita curiosidade sobre o jongo, entretanto, muitas delas furavam o estuque das casas, espiavam por pequenos buracos nas paredes, e na manhã do dia seguinte, reproduziam o que os jogueiros faziam.

Com o tempo, os jogueiros mais velhos foram morrendo, e a vovó Maria Joana falou para seu filho, Mestre Darcy, que deveriam ensinar os jovens a dançar jongo, porque sem eles o jongo ia acabar. Foi assim que começou a Escola de Jongo, onde as crianças mais novas começaram a aprender. Luana contou ainda que foi Mestre Darcy quem levou o jongo aos palcos, pois antes disso a prática ficava reservada aos terreiros. Foi, portanto, a importância de preservar e dar continuidade à tradição jogueira que possibilitou a crianças e adultos a oportunidade de conhecer, durante o encontro no CCBB RJ, uma cultura ancestral sobre a qual muitas e muitos nunca tinham ouvido falar.

Jongo da Serrinha é uma organização social criada no bairro de Madureira há mais de 50 anos, que promove ações integradas entre cultura, arte, memória, desenvolvimento social, trabalho e renda. O jongo, ou caxambu, é um ritmo que teve seus origens na região do Congo e Angola, e que chegou ao Brasil com os negros de origem Bantu trazidos como escravos as regiões de Paraíba, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Desde 2005, o Jongo é considerado patrimônio cultural do Brasil pelo Iphan.

## Louvação e fé

Lazir Sinval c/ Marquinhos Oswaldo Cruz

*Oh vem Jogueiro  
da Serrinha rosar  
oh vem Jogueiro  
de Pirai e Ipirá  
Sou candongueiro  
me chamo 'tenho que ir'  
Oh vem Jogueiro  
Santa Rita, Bracuí*

*Vim à São José dos Campos  
parava em Tamandaré  
Iracema e Vassouras  
e o Quilombo São José  
em Campinas tenho dito  
que Ribeiro tem macete  
fui dançar em Porciúncula  
acabei lá em Piquete*

*Em Cachoeiro  
de Itapemirim  
vi Carangola  
dançando assim  
Dançando jongo  
negro Bantu  
Jongo em Pádua  
é caxambu*

*Ah eu vou firmar meu ponto  
abrir terreiro,  
Ah eu vou firmar meu ponto  
auê Jogueiro*

*Para saravá tambor primeiro  
tem que ter fé  
Para cair folhas no terreiro  
tem que ter fé*



#ancestralidade #culturas africanas  
#jongo #culturas afro-diaspóricas

# ABCerrado

por Daniel Toledo

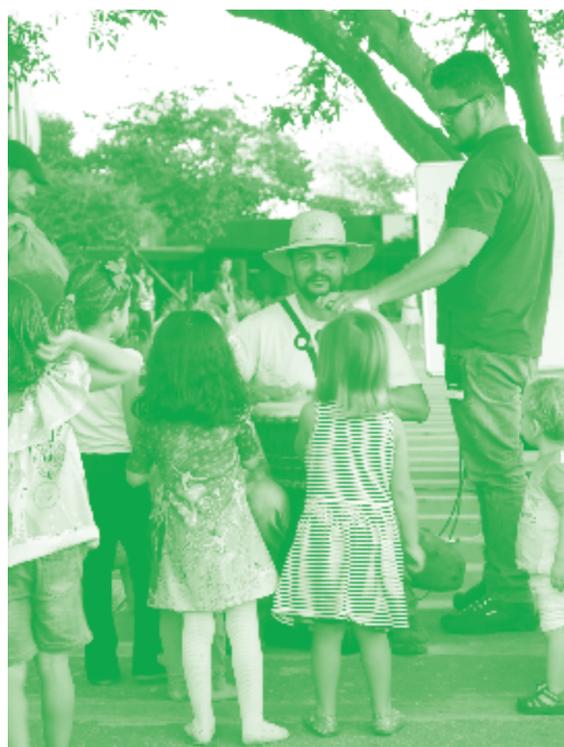
MÚLTIPLO ANCESTRAL C/ MESTRE PAU PEREIRA • 29 DE JULHO DE 2018

Apontado como o segundo maior bioma do território brasileiro, o cerrado se estende por onze estados dos país, atribuindo a eles uma paisagem tipicamente caracterizada por árvores retorcidas e espaçadas, em meio a uma ampla biodiversidade ainda pouco conhecida por boa parte de seus habitantes. Bastante conservado até os anos 1960, quando a chamada modernidade alcançou o centro do território nacional, o mesmo bioma tem, nas últimas décadas, sofrido significativa degradação, causada sobretudo pelo crescimento da atividade pecuária e das monoculturas que, sem muita cerimônia, vêm progressivamente alterando a paisagem do país.

Pois foi na pequena cidade de Planaltina, situada no Distrito Federal, que o professor Flávio Paulo Pereira, mais conhecido como Mestre Pau Pereira, concebeu ainda na virada do século o ABCerrado, original método de letramento que toma como referência justamente a biodiversidade do cerrado brasileiro. Conhecido e praticado já há algumas décadas pelos estudantes de Planaltina, o ABCerrado fez em julho de 2018 uma breve visita aos jardins do CCBB DF, quando seu criador e principal disseminador conduziu uma edição do **Múltiplo Ancestral**.

“Na escola onde eu trabalho, a gente costuma levar as crianças para o ambiente natural, para o próprio cerrado, saindo um pouco de dentro do prédio e até mesmo da cidade. No caso dessa atividade, a gente teve que levar o cerrado até as crianças”, compara Pau Pereira, também mestre de capoeira e pai de três filhos, com trinta anos de experiência com educação infantil, sendo vinte deles dedicados à educação pública na zona rural de Planaltina.

Também poeta, desenhista, escultor, pintor e músico, o professor ofereceu às crianças e adultos presentes um amplo leque de atividades, muitas voltadas também aqueles que já sabem ler e escrever. Diante de um grupo formado por crianças com idades entre cinco e oito anos, ali acompanhadas por seus responsáveis, o artista combinou variados recursos para abordar o cerrado brasileiro. “A gente trabalha com palavras e textos, mas também desenhos e até mesmo riscos. No caso das pessoas que se julgam letradas, exploramos a linguagem a partir de metáforas, trocadilhos, rimas, lendas locais e algumas composições do ABCerrado”.



## Pedagogias do lugar

Mesmo trabalhando num contexto distinto daquele com o qual está acostumado a trabalhar, o artista e educador defende a potência da atividade realizada no CCBB DF, dessa vez voltada a famílias da capital brasileira. “Seja onde for, as pessoas geralmente aprendem a ler e escrever com E de elefante, G de girafa e U de urso, mesmo que esses animais estejam em outros continentes e hemisférios. As crianças de hoje em dia acabam sendo muito cosmopolitas, apesar de muitas vezes não conhecerem os ambientes ao redor. Mas se você estimula essas crianças com arte, dança e música, elas certamente vão responder”, defende.

Frequentemente indagado sobre as aproximações entre o ABCerrado e a obra do pedagogo Paulo Freire, Pau Pereira reconhece possíveis semelhanças, mas esclarece ter desenvolvido suas práticas antes mesmo de ter contato com a produção do pernambucano. “Muitas vezes as pessoas vêm me falar sobre a pedagogia do oprimido, mas a chave dessas práticas está justamente na ideia de trabalhar a partir de elementos do ambiente imediato de cada um. Se você vai alfabetizar num canteiro de obras, por exemplo, é natural trazer A de arame, B de botina, C de carrinho”.

Ainda que o ABCerrado tenha, de fato, um papel importante em suas práticas, Pau Pereira destaca a permanente abertura a colaborações e questões trazidas pelas próprias crianças durante as atividades. “Minha ideia nunca é dar um conteúdo pronto, mas trazer interrogações e estimular as crianças a fazerem perguntas. Por conta disso, trabalhamos sempre com objetos que não são de plástico, e nem tão coloridos quanto os que estamos acostumados”, descreve o professor.

Entre os objetos utilizados durante a atividade, figuram, por exemplo, algumas esculturas de madeira produzidas pelo próprio artista, fazendo referência a outra atividade desenvolvida nas aulas que oferece em Planaltina: a coleta de matéria morta do Cerrado para a construção de brinquedos, móveis e até mesmo instrumentos de capoeira. “No fim das contas, o que me interessa é brincar, imaginar e estimular nessas crianças um pensamento livre e questionador”, sintetiza.

Flávio Paulo Pereira ou Mestre Pau Pereira, como é mais conhecido, é o idealizador do Projeto ABCerrado. É licenciado em Artes Visuais pela Universidade de Brasília (UnB), funcionário da Secretaria de Educação do Distrito Federal desde a década de 1990 e mestre de Capoeira formado em 1999. O projeto ABCerrado recebeu o Prêmio EAP de melhor projeto da educação infantil (2002) e o Prêmio Tom do Pantanal da Fundação Roberto Marinho (2003), por estimular a valorização da sociobiodiversidade do cerrado.

#alfabetização #educação no campo #cerrado



---

# Linhas que são feitas e refeitas

por Tatiana Duarte, em colaboração com Valquíria Prates

---

Sempre fico imaginando que tipo de desenho se daria a partir do caminhar diário pelo espaço. Se meus pés tivessem tinta, que traçado eles deixariam? Na repetição desse caminhar, que desenho de percurso eles não trariam? Na caminhada, nesse ir e vir constante, diário, é quando os laços se estabelecem, quando as reflexões são feitas, entre um café, a partilha do lanche, uma reunião de equipe, uma formação, um seminário, um desabafo no banco no jardim. O quanto desse percurso, dessa escrita cartográfica, dessas intensidades que se reafirmam e que se firmam, que apontam diversos caminhos a partir da prática diária de agenciar a criação de espaços possíveis. Espaços de diálogo, reflexão, com os educadores, estudantes, outras equipes que habitam o mesmo local (atendentes de galeria, segurança, equipe de limpeza), analistas, professores, públicos, produtores e curadores. Nas paradas que permitem conversas, risadas, resoluções de conflitos ou acolhimento, para ajustar e perceber em que situações é necessário um olhar mais apurado e cuidadoso. Nesse ir e vir diário, perceber para onde essas intensidades apontam, as possíveis construções, outros espaços a serem criados.

É nessas linhas feitas e refeitas que ideias surgem, que processos são sistematizados e organizados, que desejos são materializados. Feita a coleta dos desejos das diferentes instâncias relacionadas, sejam educadores, comunidade escolar, a instituição, o entrelaçamento com o projeto educativo e como transformar em ações. Lembra muito a música do Dorival Caymmi, “ô canoieiro bota a rede no mar, ô canoieiro bota a rede no mar, cerca o peixe, bate o remo, puxa a corda, colhe a rede, ô canoieiro puxa a rede no mar”. Colhendo no mar de desejos, possibilidades e potencialidades, formatos para tornar público, de forma acessível, os diversos saberes. Que passa por marés calmas, turbulentas, que reorganiza o barco após uma tempestade, que também navega em águas cristalinas, que ajuda a enxergar quando as águas estão turvas e consegue também perceber quando seu companheiro de barco precisa tomar fôlego, respirar, quando precisa de um tempo, ou quando está com plena energia. É ter em mente a mistura entre arte, educação e pesquisa, dentro de uma equipe multidisciplinar.

Ainda falando em desejos, o que move todas as ações formativas é a construção dos sentidos, de uma forma verdadeira para garantir a paixão e presença. Para garantir que a equipe esteja inteira, pulsante, envolvida e interessada nos seus próprios entrelaçamentos, nos sucessos e não-sucessos, que nos fazem refletir, avaliar, repensar, rever, que fazem parte de todo processo de pesquisa e descoberta.

Somos criadores de tempos e espaços, pensando no tempo além do tempo cronológico das entregas e programações, mas os tempos que são traduzidos em intensidades, que são traduzidos nas narrativas, nas narrativas das potências vivenciadas por cada um. Entendendo nossos espaços como espaços de partilha, de cuidado, de diálogos, de afetos, de provocações, das diferenças, de desafios e descobertas. Espaços efêmeros que se criam e se desmontam, que se transformam, de criação coletiva, que podem existir dentro de uma sala, em um jardim, numa roda de conversas, num café, mas também podem ser estruturados na forma de seminários, grupos de trabalho, chuva de ideias, formações periódicas.

O espaço do “estar com”, estar com a equipe de educadores, empatia, (com)partilhar aventuras e na construção desse caminhar junto descobrir as direções, as potências, e juntos enxergarmos as possibilidades de uma construção coletiva e participativa. Reconhecer a importância de cada um, valorizar o que cada um traz, tornar consciente, apontar possíveis caminhos, provocar, promover pequenas reflexões, disparar perguntas, que dentro dessa liberdade de escuta, que são transformadas dentro da pesquisa de cada educador formado ou estudante, para desdobrar em ações.

Pensar em ocupar esses espaços não formais de educação é pensar também na possibilidade da criação de formatos diversos, de formatos experimentais, de uma liberdade de construção coletiva importante para concretização de um pensamento. A coordenação pedagógica cria espaços e tempos de troca, de organização do pensamento, de possibilidades de concretização de ideias.



#formação #coordenação pedagógica  
#mediação cultural

---

# Tramas de uma invasão pequenina

por Geovana Freitas, em colaboração com Valquíria Prates

---

Pensar práticas de educação em espaços formais e não-formais implica sobretudo pensar no outro. Para muitas pessoas que trabalham dentro de instituições culturais, propostas educativas que estimulem o diálogo e que envolvam diferentes formas de afeto com os diferentes públicos não chega a ser novidade.

Nesse sentido, é marcante a preocupação atual de muitas instituições culturais o desejo de ampliar as formas de acesso, tornando-as mais inclusivas especialmente a partir de uma ótica que considere as especificidades de crianças e bebês, tomando como premissa o fato de que eles têm direitos de acesso a bens histórico-culturais.

Essa parcela do público – crianças e bebês – é bem específica e bastante heterogênea entre si. Exige dos educadores, pais, pesquisadores e de todos aqueles que projetam “modos de bem viver”, reflexões profundas a respeito de como temos pensado 2 os lugares da infância, considerando questões de acessibilidade, hospitalidade, escuta e exercício de direitos.

O Programa CCBB Educativo – Arte & Educação propõe as atividades de sua programação considerando que muitos de seus interlocutores são crianças. Nas propostas que envolvem mediação cultural podemos destacar algumas ações realizadas nos Centros Culturais Banco do Brasil, como as oficinas artísticas do **Lugar de Criação** promovidas semanalmente nas quatro cidades; as sessões mediadas de cinema da Sessão Miúda, em Brasília; as visitas mediadas para bebês nas exposições no Rio de Janeiro e em Brasília; e as visitas mediadas com abordagem Pikler-Lóczy no Rio de 3 Janeiro. Aconteceram também atividades artísticas de musicalização e dança para crianças, como “Dançar é como brincar, basta começar”, com a coreógrafa Luciana Lara e também as propostas do Grupo Sinfônica Ambulante.

Por fim, muitos dos encontros de formação **Transversalidades** contribuíram para ampliar o repertório do 4 programa e de profissionais das áreas de artes e educação com reflexões sobre cultura infantil, com destaque para “Educação com crianças”, realizado pelo escritor, filósofo e educador Renato Nogueira, e “Cidade à altura das crianças”, com Fernanda Regaldo, pesquisadora e editora da revista PISEAGRAMA, ambas ações enfatizaram a importância de aprendermos a pensar sobre a cidade, a vida e o mundo a partir da perspectiva dos pequenos.

Esses destaques são memórias que me inspiram a pensar sobre as diversas dimensões das ações realizadas nos CCBBs a partir das seguintes questões: de que maneiras as atividades que realizamos podem ter ressoado em espaços fora da instituição? Quantas crianças foram beneficiadas quando seus acompanhantes e os educadores criaram condições físicas e materiais para que elas pudessem brincar de forma mais autônomas, explorar materiais e processos artísticos e serem escutadas em processos dialógicos?

As respostas possíveis para essas reflexões podem vir tanto do meu convívio com esses públicos, como educadora, mas também do meu envolvimento com diferentes áreas do conhecimento, em especial considerando os estudos da Sociologia da Infância produzidos por educadores, arte-educadores, sociólogos e artistas pesquisadores. Nesse sentido, acredito que recuperar a(s) história(s) da(s) infância(s) pode trazer contribuições valiosas para compreendermos a experiência de crianças e bebês uma vez que, a partir da análise histórica é possível pensar hoje, por meio da interlocução com as infâncias, a arte-educação, ou ainda refletir sobre a educação como arte!

---

***“Perguntar para uma criança o que ela quer ser é uma ofensa, isso é apagar o que ela já é”***

---

---

***“As crianças possuem uma natureza singular, que as caracterizam como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio”***

---

## Inventar novos mundos a partir das infâncias

Atualmente podemos buscar em perspectivas diversas os posicionamentos, as narrativas e as possibilidades que considerem a existência humana como uma experiência simultaneamente individual e coletiva, que pode ser vivenciada ao máximo por qualquer pessoa, desde que nos coloquemos em posição permanente de busca por equiparação de oportunidades em qualquer atividade humana. Nesse sentido, para orientar nossas buscas nos grupos de trabalho sobre infâncias no Programa CCBB Educativo Arte & Educação, nos aproximamos das pesquisas de pensadores indígenas Davi Kopenawa, Daniel Munduruku, de pensadores negros brasileiros como Renato Nogueira e Abdias Nascimento e ainda de pensadores brancos franceses como Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Seus textos e aulas nos apresentam algumas ideias de como transformar as relações sociais e com isso criar outras formas de viver, baseadas em valores como a partilha, o sonho, a imaginação, a amizade, o respeito e a igualdade. Esses olhares nos oferecem igualmente possibilidades de pensar as infâncias como se estivéssemos abrindo caminhos em meio à mata densa e escura, como se fossem clareiras iluminadas onde podemos ver além daquilo que parece ser senso comum. Esses estudos nos ajudam a olhar a história para pensar não só crianças mas a existência planetária: animais, natureza, cosmos...

Por exemplo, o pensador e líder indígena Ailton Krenak costuma dizer em muitas de suas palestras que “perguntar para uma criança o que ela quer ser é uma ofensa, isso é apagar o que ela já é”. Essa fala carregada de sentidos tem tudo a ver com a maneira como queremos construir relações entre as crianças e os espaços educativos: acreditamos que a criança já é uma pessoa inteira hoje. Para muitos profissionais da educação, da psicologia, das artes e da sociologia, as infâncias precisam ser consideradas em múltiplos contextos, atendo para suas realidades culturais, étnico-raciais e familiares.

As pesquisadoras Pilloto e Bohn (2014) afirmam que os espaços culturais “não são mais vistos como depositários de um patrimônio ou de uma memória que coletam, preservam, estudam e divulgam. São também espaços relacionais entre os sujeitos e as coisas, um espaço de experiências, pesquisas e conhecimento”. Se acreditamos que na infância podemos construir significados sobre o mundo e sobre nós mesmos, é importante considerarmos que os espaços educativos dentro de instituições culturais têm muito a contribuir para essa formação dado o seu caráter pluricultural.

Crianças são sujeitos, são completas e estão em formação como qualquer outra pessoa viva. Sua inclusão como categoria social, entretanto, é recente na história ocidental: até meados do século XX, crianças foram consideradas “adultos em miniatura” e as diversas situações em que estavam inseridas – como o trabalho, os estudos, os cuidados e as atribuições a elas reservadas – estavam pautadas na preparação para a vida adulta. Isso significa que a concepção de infância estava fundamentada em um “vir a ser”, muitas vezes atrelado a uma condição de invisibilidade social.

A pedagoga Laura Bianca Caldeira, em artigo intitulado “O conceito de infância no decorrer da história”, discorre, a partir de uma ótica interseccional, sobre as diversas condições a que crianças e bebês foram submetidos ao longo da história ocidental, considerando como as nuances das variáveis classe social, raça e gênero se articulam gerando condições desiguais de apagamento e silenciamento. Nessa abordagem, fica mais evidente que o fato de serem tratadas como miniaturas de adultos em contextos de escassez ou pobreza levou muitas crianças a viverem à margem, ocupando posições de trabalho pesado, sofrendo abusos de todos os tipos ao longo da história.

A ideia de proteção, cuidado e educação para a infância considerando sua subjetividade é recente e surgiu de forma gradual em instituições voltadas para a educação. Numa longa caminhada durante todo o século XX e com o trabalho incessante de profissionais e estudiosos de diversas áreas, podemos referenciar como a educação brasileira, em consonância com países empenhados em garantir os direitos das crianças, defende, no documento Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI-1998), a consolidação do reconhecimento da criança como ser ciente: “as crianças possuem uma natureza singular, que as caracterizam como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio”.

Essa definição, localizada em um documento voltado para a orientação de práticas pedagógicas com crianças entre 0 e 6 anos de idade representa um grande avanço em termos de orientação para instituições educacionais ao sensibilizar o olhar dos educadores sobre as especificidades na forma como crianças experimentam o mundo, diferenciando-a de uma pedagogia para crianças maiores. Aos poucos, ao longo da história das infâncias e da produção intelectual nesse campo, vamos percebendo o quanto de “adulto-centricidade” há em muitas práticas relacionadas à infância. Os estudos da Sociologia da Infância contribuem fortemente para a formação de modos de ver crianças e bebês, considerando suas preferências, seus gostos a partir da sua observação e escuta.

Hoje reconhecemos e sabemos que crianças e bebês não só assimilam ou reproduzem a cultura em que estão inseridas, como também criam sua própria cultura. No livro “Sociologia da Infância”, William Corsaro fala sobre o que chama de “reprodução interpretativa”, ao se referir à produção de “cultura de pares”, sendo o resultado das tentativas infantis de resistir ao modo de pensar adulto, criando formas próprias de ver o mundo, de se comunicar, de interpretar a cultura e os sentidos da vida, apropriação essa que visa a atender aos seus próprios interesses a partir das interações sociais, com seus cuidadores e com outras crianças. Crianças criam cultura na sala de aula, com seus familiares e seus pares, por meio das rotinas em que estão inseridas, nas creches, ao compartilharem suas ideias e sonhos, ao criarem artisticamente, ao indagarem, ao criarem hipóteses e recontarem histórias, acrescentando suas próprias percepções, criando outras realidades, acrescentando seres míticos, ao subverterem a ordem, ao viverem em liberdade e ao criarem sua própria linguagem.

Depreender que crianças não só reproduzem e internalizam modos adultos e da cultura mas também produzem suas próprias formas de viver e se comunicar, nos convoca a engajar com urgência na manutenção e ampliação de espaços onde crianças possam interagir socialmente umas com as outras, ter amplo acesso a diversas formas de manifestações culturais e práticas que valorizem a interação e a experimentação artística, ao sonho e ao desfrute. É sabido que ainda há muitas infâncias excluídas de acesso a espaços institucionais que contribuam para uma formação humana que as valorizem e as respeite, considerando suas culturas, origens étnicas, suas racialidades, corporalidades e formas de se expressar no mundo. Diante disso, nos abrimos para que, como educadoras e educadores de instituições culturais, possamos criar terras férteis para frutificar em desejos a existência, como também para honrar as partes presentes em nós dessa primeira etapa de nossas próprias vidas.

***Afirmamos que:***

***crianças sonham.***

***crianças criam.***

***crianças não se interessam por algumas coisas.***

***crianças se interessam por algumas coisas.***

***crianças sentem – se atravessadas diante de algo que consideram belo.***

***crianças sentem – se atravessadas diante de algo que considerem feio.***

Afirmar e permanecer acrescentando considerações nessa lista (continuemos!) nos ajuda a questionar alguns dos limites do que pode fazer uma criança. Ajuda também a rever os limites do que nós podemos fazer como adultos quando interagimos com crianças, ampliando e aprofundando nossas formas de pensar e fazer a mediação cultural, tornando-as amigas.

### **Hospitalidade e mediação cultural**

Considerando toda a dimensão de atuação das instituições culturais, e aqui falando especificamente das ações do Programa CCBB – Educativo Arte & Educação, podemos levar em conta que, ao pensar as infâncias como produtoras de cultura, buscamos evidenciar as potências que a mediação cultural pode ter na abertura de caminhos para que estes espaços se tornem também territórios infantis. Nossa atuação se propõe a criar condições de diálogo e condições para que se sintam acolhidas no mundo, ou pelo menos dentro do que nossos braços alcancem, que é em nossa atuação cotidiana.

Vivemos o movimento de compreender as especificidades das infâncias para assim criarmos condições de acolhimento de crianças e bebês de maneira integral, considerando todos os impasses, obstáculos e escolhas que estão envolvidas nisso. Para pensar sobre isso, tomamos emprestados como metáfora os conceitos de “estrangeiro” e de “hospitalidade” elaborados pelo filósofo francês Jacques Derrida (2003) para formular a seguinte pergunta: se o espaço museal foi historicamente pensado para e por adultos, não seria a experiência da criança neste espaço a de um estrangeiro – tentando se adaptar a costumes, entender a linguagem e as regras, buscando fazer parte? Nesse sentido, como a instituição cultural poderia praticar a hospitalidade, e, por meio de estratégias de acolhimento, criar condições para incentivar a aproximação que pode levar a criança às diferentes instâncias de autonomia possíveis em atividades e programações culturais?

A hospitalidade em um contexto cultural com as infâncias (nesse caso, de educação atravessada pela arte, ou ainda da arte atravessada pela educação) pode ser encontrada nos processos experimentais para os quais as convidamos a tomar parte. Durante a preparação da programação, nesse sentido, é preciso estarmos sempre atentos: quem é esse outro – criança – que chega? O que pode esse outro?

No Programa CCBB Educativo – Arte & Educação, crianças podem criar, experimentar materialidades e modos de fazer artes e articular suas próprias narrativas em espaços como os ateliês do projeto **Lugar de Criação**. Também podem participar de rodas de conversa, investigar espaços e rotas, comparar aquilo que encontram pelo caminho com tudo o que faz parte de seus repertórios nas propostas de visitas mediadas para crianças e bebês. Além disso, os pequenos cidadãos são foco de atividades voltadas a adultos interessados nas infâncias (sejam integrantes de suas famílias ou profissionais dedicados ao trabalho com crianças); de encontros de formação chamados **Transversalidades**; e ainda de discussões nos Grupos de Trabalho que constituem os processos formativos para a equipe do programa, nos quais são criados pontos de inflexão e reflexão sobre como nós, adultos, podemos pensar o ser humano em sua integralidade, em processos de aproximação e acolhida que envolvem a atenção integral à acessibilidade e à diversidade como formas de promover a participação.

A construção de instituições culturais que sejam territórios infantis envolve a viabilização de propostas em que crianças possam participar a partir de perspectivas éticas, estéticas e políticas da infância. Isso quer dizer que, como sujeitos de direito, os espaços que se propõem a compartilhar quaisquer produções culturais que envolvam a construção humana adquirida ao longo da história da humanidade tenham como responsabilidade a garantia do acesso de crianças e bebês.

Ao abrir portas e janelas (dos equipamentos culturais) para receber esses “estrangeiros”, precisamos estar dispostos a aprender com eles outras línguas, costumes e visões de mundo, buscando garantir que nesses espaços estejam demarcados seus direitos. Ao garantirmos que sua fala seja ouvida por todos os que participam das atividades do programa, podemos construir com as crianças, dentro e fora das galerias e das salas dos CCBBs, riquíssimas análises sobre a sociedade, sobre cada um de nós, sobre a forma e a relação entre as coisas, sobre os trabalhos em exposição etc. ... Tudo isso pode acontecer – e acontece – enquanto escutamos sonhos de quem tem os olhos brilhando de curiosidade e de assombro, às vezes nos pedindo ajuda para olhar ou nos emprestando seus “binóculos da infância para observação do mundo”. Com eles podemos experimentar, mesmo na vida adulta, sensações genuinamente infantis.

### **Devaneios e lugares de experimentação**

Manoel de Barros, em seu livro “Memórias Inventadas”, nos apresenta com suas memórias infantis, e é impossível não relacionarmos as emoções transmitidas pelo poeta com os sentimentos de nossas próprias infâncias. Pequenos episódios em que criávamos mundos, histórias, fazíamos descobertas... Há teóricos que exploram as ideias de imaginação e do devaneio e de suas relações com o que há de mais humano: 10 sentir-se tocado por algo ou por alguém.

Se infâncias são singulares e estão atreladas às experiências que as cercam a partir do meio cultural, ocupamos um lugar bastante precioso e estratégico em tudo isso ao dispormos de um espaço físico e de toda sua aura envolvente com jardins, áreas de convivência, cinema, teatro, carros, prédios que contam histórias; todos esses são ambientes férteis para exploração, para exercícios de descoberta, de busca por vestígios e de criação potentes. Enquanto escrevemos, conseguimos visualizar cenas maravilhosas de encantamentos, surpresas e saias justas ocasionadas justamente por permitir me sentir provocada pelas crianças. Quando propomos em nossas visitas diálogos, e nos dispomos a ouvir “causos”, percepções sobre as obras, nos permitimos a rir e chorar juntos, justamente por nos deixarmos ser afetados. E esse espaço afetivo caracteriza esse encontro, como em grandes águas entre a imaginação, a experimentação com o corpo, com materiais plásticos, com questões a serem respondidas...

Que seja essa a nossa oportunidade de pensar as infâncias a partir do que pode existir de mais abundante: como presença, como afirmação e como força! E como escola para nós, adultos.

#primeira infância #mediação cultural  
#instituições culturais

**Andrea Lalli** é arte-educadora, graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-graduanda em Artes Visuais, Intermeios e Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Desenvolve práticas artísticas com temas relacionados a identidade brasileira e relações etnicorraciais em linguagens diversas como a xilogravura, a pintura e o bordado. Atuou como educadora do Programa CCBB Educativo – Arte & Educação no CCBB SP, buscando relacionar seu trabalho como educadora à sua produção artística.

**Arthur Queiroz** é bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Atuou como mediador de alunos autistas no município do Rio de Janeiro entre 2016 e 2017, pesquisando as relações de inclusão e exclusão no ambiente escolar. Integrou o Grupo de Trabalho Infâncias do Programa CCBB Educativo – Arte & Educação no CCBB RJ, tendo interesse no despertar do sujeito filosófico nas diversas idades.

**Bruna de Oliveira Martins** é graduanda em Antropologia na Universidade de Brasília (UnB). Pesquisa espaços museais, cultura material das populações indígenas brasileiras, museologia colaborativa/compartilhada e o encontro entre arte e antropologia. Realiza ainda algumas investigações poéticas sob o pseudônimo Frangalhos, a partir de colagens e intervenções digitais. Integrou o Grupo de Trabalho Outros Saberes do Programa CCBB Educativo – Arte & Educação no CCBB DF.

**Cintia Maria Ricardo** é mulher negra, mãe da Duda, atriz e pedagoga formada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Iniciou como arte-educadora em 2015 no Centro de Artes UFF e desde 2016 atua no CCBB RJ. Orienta suas pesquisas e práticas em direção à narrativa infantil em relação com a literatura, a oralidade e a contação de histórias. Foi educadora do Programa CCBB Educativo – Arte & Educação no CCBB RJ.

**Daniel Toledo** é mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e desenvolve pesquisa sobre *site-specificity*, descolonização e crítica da modernidade. Atua como dramaturgo, pesquisador e crítico em artes cênicas, performance e artes visuais. Foi repórter cultural, redator e colaborador do Jornal O Tempo, em Belo Horizonte, entre 2010 e 2015. É membro-associado do JA.CA – Centro de Arte e Tecnologia desde 2011 e atuou como coordenador editorial do Programa CCBB Educativo – Arte & Educação.

**Déborá Passos** é educadora em espaços expositivos de Brasília há dez anos, e desenvolve pesquisas poéticas em artes visuais desde 2012. Investiga formas orgânicas, as relações entre a humanidade e outras formas de vida e a ancestralidade, nas linguagens do bordado e da aquarela. Como educadora no Programa CCBB Educativo – Arte & Educação, esteve à frente do Grupo de Trabalho Outros Saberes no CCBB DF.

**Francisca Caporali** é fundadora e coordenadora artística do JA.CA – Centro de Arte e Tecnologia. Há 10 anos coordena residências artísticas, workshops, publicações e exposições, além de desenvolver projetos autorais. Mestre em Artes (MFA) pelo Hunter College, em Nova Iorque, e em Comunicação Audiovisual para Mídia Interativa pelo Mecad, em Barcelona. Atualmente é coordenadora geral e artística do Programa CCBB Educativo – Arte & Educação.

**Geancarlos Barbosa** é educador, bacharel e pesquisador em Artes formado pela Universidade Federal da Bahia. Atua em educação museal desde 2012, pesquisando o corpo e suas linguagens, assim como as várias formas de infâncias e práticas em acessibilidade. Foi educador do Programa CCBB Educativo – Arte & Educação no CCBB RJ.

**Geovana Freitas** é graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), cursando atualmente especialização em Arte, Cultura e Educação pela Unicesumar. Atua desde 2015 no campo da arte-educação, como educadora pelo SESC Araraquara e pelo CCBB DF, onde esteve à frente do Grupo de Trabalho infâncias. Em 2013 fundou e coordenou o coletivo Café das Pretas, se desdobrando em ações como o Sarau das Pretas e outras ações culturais e políticas voltadas ao aquilombamento de ideias e à escrita de novas narrativas sobre a mulher negra em diáspora.

**Guilherme Augusto** é graduado em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo pela UFMG. Atuou como assistente de comunicação no Programa CCBB Educativo – Arte & Educação.

**Janine Magalhães** é mulher negra, educadora, artista e artesã. Graduada em Artes Visuais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e pós-graduanda em Ensino de Artes Visuais pelo Colégio Pedro II. Atuou como educadora do Programa CCBB Educativo – Arte & Educação no CCBB RJ.

**Jéssica Cruz** estudou Cinema no Centro Universitário UNA e Artes Visuais na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Atualmente cursa pós graduação em Artes Plásticas e Contemporaneidade na Escola Guignard. Suas pesquisas tateiam as relações entre arte, arquitetura e cidade. Foi educadora referência do Grupo de Trabalho Infâncias do Programa CCBB Educativo – Arte & Educação no CCBB BH.

**João Paulo Andrade** é filósofo e mestre em Artes pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Arte-educador desde 2008, pesquisa e atua a partir de questões relacionadas à experiência estética, termos não hermenêuticos e modos de subjetivação. Integrou o Programa CCBB Educativo – Arte & Educação, atuando como educador referência do grupo temático Outros Saberes no CCBB BH.

**Júnior** é artista/pesquisador de questões referentes ao olhar sobre o cotidiano e estudante de Artes Visuais na Universidade de Brasília (UnB). Foi arte-educador estagiário do Programa CCBB Educativo – Arte & Educação no CCBB DF.

**Mari Lottí** é estudante do bacharelado em Artes Cênicas da Universidade de Brasília (UnB). Formada em licenciatura em Artes Cênicas pela mesma universidade, é atriz, manipuladora de bonecos cênicos, performer e pesquisadora de culturas latinoamericanas e hibridismos artísticos para processos educacionais. Foi arte-educadora estagiária do Programa CCBB Educativo – Arte & Educação no CCBB DF.

**Mariana Morais** é bacharel e licencianda em Artes Visuais pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Expôs no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, tem experiência com pesquisa curatorial e mediação cultural. Foi arte-educadora do Programa CCBB Educativo – Arte & Educação no CCBB RJ, investigando junto ao Grupo de Trabalho Infâncias os lugares e linguagens das infâncias na contemporaneidade.

**Mi Santiago**, mulher negra e estudante de pedagogia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Encontra-se em processo de formação no qual extrapola os muros da instituição. Vivente no universo artístico, trabalha como atriz e escritora, transitando entre a poesia e o teatro. Foi educadora do Programa CCBB Educativo – Arte & Educação no CCBB RJ.

**Raquel Tanaka** é brasileira com ascendência japonesa, escoteira de corpo e alma e estudante de Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário SENAC, buscando trazer vivências e experiências do escotismo para a vida. Aberta para novos aprendizados, sonhadora e esperançosa com a ideia do poder de mudar o mundo, mesmo com pequenos gestos. Foi arte-educadora estagiária do Programa CCBB Educativo – Arte & Educação no CCBB SP.

**Samantha Moreira** é artista, curadora e gestora cultural. Fundadora do Ateliê Aberto, em Campinas (SP), e do Chão SLZ, em São Luís (MA), e integrante do JA.CA – Centro de Arte e Tecnologia. Participou do 32º Panorama da Arte Brasileira no MAM SP, Rumos Artes Visuais Itaú Cultural, Temporada de Projetos Paço das Artes. Atua juntamente como espaços independentes parceiros no Brasil e no exterior. Atualmente é coordenadora geral e artística do Programa CCBB Educativo – Arte & Educação.

**Tatiana Duarte** é coordenadora pedagógica do Programa CCBB Educativo – Arte & Educação no CCBB DF. Mestre na linha de pesquisa Educação em Artes Visuais pela Universidade de Brasília (UnB), cursou Licenciatura e Bacharelado em Artes Plásticas na mesma instituição. É especialista em Arterapia em Educação e Saúde. Tem experiência em Educação em Artes Visuais na área de Saúde e Social, assim como na formação de professores do curso de Licenciatura em Artes Visuais (UnB), modalidade à distância, como professora tutora. É criadora, professora e gestora do Ateliê Habitat, oferecendo cursos, workshops e oficinas, e desenvolve poética com principal ênfase no corpo, participando de exposições artísticas desde 1998.

**Tiago Cruz** é bailarino, arteiro e pedagogo formado pela Universidade de Brasília. Pesquisador das relações entre imagem, educação, relações raciais e contemporaneidade, foi arte-educador do programa CCBB Educativo – Arte & Educação no CCBB DF.

**Valquíria Prates** é pesquisadora, educadora e curadora. Fundadora da AVE e da \_quadrado projetos\_, atua como colaboradora de museus, bibliotecas, universidades, escolas e instituições culturais realizando programas de educação, mediação e formação, fazendo curadorias de exposições e organizando publicações. No Instituto de Artes da Unesp, pesquisou processos de trabalho coletivo na tese “Como fazer junto: a arte e a educação na mediação cultural”. Atualmente é colaboradora do MIS SP, do MuBE (SP), da Casa do Rio (AM), do Instituto Usiminas e do JA.CA – Centro de Arte e Tecnologia (MG), onde atua como coordenadora pedagógica nacional do Programa CCBB Educativo – Arte & Educação.

**Coordenação Geral/Artística**

Francisca Caporali  
Samantha Moreira

**Coordenação Pedagógica, Acesso e Participação**

Valquíria Prates

**Coordenação de Gestão**

Júlia Mesquita

**Coordenadores**

Marcio Harum (SP)  
Mateus Mesquita (BH)  
Pablo Lafuente (RJ)  
Yana Tamayo (DF)

**Coordenação de Comunicação**

Sarah Matos

**Assistente de Comunicação**

Guilherme Augusto

**Estagiária de Comunicação**

Júlia Duarte

**Coordenação de Design**

Gabriel Figueiredo

**Design**

Marcio Gabrich

**Assistentes de Design**

Artur Souza  
Caio Rodrigues

**Coordenação Editorial**

Daniel Toledo

**Produção Executiva**

Alexandra Duarte

**Assistentes Financeiros**

Gustavo Carvalho  
Francescole Oliveira

**Assistente de Departamento****Pessoal**

Eduardo Pereira

**Estágio Administrativo**

João Delgado

**Assessoria Jurídica**

Oliveira Lima S.I. Advocacia

**Coordenação Pedagógica**

Cauê Donato (SP)  
Maria Clara Boing (RJ)  
Pompea Tavares (BH)  
Tatiana Duarte (DF)

**Coordenação de Produção**

Camila Pires (DF)  
Lígia Giudici (SP)  
Marianne Giuliano (RJ)  
Ualace Miliorini (BH)

**Auxiliares Administrativos**

Camila Santos (BH)  
Jessica Lopes Tavares (SP)  
Pablo Amorim (RJ)  
Welma Cardoso Soares (DF)

**Educadores (BH)**

Jéssica Cruz  
João Paulo Andrade  
Milton Lira  
Pedro Ton

**Estagiários (BH)**

Ana Batista  
Dyego de Souza  
Isabel Falabella  
Isabella Machado  
Izabella Coelho  
Laís Flor  
Lucas Jesus  
Maicon Corleone  
Tamires da Mata  
Thiago Barbosa  
Thomás Bastos  
Wendel Francis

**Educadores (DF)**

Débora Passos  
Geovana Freitas  
Luana Cavalcante  
Tiago Cruz

**Estagiários (DF)**

Bruna de Oliveira  
Douglas Ferreira  
Isadora Godoy  
Junior Fernandes  
Marcela Villa Real  
Mari Lotti  
Milca Orrico  
Maria Alves  
Nina Maia  
Pedro Seixlack  
Raiany Capreta

**Educadores (RJ)**

Cintia Ricardo  
Daniel Bruno  
Geancarlos Barbosa  
Janine Magalhães

**Estagiários (RJ)**

Agrippina Cândido  
Arthur Queiroz  
Giselle Magioli  
Gustavo Barreto  
Jonathan Araujo  
Juliana Costa  
Lia Soares  
Michelly Santiago  
Nelson Almeida  
Sheila Azevedo  
Thainá Nunes  
William Araujo

**Educadores (SP)**

Andréa Lalli  
Gabrielle Martins  
Juba Duarte  
Pedro Ricardo

**Estagiários (SP)**

Bárbara Alves de Matos  
Gabriel Cardoso  
Marcela Lima Cunha  
Maristely Souza  
Matheus Alves Sampaio  
Rannaie Pankararé  
Raquel Tanaka  
Victor César

**Assessoria de Imprensa**

A Dois Comunicação (RJ)  
Agência Fervo (SP)  
Conteúdo Comunicação (DF)  
Doizum Comunicações (BH)

A toda equipe da DIMAC e Banco do Brasil.

A todas as equipes do CCBB BH, CCBB DF, CCBB RJ e CCBB SP.

A todas as equipes parceiras que atuam conosco nos CCBBs.

A todos os artistas que estiveram conosco nas programações e atividades do programa.

A Dois Comunicação, Adelante Comunicação, Agência Fervo, Agência Gallo, Agnes Antunes Felipe, Agrippina Candido, Viegas Pequeno, Alexandra Duarte, Alice de Lima Nin Ferreira, Amanda Campos de Freitas Candido, Amanda de Fatima Cuesta, Amanda Ehrhardt Chericí Nogueira, Ana Amelia Goncalves Batista, Ana Cristina Bruno Soares, Ana Julia Pontual Kehl, Ana Luisa Cruz Nunes, Ana Paula Valvassori Bittencourt, Anderson Silva de Matos, Andrea Lalli De Freitas, Andrei Thomaz (Maldelbrot Estúdio), Angelica Yonghui Wenjun, Arthur Queiroz Serra de Castro, Artur Souza, Barbara Alves de Matos, Beatriz Antunes Fonseca, Bitu Cassundé, Bruna de Oliveira Martins, Caio Rogrigues, Camila Pereira Pires, Camila Santos Cardoso, Cauê Donato Silva Araujo, Cinco em Ponto, Cintia Maria da Cunha Ricardo, Clara Lobato Buganeme Pereira, Constantin de Tugny, Conteúdo Comunicação, Cristiane Farias Pereira, Daniel Bruno Nogueira, Daniel Toledo, Daniella Domingues, Daphny Gineta Paloma Lima, Davi da Silva Vasconcelos, David Castro Almeida, Debora Elise de Almeida, Debora Ester Sharon Passos Teixeira, Doizum Comunicações, Douglas Ferreira da Silva, Dyego Henrique Machado de Souza, Eduardo Pereira, Emanuelle Santos Feitosa, Emerson Prata, Erika Lemos, Estúdio Cajuina, Fabiola Alessandra Rodrigues, Fauston Henrique Della Flora Zandona, Fernando Henrique Freitas e Silva Derzie, Flavia Santos Sant Anna, Francescole Oliveira, Francisca Caporali, Gabriel Alexandre dos Santos, Gabriel Cardoso Gonzaga, Gabriel Figueiredo, Gabriela Queiroz Freire, Gabrielle dos Santos Martins, Geancarlos Nascimento Barbosa, Geovana Cristina Pereira de Freitas, Giovanna Costanza Araujo Palatucci, Giselle Magioli Fernandes da Silva, Gleyce Kelly Heitor, Guilherme Augusto, Guilherme Augusto Rodrigues Gomes, Gustavo Barreto de Oliveira, Gustavo Carvalho, Helio Alves de Melo Neto, Isabel Falabella Ricaldoni, Isabella Machado Alberti, Isadora Godoy Lopes, Isadora Maria Figueiredo Vitti, Izabella Coelho de Souza, Izabella Lucia Costa Amorim, Janine Bispo de Magalhaes, JDL Acessibilidade na Comunicação, Jeniffer Leocadio Silva, Jennyfer Hellyenai Araújo de Miranda, Jessica Danuza Goncalves Cruz, Jessica Lopes Tavares, Joao Henrique Machado Delgado, João Paulo Andrade da Silva, Jonathan Araujo Barreto de Souza, Jonathan Machado da Fonseca, Jose Arnaldo Fernandes Junior, Julia Duarte da Cunha, Júlia Mesquista, Júlia Vasconcelos, Juliana Costa de Souza, Juliane Duarte Prado, Jurandy Valenca Perciano, Kalinka Carmo Campos Lopes Batista, Karoline de Araujo Carvalho, Katalina Farias Carneiro Leao, Kawany Tamoyos Silva e Sousa, Keila Salvador, Kerson Lucio de Freitas dos Santos, Laís Flor de Oliveira, Laís Pinheiro de Moraes, Laura Januzzi Millo, Leo Passos, Leticia Matos Magalhaes, Lia Soares da Silva, Lígia Goncalves de Oliveira Giudici, Lorena Franca Araujo, Lorena Oliveira Lima, Luana de Souza Cavalcante, Lucas Eustaquio Vieira de Jesus, Lucas Ferreira da Silva, Lucas Mendes Menezes, Luciana Teixeira de Vasconcelos, Luísa Barbosa Severo, Luiz Torres, Maicon Jefferson da Cruz, Marcela Lima Cunha, Marcela Rossiter Lima Costa, Marcela Villa Real Franco Tavares, Márcio Gabrich, Márcio Harum, Marcos Lou Ogawa Freire, Maria Clara Baldez Boing, Maria da Guia Carolina Rodrigues Ribeiro, Maria Eduarda Krasny de Souza da Silva, Maria Karoline Alves de Sousa, Mariana Moraes Graça Pereira, Marianne Giuliano, Marina Brasil Barbosa, Marina dos Anjos Verzutti Fonseca, Marina Maia Nobre de Figueiredo, Maristely Souza da Silva, Mateus Mesquita, Matheus Alves Sampaio, Mauricio Ferreira Borges Junior, Maycon Marques Calasancio, MBM Contabilidade e Consultoria Michelly Regina Vicente Santiago, Milca Maria Orrico da Conceicao, Milton Eduardo Lira, Mohamed Azambuja, Monique Raiane Mendes Chagas, Natasha Carvalho Baur, Nelson Almeida da Silva, Nina Lavezzo de Carvalho, Pablo Amorim da Silva, Pablo Lafuente, Paula Lobato, Paulo Vinicius Lima Batista, Pedro Ricardo Cunha Silva, Pedro Seixlack Veloso de Melo, Pedro Siqueira de Almeida da Cruz, Polyana Lourenço, Pompea Auter Tavares, Ra.mov Filmes, Rafael Jose Bandeira da Penha, Rafael Lima (Oliveira Lima S.I. Advocacia), Raiany Carvalho dos Anjos, Raíssa Leão, Rannaie Granjeiro da Silva, Raquel Mitie Tanaka, Renan Ribeiro de Figueiredo, Ricardo Mehedff, Robson de Souza Romano dos Santos, Rodrigo Batista Ferreira da Silva, Rosane Lucas, Rosely Lucas, Samantha Moreira, Sarah Matos, Sheila Garcia de Azevedo, Sillas Henrique de Paula, Stephanie Oliveira da Silva, Tamires Lorena da Mata, Tassiana Rodrigues Carneiro Vaz, Tatiana Duarte Menezes, Tatiana Richard, Tayná Leoncio Silva, Thainá Nunes Vieira, Thalita Mendes Moreira, Thalita Passos Produção, Thiago Matheus Viana Barbosa, Thomas Bastos Loes, Tiago Augusto Ferreira da Cruz, Tiago Batistone de Lima, Ualace Durvilho Miliorini, Valquíria Prates, Vanessa da Silva Santos, Victor Cesar Costa, Victor Velú Fonseca Zaiden Soares, Vivian Belloto, Viviane Cristina Pinto, Wellington Pedro, Welma Cardoso Soares, Wendel Francis Gomes Silva, Wesley Machado da Silva, William Araujo Barreto de Souza, Yana Tamayo, Zaika Dos Santos.

## CRÉDITOS DAS IMAGENS

---

As fotografias que integram esta publicação são de autoria da equipe do Programa CCBB Educativo – Arte & Educação e profissionais contratados para o serviço de documentação, com direitos autorais cedidos ao JA.CA – Centro de Arte e Tecnologia, exceto as imagens relacionadas a seguir, que integram acervos de exposições realizadas no Centro Cultural Banco do Brasil e de artistas, pesquisadoras e pesquisadores convidados a participar das atividades do Programa CCBB Educativo – Arte & Educação:

**pag 12, 23 e 93**

Coletivo Antônia, espetáculo VOA  
Foto: Maíra Zannon

**pag 22**

Coletivo Antônia  
Foto: Thaís Mallon

**pag 23**

Coletivo Antônia, espetáculo VOA  
Foto: Maíra Zannon

**pag 23**

Coletivo Antônia, espetáculo BUBUIA  
Foto: Sabrina Rocha

**pag 93**

Coletivo Antônia, espetáculo VOA  
Foto: Maíra Zannon

**pag 64**

Foto: Bruno Senna

**pag 65**

Foto: Ignacio Aronovich

**Supervisão editorial**

Francisca Caporali, Samantha Moreira e Valquíria Prates

**Organização e edição**

Daniel Toledo

**Coordenação de design**

Gabriel Figueiredo

**Projeto gráfico**

Caio Rodrigues

**Revisão**

JA.CA – Centro de Arte e Tecnologia

---

Daniel Toledo (org.)

Cadernos de mediação cultural: Para todas as idades

Belo Horizonte: JA.CA, 2020.

110p.; 25x36cm

(Cadernos de mediação cultural; 2)

Continua com: Cadernos de mediação cultural: Práticas artísticas e pedagógicas

---

ISBN:

1. Mediação cultural. I. Toledo, Daniel (org.). II. Série

---

JA.CA – Centro de Arte e Tecnologia

Rua Vitória, 886

34000-000

Nova Lima, MG

Rua Tomé de Souza, 810 – Sala 202

30140-130

Belo Horizonte, MG

[www.jaca.center](http://www.jaca.center)



Educativo



Realização

SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO



PÁTRIA AMADA  
**BRASIL**  
GOVERNO FEDERAL